

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



O MITO DA CINDERELA

A RELAÇÃO COM A MADRASTA NA PRÉ-ADOLESCÊNCIA FEMININA

Susana Jorge da Silva

Nº11898

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

O MITO DA CINDERELA

A RELAÇÃO COM A MADRASTA NA PRÉ-ADOLESCÊNCIA FEMININA

Susana Jorge da Silva

Dissertação orientada por: Prof^a. Doutora Ângela Vila Real

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Prof^a.
Doutora Ângela Vila Real apresentada no Instituto Superior
de Psicologia Aplicada para obtenção do grau de Mestre na
especialidade de clínica conforme o despacho da DGES,
nº19673/2006 publicado em Diário da República 2ª Série de
26 de Setembro, 2006.

*“(...) passei o dia todo muito calada
nem sei o que é que se passa comigo”*

*Excerto do diário de uma
menina de onze anos.*

*“combínámos ir todos à praia no dia
a seguir e fomos (eles eram
surfistas) e o mais giro era o André,
nesse dia veio-me o período.”*

Ibidem, doze anos.

*“(...) depois olhei para cima e ele
estava a olhar e depois ficamos a
olhar um para o outro durante 3
segundos, o que não parece muito,
mas é.”*

Ibidem, treze anos

NOME: Susana Jorge da Silva

NºALUNO: 11898

CURSO: Mestrado Integrado em Psicologia

ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO: Clínica

ANO LECTIVO: 2007/2008

ORIENTADOR: Prof^a. Doutora Ângela Vila Real

DATA: 17 de Dezembro 2008

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: O Mito da Cinderela: A Relação com a Madrasta na Pré-Adolescência Feminina

RESUMO

A presente investigação tem como finalidade o estudo da relação com a madrasta na pré-adolescência feminina. São objectivos do estudo a descrição e compreensão da forma como as pré-adolescentes de onze e treze anos representam a madrasta, a relação com a madrasta e a evolução da relação com a mesma. Para este estudo foi construído um guião de entrevista e realizadas vinte entrevistas semi-directivas a dez raparigas de onze anos e dez raparigas de treze anos. As entrevistas foram posteriormente analisadas qualitativamente através de grelhas de categorias construídas para o efeito. Os resultados encontrados demonstram que em ambos os grupos, o tipo de relação estabelecida com a madrasta é, regra geral, positiva. A madrasta é maioritariamente representada como uma amiga. A designação da madrasta como namorada do pai é mais comum no grupo das meninas mais velhas. Os conflitos mais frequentes no grupo das meninas mais novas estão relacionados com a insegurança face à permanência do amor do pai. A lealdade marcada com a mãe, principalmente nas meninas de onze anos foi transportada e reflectida em todas as respostas dadas. No grupo dos treze anos os conflitos remetem para a rivalidade edipiana. Em ambos os grupos o desejo de mudança relacional foi pouco expressivo. Palavras-chave: *Pré-adolescência feminina, Madrasta, Recasamento*

The Myth of the Cinderella: The Relation with the Stepmother in the Feminine Preadolescence.

ABSTRACT

The present inquiry has as purpose the study of the relation with the stepmother in the feminine preadolescence. The description and understanding of the way that eleven and thirteen years preadolescents represent the stepmother, the relation with the stepmother and the evolution of the relation with the same one is the aim of this study. For this study a script of interview was constructed and carried through twenty semi-structured interviews of ten young girls of eleven and ten of thirteen years. The interviews later had been analyzed qualitatively through grates of categories constructed for the effect. The joined results demonstrate that in both groups, the type of relation established with the stepmother is, general rule, positive. The Stepmother is majority represented as a friend. The designation of the stepmother as the father's girlfriend is more used in the group of the oldest girls. The conflicts, more frequent in the group of the younger girls are related with the unreliability face the permanence of the love of the father. The marked loyalty with the mother, mainly in the girls of eleven years was carried and reflected in almost all answers. In the group of the thirteen years the conflicts send us for the oedipical rivalry. In both groups the desire of a relation change was little expressive. Keywords: *Stepmother, Feminine Preadolescence, Remarriage.*

Agradeço à Prof^a. Doutora Ângela Vila Real pela preciosa orientação e por mais uma vez me ajudar a descomplicar o complicado.

A todas as meninas que participaram neste estudo, por terem generosamente partilhado connosco um pouco das suas vidas.

Agradeço à Elsa, Cláudia, Catarina e Joana, colegas e amigas por sempre me ajudarem a reencontrar, reequilibrar e reabastecer alegrias e tristezas.

Aos meus Pais, Irmã, Padrasto, Meios-Irmãos e Madrasta por enriquecerem a minha vida.

Aos meus Sobrinhos, pelo amor genuíno e incondicional.

RESUMO

A presente investigação tem como finalidade o estudo da relação com a madrasta na pré-adolescência feminina. São objectivos do estudo a descrição e compreensão da forma como as pré-adolescentes de onze e treze anos representam a madrasta, a relação com a madrasta e a evolução da relação com a mesma. Para este estudo foi construído um guião de entrevista e realizadas vinte entrevistas semi-directivas a dez raparigas de onze anos e dez raparigas de treze anos. As entrevistas foram posteriormente analisadas qualitativamente através de grelhas de categorias construídas para o efeito. Os resultados encontrados demonstram que em ambos os grupos, o tipo de relação estabelecida com a madrasta é, regra geral, positiva. A madrasta é maioritariamente representada como uma amiga. A designação da madrasta como namorada do pai é mais comum no grupo das meninas mais velhas. Os conflitos mais frequentes no grupo das meninas mais novas estão relacionados com a insegurança face à permanência do amor do pai. A lealdade marcada com a mãe, principalmente nas meninas de onze anos foi transportada e reflectida em todas as respostas dadas. No grupo dos treze anos os conflitos remetem para a rivalidade edipiana. Em ambos os grupos o desejo de mudança relacional foi pouco expressivo.

Palavras-chave: *Pré-adolescência feminina, Madrasta, Recasamento*

ABSTRACT

The present inquiry has as purpose the study of the relation with the stepmother in the feminine preadolescence. The description and understanding of the way that eleven and thirteen years preadolescents represent the stepmother, the relation with the stepmother and the evolution of the relation with the same one is the aim of this study. For this study a script of interview was constructed and carried through twenty semi-structured interviews of ten young girls of eleven and ten of thirteen years. The interviews later had been analyzed qualitatively through grates of categories constructed for the effect. The joined results demonstrate that in both groups, the type of relation established with the stepmother is, general rule, positive. The Stepmother is majority represented as a friend. The designation of the stepmother as the father's

girlfriend is more used in the group of the oldest girls. The conflicts, more frequent in the group of the younger girls are related with the unreliability face the permanence of the love of the father. The marked loyalty with the mother, mainly in the girls of eleven years was carried and reflected in almost all answers. In the group of the thirteen years the conflicts send us for the oedipical rivalry. In both groups the desire of a relation change was little expressive.

Keywords: *Stepmother, Feminine Preadolescence, Remarriage*

ÍNDICE

1- INTRODUÇÃO	1
1.1- Fundamentação Teórica	5
1.1.1- O Pré-Adolescente na Família Recompоста	5
1.1.2- A Pré-Adolescência	7
1.1.3- A Puberdade Feminina	10
1.1.4- Características Psicológicas da Pré-Adolescente	11
1.1.5- A Relação Mãe-Filha	12
1.1.6- A Relação Enteada – Madrasta	14
1.2- Formulação do Problema	16
1.3- Objectivos do Estudo	18
1.4- Questões de Investigação	18
2- MÉTODO	19
2.1- Delineamento	19
2.2- Procedimento	20
2.3- Participantes	21
2.4- Instrumento	24
2.4.1- Guião de Entrevista	25
2.4.2- Justificação do Guião	27
2.5- Considerações Metodológicas	30
2.6- Elaboração da Grelha de Análise	32

3- APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	37
3.1- Grupo A – 11 anos	37
3.2- 1ª Categoria- <i>A Madrasta</i>	37
3.3- 2ª Categoria- <i>Relação com a Madrasta</i>	38
3.4- 3ª Categoria- <i>Marcos Importantes</i>	41
3.5- Grupo B – 13 anos	42
3.6-1ª Categoria- <i>A Madrasta</i>	42
3.7- 2ª Categoria- <i>Relação com a Madrasta</i>	43
3.8- 3ª Categoria- <i>Marcos Importantes</i>	45
4- DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	47
5- CONCLUSÃO	66
5.1- Limitações do estudo	68
5.2- Sugestões para futuros trabalhos de investigação	68
6- REFERÊNCIAS	70
7- ANEXOS	75
ANEXO A: Carta de Consentimento Informado	76
ANEXO B: Questionário de Selecção	78
ANEXO C: Guião da Entrevista	80
ANEXO D: Grelha de Análise do Grupo A	84
ANEXO E: Grelha de Análise do Grupo B	96
ANEXO F: Entrevistas-GRUPO A	110
ANEXO G: Entrevistas-GRUPO B	158

ÍNDICE DE TABELAS

Grelha de Análise do Grupo A (ANEXO D)	84
1ª Categoria - A MADRASTA	85
Tabela 1.1 – 1ª Subcategoria: <i>Como a Designam</i>	85
Tabela 1.2 – 2ª Subcategoria: <i>Como a Descrevem</i>	86
Tabela 1.3 – 3ª Subcategoria: <i>Como a Representam</i>	88
2ª Categoria – A RELAÇÃO COM A MADRASTA	89
Tabela 2.1 – 1ª Subcategoria: <i>Evolução Relacional</i>	89
Tabela 2.2 – 2ª Subcategoria: <i>Tipo De Relação</i>	90
Tabela 2.3 – 3ª Subcategoria: <i>Percepção e</i> <i>Reciprocidade Afectiva</i>	91
Tabela 2.4: 4ª Subcategoria: <i>Conversas</i>	91
Tabela 2.5: 5ª Subcategoria: <i>Actividades Conjuntas</i>	92
Tabela 2.6: 6ª Subcategoria: <i>Conflitos</i>	93
3ª Subcategoria – MARCOS IMPORTANTES	94
Tabela 3.1 – 1ª Subcategoria: <i>Apresentação à Madrasta</i>	94
Tabela 3.2 – 2ª Subcategoria: <i>Mudança Vivencial</i>	95
Tabela 3.3 – 3ª Subcategoria: <i>Histórias</i>	95
Grelha de Análise do Grupo B (ANEXO E)	96
1ª Categoria - A MADRASTA	97
Tabela 13.1 – 1ª Subcategoria: <i>Como a Designam</i>	97
Tabela 13.2 – 2ª Subcategoria: <i>Como a Descrevem</i>	98
Tabela 13.3 – 3ª Subcategoria: <i>Como a Representam</i>	100
2ª Categoria – A RELAÇÃO COM A MADRASTA	101
Tabela 14.1 – 1ª Subcategoria: <i>Evolução Relacional</i>	101
Tabela 14.2 – 2ª Subcategoria: <i>Tipo De Relação</i>	102
Tabela 14.3 – 3ª Subcategoria: <i>Percepção e</i>	

<i>Reciprocidade Afectiva</i>	103
Tabela 14.4: <i>4ª Subcategoria: Conversas</i>	103
Tabela 14.5: <i>5ª Subcategoria: Actividades Conjuntas</i>	104
Tabela 14.6: <i>6ª Subcategoria: Conflitos</i>	105
3ª Subcategoria – MARCOS IMPORTANTES	106
Tabela 15.1 – <i>1ª Subcategoria: Apresentação à Madrasta</i>	106
Tabela 15.2 – <i>2ª Subcategoria: Mudança Vivencial</i>	107
Tabela 15.3 – <i>3ª Subcategoria: Histórias</i>	108

1-INTRODUÇÃO

Segundo os últimos indicadores demográficos do INE, o número de divórcios atingiu em Portugal o valor mais alto de sempre no ano 2007, quando terminou um em cada dois casamentos. Ao mesmo tempo os segundos casamentos continuam a aumentar em Portugal, representando já 23% do total de casamentos (INE, 2008).

De acordo com Lobo e Conceição (2003), o *recasamento*, entendido como o casamento de indivíduos que passaram por uma anterior relação - terminada por motivo de viuvez ou de divórcio - apresenta-se como uma prática com reduzida expressão no panorama geral do casamento, mas com maior significado no âmbito do divórcio em Portugal. Este movimento de subida dos recasamentos, do aumento do número de divórcios, e da descida da nupcialidade insere-se num conjunto mais vasto de indicadores demográficos reveladores das profundas transformações registadas, desde a década de 1970 na família em Portugal. No mesmo estudo verifica-se que 65% dos homens e mulheres que recasaram têm filhos dos casamentos anteriores.

Estimativas indicavam que 35% das crianças nascidas no início dos anos 80 iriam viver com um padrasto/madrasta antes dos 18 anos de idade, sendo que 25% das famílias americanas seriam já famílias recompostas Glick (1989), em Portugal o número parece rondar os 13% (Lobo e Conceição, 2003).

Para Gameiro (2001), a criação de uma nova família é sempre precedida da existência de uma ou duas famílias intactas, de onde provêm os elementos que irão formar outra família. Para estas famílias tem sido usada a expressão famílias reconstruídas, pretendendo-se com a palavra reconstruída dar ênfase à “destruição” familiar anterior. O mesmo autor não considera que o elemento central destas famílias sejam as sequelas da ruptura relacional anterior, mas antes a complexidade das suas interações e relações, assim como a riqueza das novas formas de afecto implícitas nestes sistemas familiares. Assim, neste estudo optou-se pela designação famílias recompostas, tentando dar ênfase ao “compor de novo” mais do que ao que se “decompôs”. Torna-se assim, cada vez mais urgente o olhar atento sobre estas novas famílias recompostas, sobre estas dinâmicas relacionais que vão trilhando o seu caminho por intuição, pesando a insegurança face à indefinição e a ausência de modelos a seguir.

Os níveis elevados de divórcio e recasamentos afectaram dramaticamente o contexto familiar dos adolescentes. Segundo Glick (1989), é mais frequente do que em gerações anteriores que um adolescente viva numa família recomposta, fazendo com que o desenvolvimento do adolescente seja muitas vezes dificultado pelas mudanças resultantes do divórcio e recasamento dos pais.

O impacto das transições matrimoniais dos pais no desenvolvimento e adaptação do adolescente coloca-os num risco acrescido de dificuldades psicossociais, de aprendizagem e problemas de saúde (Bray & Hetherington, 1993; Vuchinich et al., 1991).

Bray (cit. por Bray & Harvey, 1995) descobriu que, apesar de os pré-adolescentes de uma família recomposta serem semelhantes aos pré-adolescentes de famílias intactas durante um certo período de tempo, apresentavam mais problemas de comportamento ao chegar à adolescência. Mais, estudos de Vuchinich et al., (1991) demonstraram que formar uma família recomposta durante a pré-adolescência pode ser particularmente difícil, respondendo os adolescentes com elevados níveis de externalização.

Para a maior parte dos adolescentes o aumento de problemas de comportamento ou o reaparecimento dos mesmos estão relacionados com questões não resolvidas relativas ao divórcio dos pais (Bray & Harvey, 1995).

Tem surgido um crescente consenso entre investigadores na área da família de que muitos dos desafios que as famílias recompostas enfrentam gira em torno do papel do padrasto/madrasta (Church; Crosbie-Burnett; Erera- Weatherly; Fine; Fine, Coleman, & Ganong cit. por Schrod, 2006).

Como demonstraram Ganong & Coleman (cit. por Schrod, 2006) a relação madrasta/padrasto-enteada(o) é tipicamente considerada a relação mais desafiante e problemática destas novas famílias.

Coleman et al, (2000) chamam a atenção para a importância de estudar a perspectiva do enteado/a, pois apesar de alguns estudos terem fornecido já alguns dados relevantes, estes parecem ter ainda pouca expressão.

Baxter et al. (cit por Schrod, 2006) conduziram um estudo que lhes permitiu identificar três contradições base presentes na comunicação entre padrasto/madrasta e enteada(o). Em primeiro lugar os enteados expressam simultaneamente proximidade emocional e distância enquanto reflectem acerca da comunicação com o padrasto/madrasta; em segundo lugar, os

enteados (as) expressam o desejo de uma comunicação aberta, no entanto e simultaneamente resistem a essa mesma abertura, favorecendo paradoxalmente uma comunicação menos calorosa. Por último, o mesmo estudo identificou que o enteado/a experiencia uma tensão entre o desejo de que a autoridade familiar resida apenas no pai ou mãe e o desejo de que ambos (progenitor e padrasto/madrasta) partilhem a autoridade parental. Alguns enteados/as expressam resistência face à autoridade do padrasto/madrasta, no entanto e ao mesmo tempo, eles apreciam e desejam muitos dos comportamentos parentais que os/as padrastos/madrastas adoptam. Consequentemente, os enteados/as podem inicialmente preferir que o/a padrasto/madrasta actue como um amigo que dá suporte, mas que não controla (Bray & Harvey, 1995).

Vários estudos demonstram ainda que crianças que passam pelo divórcio dos pais entre os quatro e os seis anos (durante o período Edipiano) têm mais problemas de comportamento ao entrarem na adolescência (Bray & Kelly, 1998).

De acordo com Bray & Harvey (1995) as relações entre os membros das famílias recompostas variam ao longo do tempo e são naturalmente afectadas pelas questões do desenvolvimento inerentes à família como um sistema e pelo desenvolvimento individual de cada membro. Assim, no caso de uma família recomposta com crianças pequenas, as questões de desenvolvimento são coincidentes uma vez que tanto as crianças, como a família necessitam de relações próximas e coesas. Mas no caso de famílias com adolescentes, a família está a tentar uma unidade familiar coesa, enquanto os adolescentes estão a tentar separar-se da família e por isso querem estar menos coesos e mais separados da unidade familiar.

Está bastante generalizada a ideia de que as madrastas enfrentam maiores desafios que os padrastos (Burgoyne & Clark, Clulow, Pasley et al., Robinson, Spruijt & de Goede cit. por Pacey, 2005). Por mais carinhosa e por maior que seja o esforço, a madrasta poderá ser odiada, pelo menos inicialmente, pela enteada. As famílias recompostas têm tendência a colocar expectativas mais elevadas às madrastas do que aos padrastos (Visher & Visher, 1988).

Assim, a complexidade que envolve a figura da madrasta encontra-se reflectida desde a literatura infantil até às pesquisas mais recentes sobre o papel da mulher e da mãe no quotidiano social (Falcke & Wagner, 2000).

À mãe, geralmente, atribui-se a ideia mítica de ideal de amor e afeição, e apesar do crescente questionamento sobre o amor materno incondicional e inato, a visão da mãe ideal, responsável pelo bem-estar psicológico e emocional da família, ainda está bastante presente na literatura e no senso comum (McGoldrick & Carter, Smith & Teyber cit. por Falcke & Wagner, 2000).

Por outro lado, Cinderela e Branca de Neve ensinam-nos, há muito tempo, que as madrastas são egoístas, frias e cruéis (Teyber cit. por Falcke & Wagner, 2000). Sentimentos de baixa auto-estima, ansiedade, hostilidade, culpa e melancolia são comumente relacionados com a imagem desta personagem (Bassoff cit. por Falcke & Wagner, 2000).

A utilização da expressão “*Mito da Cinderela*” tem-se assim continuado a espalhar, indicando ou perpetuando os significados pejorativos associados às famílias recompostas dentro da cultura dominante das famílias “intactas”.

É no âmbito das relações que se estabelecem nas novas composições familiares que este estudo se insere. Mais especificamente iremos aprofundar a relação entre madrastas e enteadas pré-adolescentes.

Iniciaremos este estudo com uma breve abordagem ao pré-adolescente na família recomposta, seguindo, de uma forma mais aprofundada, para a puberdade e pré-adolescência feminina. Posteriormente, mesmo antes de chegarmos ao método tentaremos aprofundar a implicação que a madrasta (e também a mãe) têm na vida da menina pré-adolescente.

No final da revisão da literatura, chegamos finalmente à parte prática do trabalho, em que analisaremos qualitativamente a relação com a madrasta na menina de onze e treze anos. Serão então apresentados os aspectos metodológicos, os resultados obtidos e a respectiva análise desses dados.

Terminaremos esta viagem científica com a discussão dos resultados obtidos e consequente conclusão.

1.1- Fundamentação Teórica

1.1.1- O Pré-Adolescente na Família Recompоста.

Já não restam muitas dúvidas de que o processo das transições familiares envolvendo divórcio, separações de facto, e segundas uniões são um factor acrescido de ansiedade para os adolescentes (Collins et al., 1995).

Alguns dos factores negativos para as crianças e adolescentes que entram numa família recompоста após o divórcio dos pais passam pelo sofrimento face à perda da família anterior; a divisão das lealdades entre o progenitor que deixa a casa e o padrasto/madrasta; o receber menos atenção do pai/mãe que têm uma nova relação e por último, fantasias de que os pais se irão voltar a reunir (Visher & Visher, 1988).

Poucas crianças desejam a separação dos pais, e muitas delas mantêm-se ressentidas face ao novo casamento dos pais (Clingempeel & Segal, 1986).

No entanto, quando o conflito entre os pais se apaziguou após a separação e a criança conseguiu manter relações regulares com ambos os pais, não parece que esta situação seja origem de conflitos suplementares. Até pelo contrário, o conflito com os pais poderá ser menos intenso, o trabalho de desidealização parental menos agudo, devido ao facto de a criança já ter adquirido um certo distanciamento em relação às figuras parentais.

Todavia, podemos notar que o conflito se centra frequentemente no padrasto/madrasta, quando os pais se voltam a casar. A jovem recusa a falar-lhe, receber qualquer tipo de ordem ou conselho que venha da parte de um “estranho”, e procura dispôr a vida doméstica de modo a não o encontrar. Este padrasto (ou madrasta) transforma-se no alvo natural do conflito de gerações, o que por vezes tem como efeito paradoxal a preservação da estima em relação aos pais. As mudanças na estrutura familiar e a dificuldade na definição dos novos papéis e padrões de relação fazem com que a adaptação à segunda união seja um processo mais complexo do que o próprio divórcio, especialmente em crianças mais velhas.

O divórcio envolve muitas vezes um conflito familiar e uma diminuição no contacto com o pai ou mãe que não fica a viver com o filho; a segunda união tipicamente adiciona novas fontes de ansiedade: como o aparecimento de um padrasto/madrasta; mudança na relação com o pai/mãe que deixa de residir com o filho, que a maior parte das vezes resulta em níveis inferiores de intimidade e maior conflito, e na possibilidade de relações com “meios-irmãos” (Furstenberg; Hetherington; Stanley-Hagan, & Anderson; Zill cit por Collins et al., 1995).

Após o divórcio, o maior contacto e uma melhor relação entre o progenitor que deixa de viver sob o mesmo tecto e o pré-adolescente é habitualmente relacionado com um melhor ajustamento para o jovem, no entanto, o que acontece frequentemente é a diminuição das visitas ao pai após o seu recasamento (Keshet, 2001).

Raiva e ressentimento provocados pelo divórcio poderão ressurgir então após a segunda união dos pais, em que alguma esperança de reconciliação é agora posta de parte. Os adolescentes poderão repentinamente mostrar-se zangados com o divórcio ou tratar a madrasta/padrasto com raiva e ressentimento, apesar de uma boa relação antes da união. Estas possíveis mudanças indicam que o divórcio “emocional” ainda não foi completamente resolvido (Bray & Harvey, 1995).

É também natural que as crianças ajam de forma diferente após uma visita a casa do pai/mãe devido aos laços de lealdade ou por causa da dificuldade de adaptação a diferentes regras e expectativas em sistemas de família separados.

Os adolescentes poderão ter uma especial dificuldade em adaptarem-se a uma nova figura de autoridade no sistema familiar, numa altura do desenvolvimento em que procuram uma maior autonomia em vez de um “reforço” parental e coesão familiar (Morin et al cit. por Pacey, 2005). Para os adolescentes a lidarem com a emergente sexualidade, a intensidade sexual do novo casal poderá também ser inquietante e perturbadora (Pacey, 2005).

Mais, a preocupação e a sensibilidade relativa à sexualidade que se intensifica nesta fase podem fazer com estes adolescentes, especialmente as meninas, fiquem “desconfortáveis” face à presença de um adulto homem sem laços biológicos para com elas (Hetherington, 1993).

1.1.2- A Pré-Adolescência

Os conceitos de Margaret Mahler (1977), desenvolvidos a partir de pesquisas em recém-nascidos e da observação das relações mães-filhos, levaram vários psicanalistas a comparar o processo da adolescência ao processo de separação/individuação da criança pequena, descrito por esta autora.

Peter Blos (1967) retoma os conceitos de Margaret Mahler para a adolescência. O segundo processo de individuação é assim o fio funcional que se estende ao longo de toda a adolescência:

“Para lá destes aspectos típicos das fases adolescentes reconhecemos um componente na reestruturação psíquica que puxa como um fio condutor, através de todo o trabalho da adolescência. Este inexorável componente manifesta-se com igual pertinência tanto na pré-adolescência como na adolescência tardia. É conceptualizado aqui enquanto segundo processo de individuação da adolescência” (Blos, 1967, p.62).

A pré-adolescência caracteriza-se então por uma alternância entre um movimento regressivo e uma posição defensiva sustentada (Blos, 1967).

O mesmo autor acentua a perda das dependências familiares, de natureza emocional e afectiva, colocando a ênfase na mudança das relações objectais. Postula como objectivos desenvolvimentais desta segunda individuação a aquisição dum sentimento de *self* autónomo e com limites bem determinados: “o que na infância é a ruptura da membrana simbiótica para se tornar uma criança individuada torna-se, na adolescência, a perda das dependências familiares, o abandono dos laços objectais infantis” (Mahler cit. por Fleming, 1993).

De acordo com a perspectiva psicanalítica e psicodinâmica são convergentes as teorias que afirmam o período adolescente como implicando a separação (por processos de luto das imagos parentais) interna da libido relativamente aos primeiros objectos de amor, de modo a permitir novos investimentos em objectos exteriores à família. O ressurgir da problemática edipiana, referido por Freud (1905), em virtude das exigências da pulsão sexual em que o objecto familiar incestuoso é investido de libido, implicariam um repúdio defensivo e inconsciente dos pais e, por extensão, dos outros adultos tomados por identificação com as

figuras parentais, surgindo assim o espaço de conflituosidade entre a autoridade adulta e o adolescente.

Para P. Blos (1998) este processo introduz alterações ao nível da identidade do adolescente:

“a adolescência inicial e a adolescência propriamente dita devem realizar a renúncia aos objectos amorosos primários, como objectivos sexuais: irmãos, e pais substitutos devem ser incluídos neste processo de renúncia. Estas fases, portanto, relacionam-se essencialmente com o abandono e o encontro do objecto, e tais processos encontram eco no ego, produzindo mudanças catéxicas que influenciam tanto as representações objectais existentes como a auto-representação. Assim, o sentimento do eu, ou sentimento de identidade, adquire uma instabilidade até então desconhecida.” (Blos, 1998. p.101).

Enquanto a criança pequena se afasta da mãe por internalização, o adolescente desliga-se dos objectos internalizados para amar os objectos exteriores e extra familiares.

O adolescente encontra-se preso entre o passado e o futuro, entre a infância e idade adulta, do mesmo modo que a criança pequena estava entre a relação simbiótica e a autonomia (Braconnier & Marcelli, 2000).

Contribuindo para a formação do carácter, este segundo processo de individuação introduz no adolescente profundas modificações que se podem manifestar de formas diversas, como por exemplo: protestos contra a autoridade familiar, descoberta de novos interesses, comportamento instável, vestuário extravagante, conflitos com o meio envolvente, companhia de amigos pouco recomendáveis aos olhos da família, paixões e idealizações platónicas ou o início de uma fase de criação artística ou literária (Fleming, 1993).

É relativamente a estas mudanças estruturais que Blos (1967) introduz o conceito de perda do Eu parental, o qual funcionaria até à adolescência como auxiliar do Eu infantil. Esta perda implicaria o pôr a descoberto de uma estrutura egóica que seria atingida de uma forma mais ou menos intensa conforme as condições em que ocorreu o primeiro processo de separação-individuação, sendo que o fracasso ou o sucesso do processo de individuação na adolescência variaria em função da qualidade de organização do Eu aquando da relação precoce.

Amaral Dias (1988) reforça, relativamente ao período adolescente, o luto dos *selfs* parentais auxiliares, mas considera que não se trata do abandono dos laços objectais infantis, mas

essencialmente de uma transformação das figuras parentais enquanto objectos internos, alterando-se, mas não se enfraquecendo o vínculo existente nas relações entre o adolescente e os seus pais, em paralelo com uma extensão da vinculação ao grupo de pares. É neste contexto que devemos compreender a importância das vivências emocionais com os pares e outros adultos significativos, continentes (no sentido de Bion, 1973) auxiliares do processo de individuação, permitindo em simultâneo a manutenção de certos laços de vinculação aos pais e a autonomia, em que os pais funcionam como porto de abrigo seguro, catalisadores da auto-estima e da confiança do adolescente.

Nesta perspectiva, e de acordo com Fleming (1993), o adolescente confrontado com o desafio da mudança interna e externa (mudanças corporais, de papéis, de relações perdidas e ganhas; novas ideias e conceitos; novos ambientes e situações vivenciais) conta não só com o seu “mundo interno”, povoado ou não de “bons objectos” propiciadores de confiança básica e de segurança, mas também com as relações actuais com os seus pais, pares, amigos e adultos significativos.

Com a realização possível dos desejos sexuais, a puberdade põe à prova a resolução temporária do complexo de Édipo. Normalmente, este deveria chocar com a interdição do incesto e transformar os investimentos nos objectos parentais em identificação. É suposto estas duas operações, consolidadas pelo período de latência, provocarem na puberdade novas escolhas de objectos, ao mesmo tempo, à imagem dos pais e diferentes deles: é o investimento infantil tornado tendência da libido que fornece a direcção desta escolha de objecto (Delaroche, 2005).

Com o ressurgimento da problemática edipiana Malpique (2003), refere que a pré-adolescente vai ressexualizar os objectos parentais e despertar fantasias incestuosas, erotizar a relação com o pai o que obriga a um distanciamento.

Para Coimbra de Matos (2002) a revivência do conflito edipiano é a maioria das vezes uma regressão defensiva, explicando que o que acontece é que o processo de luto das relações infantis – o desapego das imagens (imagos) infantis dos pais acarreta, como todo o processo de luto, um hiper-investimento provisório do perdido ou em vias de perda, que representa sim, a reactivação dos resíduos da infância a eliminar. É assim um processo de limpeza, de desobstrução das vias do investimento libidinal progrediente, para um acesso livre aos novos objectos e novos objectivos; um processo de desimpedimento do funcionamento egóico.

Para o mesmo autor a adolescência é desapego da infância e não hiper-apego; simplesmente a separação acompanha-se da revisão da ligação-revisão nostálgica que aparenta um reforço. O autor chama ainda a atenção para a possível confusão entre a “revivência” do complexo de Édipo e o recurso defensivo ao complexo de Édipo, que ocorre em certas adolescências patológicas, onde o medo da sexualidade e da independência adultas reflecte uma regressão edipiana.

1.1.3- A Puberdade Feminina

A transformação do corpo que corresponde à puberdade estende-se por um período de cerca de dezoito meses a dois anos. Começa, em média, por volta dos onze anos na rapariga, e por volta dos doze e meio- treze anos no rapaz (...) Braconnier & Marcelli (2000).

Neste período a menina sofre grandes e súbitas modificações corporais, que criam uma enorme insegurança e expectativa ansiosa, na medida em que as transformações do corpo provocam um grande impacto sobre o psiquismo. O desenlace deste processo permite a construção de uma identidade sexuada (Malpique, 2003).

Segundo Deutsch (cit. por Malpique 2003), o acontecimento mais evidente da puberdade é a menarca e, ainda que não seja isolado, constitui uma experiência decisiva no processo de feminização, iniciando a integração do corpo sexuado. Efectivamente, essa progressiva integração das transformações que vão ocorrendo no corpo permitirá, à pré adolescente, organizar a imagem do seu corpo, assim como distinguir o interno do externo e separar a fantasia da realidade.

Para o corpo do adolescente, a transformação pubertária cria um duplo desafio; a necessidade de manter um sentimento de continuidade da existência num corpo em mudança e a necessidade de integrar esta transformação pubertária no funcionamento psíquico (Braconnier & Marcelli (2000).

Segundo Dias Cordeiro (1988), a puberdade constitui um verdadeiro organizador da vida psíquica, nomeadamente da psicosexualidade em que todo o passado é revivido e actualizado estando patentes as modificações instintuais sexuais que levam o adolescente a integrar a imagem sexualizada dos pais e do seu próprio corpo.

O despertar puberal vai romper a relativa estabilidade e harmonia do período de latência. É conhecida a regressão que ambos os sexos fazem na puberdade como defesa face ao reforço pulsional. O modo como esta regressão é gerida depende da força de integração que o Eu atingiu na latência.

O desenvolvimento faz-se assim no permanente jogo entre forças de progressão e as paragens transitórias sempre ameaçadas pela regressão, no caminho para a diferenciação e a identidade.

1.1.4- Características Psicológicas da pré-adolescente

Blos (1998) fala na intensificação e organização de pulsões que levará ao desenvolvimento do ego durante os anos da adolescência, em que ocorre uma profunda reorganização do ego e das posições da libido. O modo de gerir esse reforço pulsional e integração da nova representação do corpo sexuado constituirá a matriz sobre a qual se vai organizar a futura sexualidade (Malpique, 2003).

No entanto para melhor compreender e explicar a vida psíquica e as “lutas” da pré-adolescência há que ter em conta a grande mudança que ocorre ao nível do pensamento. Esta mudança, do pensamento das operações concretas para o início das operações formais é possivelmente a mudança mais drástica e dramática que ocorre na vida de um ser humano (Shave & Shave, 1989).

Os mesmos autores, dizem-nos que esta mudança cognitiva contribui significativamente para os desequilíbrios – a confusão, caos, volatilidade e sensibilidade – que o pré-adolescente experiencia, sendo que a necessidade de suportes exteriores resulta das dificuldades que o pré-adolescente tem em processar e integrar as experiências como suas. Particularmente, eles têm dificuldade em integrar afectos despertados por situações que sentem fora de controle. O acréscimo das lutas emocionais faz com que o pré-adolescente experimente uma sensação de enfraquecimento da sua estrutura psíquica.

O salto quântico para um nível de funcionamento cognitivo mais elevado torna a vida mais excitante, confusa, intrigante e assustadora tal como o mundo psicológico de uma criança de dois anos de idade. Como elas, também os pré-adolescentes experimentam um misto de

excitação face à expansão rápida do mundo e medo de se tornarem pequenos ou insignificantes. Esta percepção de insignificância é estimulada à medida que repentinamente uma enorme quantidade de informação se torna disponível para ser processada de uma forma completamente nova.

Este novo modo de pensar vai permitir e, de certa forma obrigar a pré-adolescente a pensar mais profundamente sobre si mesma, na sua vida íntima, nos seus próprios sentimentos e impulsos e, ainda, a ser crítica em relação aos pais (e outros adultos). A jovem vai direccionar-se assim para o eu interior. Parece ser a idade dos diários onde mais facilmente o pré-adolescente exprime sentimentos, face à extrema dificuldade de exprimi-los verbalmente e à consequente facilidade com que passam ao acto. Contudo, quando conseguem exprimi-los, são muitas vezes dispersos e difusos (Shave & Shave, 1989).

Os mesmos autores consideram que a entrada no pensamento formal cria limitações ao pré-adolescente, especificamente, estas limitações incluem um egocentrismo extremo ao nível do comportamento, aparência, pensamentos e sentimentos. De tal forma que assumem as suas experiências como realidades objectivas, percebendo os seus sentimentos de uma forma muito séria, dificilmente distinguindo entre o que os outros pensam deles e as suas próprias preocupações.

1.1.5- A Relação Mãe e Filha

Quando a filha chega à adolescência e a mãe à meia-idade, começam a ocorrer grandes mudanças na relação entre mãe e filha. Após um calmo período de latência, a rapariga muda exterior e interiormente. Estas mudanças forçam-na a enfrentar todas as dificuldades da interacção mãe/filha derivadas de uma fase anterior e problemas anteriores não resolvidos, agora de um modo diferente (Klockars, & Sirola, 2001).

A rapariga tem de abandonar a relação de proximidade com a mãe - por vezes muito bruscamente – e o desejo de regressão íntima relativamente à mãe.

A rapariga queixa-se da mãe, de facto, opõe-se a ela, discute, acusa-a, ataca, elas discutem por tudo e por nada: roupas, amigos, interesses e mesmo acerca do estilo de vida da mãe , que a rapariga antes aceitava e até admirava, agora critica, exige e entra numa autêntica

revolução. Ela tenta colocar o pai do seu lado, contra a mãe, ou então procura suporte nos amigos, padrastos/madrastas, amigos da mãe e até mesmo na avó.

Uma das tarefas da adolescente é integrar as fantasias relativas à mãe actual e à mãe interna da infância. A fantasia da mãe da infância como onipotente, controladora e dominadora transforma-se na de uma mulher independente imbuída na sua feminilidade, maternidade, e a sua própria identidade, com quem a filha se pode identificar, amar, e de quem pode depender quando precisar.

A luta contra a mãe actual está ao serviço do processo de separação interna. A dependência de uma mãe que alivia a solidão da filha, dos estranhos, da dor física, evoca de tempos a tempos, poderosos medos e desejos homossexuais.

Na adolescência, a situação edipiana é reactivada. A rapariga tem de abandonar o objecto de amor pré-edipiano, a mãe interna, e voltar-se para o pai interno, sendo mais uma vez a mudança de objecto um assunto melindroso. Se a rapariga não foi capaz de identificar-se com a mãe, retorna a uma fase anterior na sua relação e a mãe-mulher torna-se o objecto de amor.

Segundo Flores (2005), na rapariga a situação edipiana positiva requer que ela mantenha a relação com a mãe enquanto simultaneamente compete com ela. Assim, a dificuldade de separação da rapariga em relação à mãe também se deve, em grande parte, ao facto de o complexo de Édipo impor que ela rivalize com a mãe protectora e nutriente da relação primária.

As mudanças no corpo da rapariga contribuem para os conflitos entre mãe e filha. Ela não consegue esconder a sua emergente sexualidade e maturação. Quer “apanhar” ou ultrapassar a mãe mas ao mesmo tempo tem medo de o fazer. Agora a capacidade da mãe e o desejo de ajudar a filha no seu crescimento é crucial nesta fase para o desenvolvimento da relação entre as duas.

A capacidade de ser “contentora” mas não invasiva, próxima mas não demasiado íntima, carinhosa mas não em demasia promove o crescimento da filha. Por vezes a filha recorre à mãe para conversar, outras vezes ela bate com a porta, cheia de raiva, gritando que apenas os amigos a compreendem.

Por vezes ela pretende saber tudo sobre tudo, rejeitando todas as sugestões da mãe, outras vezes pede conselhos.

Gradualmente a rapariga compreende que a personalidade da mãe e o seu estilo de vida são diferentes. Ela pode temer a inveja da mãe da sua juventude exuberante, empatizar e emocionar-se com as desilusões da vida quotidiana da mãe e sentir pena da separação psíquica e física que se aproxima.

As raparigas, mais que os rapazes, por questões de identificação acabam por estar mais “confundidas” com as mães (Flores, 2005). É assim importante que a filha possa recolher elementos de identificação com a mãe, ser como ela em alguns aspectos, mas como ponto de partida, não de chegada. Perceber a limitação do modelo materno empurra ao trabalho de buscar referenciais e vivências que ampliam o horizonte da vida da filha (Klockars, & Sirola, 2001).

1.1.6- A Relação Enteadada e Madrasta

“Madrasta, s.f. Mulher casada, em relação aos filhos que seu marido teve de anterior matrimónio. Pessoa que maltrata; desabrida”.

In Breve Dicionário Enciclopédico da Língua Portuguesa, p.469

O relacionamento entre madrastas e enteadas está claramente envolto numa dinâmica complexa, que reúne diversos factores referentes tanto à criança, como à madrasta ou à própria relação e contexto familiar Wagner, Sarriera, Falcke & Silva (cit. por Falcke & Wagner, 2000). Entre outros, Smith (1995) salienta que a idade e maturidade da criança, as vivências nos relacionamentos da primeira família, o momento em que essa se desfez, assim como o facto de os enteados morarem com a madrasta ou conviverem apenas nas situações de visita são aspectos relevantes.

Além disso, a dinâmica do relacionamento com os enteados reflecte uma situação muito complexa. Smith (1995) salienta que o conflito entre o ideal de mãe e a imagem da madrasta malvada que povoa o imaginário social pode impulsionar a madrasta a sentir-se

pressionada a amar instantaneamente os enteados - o mito do amor instantâneo (Gameiro, 2001).

Quando estas expectativas irrealistas não se cumprem, a madrasta sente-se culpada e inadequada, temendo transformar-se naquela personagem cruel descrita na literatura infantil.

A experiência e a realidade têm demonstrado que, na maioria das vezes, ser padrasto ou madrasta não é o mesmo que ser pai ou mãe. Pode-se observar que os filhos nas famílias recompostas não têm os mesmos sentimentos por essas figuras substitutas (Wagner et al., 1997), assim como, o padrasto e a madrasta não possuem, pelos enteados, os mesmos sentimentos que possuem em relação aos seus próprios filhos. Entretanto, essa idéia não parece estar de acordo com as expectativas sociais sobre a experiência de ser madrasta ou padrasto. O que acontece então é que esta contradição se expressa através de numerosos mitos relacionados com as famílias recompostas.

O amor instantâneo entre madrastas e enteados, a ideia de que o modelo de funcionamento das famílias recompostas é idêntico ao das famílias intactas, ou que a madrasta necessariamente será malvada ou reparadora da ausência materna são alguns dos mitos que ilustram a complexidade destas relações.

No início desta relação enteada-madrasta, a primeira “tarefa” é ajudar o marido a ser um melhor pai. Ela pode fazer isto oferecendo ao marido alguma orientação, dando-lhe suporte quando este tem de tomar uma posição mais rígida em relação aos filhos, ou simplesmente sugerindo que seja mais descontraído em relação a eles. Mesmo que a madrasta fale pouco com as crianças, se ela ajudar o marido a ser um melhor pai, estará a contribuir para o bem estar da família.

Segundo Keshet (1988), as crianças aceitam melhor a madrasta se ela, inicialmente actuar mais como uma tia ou amiga conselheira do que como uma figura parental. Ela pode lentamente construir a sua autoridade na família através do apoio e suporte das regras impostas pelo marido. Por vezes surgem problemas quando a madrasta adopta um papel parental demasiado cedo.

Estudos revelam que os padrastos/madrastas geralmente encorajam a criança a ser leal, e a manter contacto com os pais biológicos. Como resultado, as crianças parecem vincularem-se menos aos padrastos/madrastas (Gorell Barnes et al. cit. por Pacey, 2005), e claro

também o contrário é verdade. Quando as coisas vão bem, os dois lados podem desfrutar de um mútuo respeito e confiança, e por vezes a criança pode sentir-se à vontade para discutir com o padrasto ou madrasta problemas que ele ou ela não contariam a um dos pais.

No mínimo, as crianças podem procurar manter-se na sua recente posição de “confidentes” do pai/mãe solteiro, (Burgoyne; Parent & Beaudry; Robinson cit. por Pacey, 2005). Os ciúmes da criança em relação ao padrasto/madrasta do mesmo sexo são muito frequentes. É preciso ter em conta que a criança perde a sua posição privilegiada quando o poder é novamente investido num adulto. O comportamento do pai/mãe biológica e a hostilidade inicial da criança podem aumentar os sentimentos de isolamento e exclusão do padrasto/madrasta na nova família.

A dificuldade do padrasto/madrasta pode ser assim amplificada pelo desejo do enteado em afastar o “intruso”, reunir os pais e repôr a unidade familiar perdida.

1.2- Formulação do Problema

A pré-adolescência é uma fase de extrema importância no desenvolvimento humano, a nível fisiológico, cognitivo, social e emocional. Ainda assim, e apesar de ser já visível um crescente interesse, é importante realçar ainda alguma escassez de estudos que se dediquem especificamente a estes anos do desenvolvimento.

Com efeito, são muitos os autores que referem a pré-adolescência como um processo em que a relação do(a) pré-adolescente com a família sofre alterações profundas, isto é, ocorre mudança relacional Blos (1998), Malpique (2003), Fleming (1993), Cordeiro (1988), entre outros.

Assim, segundo Braconnier & Marcelli (2000), a pré-adolescente confrontada com um corpo que se transforma, com um novo mundo pulsional e, com a necessidade de deixar o mundo da infância, é levada a renovar as suas identificações.

Dias Cordeiro (1988) atribui igualmente uma grande importância às identificações nesta fase inicial da adolescência, uma vez que as identificações edípicas se revelam incapazes de desempenhar o seu papel no contexto da genitalidade, tendo o jovem agora de procurar novos objectos exteriores à família.

A pré-adolescência surge-nos assim como um período de desenvolvimento particularmente interessante para o estudo dos efeitos das transições maritais dos pais, uma vez que, nesta altura, problemas na adaptação podem surgir ou intensificar-se em jovens de famílias divorciadas e recasadas (Fine, Kurdek, & Hennigen, 1992).

Já vimos que as tarefas de desenvolvimento que ocorrem na pré-adolescência tornam mais difícil a aceitação de um padrasto/madrasta como um membro da família ou num papel parental tradicional, pois a crescente autonomia dos pré-adolescentes é perturbada pelas intervenções reais ou percebidas dos padrastos/madrastas (Hetherington, 1993).

Segundo Flores (2005), na rapariga a situação edípica positiva requer que ela mantenha a relação com a mãe enquanto simultaneamente compete com ela. Assim, a dificuldade de separação da rapariga em relação à mãe também se deve, em grande parte, ao facto de o complexo de Édipo impor que ela rivalize com a mãe protectora e nutriente da relação primária, o que fará ela perante outra rival?

Serão de prever alguns desafios acrescidos nesta fase do desenvolvimento sendo que o ressurgimento da problemática edípica implica que a pré-adolescente ressexualize os objectos parentais despertando fantasias incestuosas, erotizando a relação com o pai o que irá obrigar a um distanciamento.

“Mudar na Mudança” poderia ser outro título deste trabalho, uma vez que, face às inúmeras mudanças que a pré-adolescente enfrenta na sua vida, o recasamento e uma nova relação com a mulher do pai (que não a mãe), vem obrigar a uma série de reajustamentos, novas experiências e relações. É a mudança da pré-adolescente dentro da família, também ela em “mudanças”.

No sentido de aumentar a riqueza deste estudo, iremos incluir pré-adolescentes que estejam no início da puberdade, de onze anos e um grupo de meninas com treze anos, que consideramos já no final da pré-adolescência a entrar na adolescência inicial (Blos, 1998).

Deste modo, surge a necessidade de estudar as representações que as meninas pré-adolescentes, de onze e treze anos têm da madrasta e da relação com ela, seja a relação

simbólica, real, ou mesmo distante, não só para uma melhor compreensão da pré-adolescência, mas também para melhor compreender a importância dos adultos significativos na vida relacional futura das jovens.

O problema do presente estudo incidirá na forma como as pré-adolescentes vivenciam a relação com as “madrastas”, assim como a mudança relacional que este período poderá precipitar nessa mesma relação.

1.3- Objectivos de estudo

Os objectivos do presente estudo são a compreensão de como é que as pré-adolescentes de onze e treze anos representam a madrasta, a relação com a madrasta e a evolução da relação com a mesma.

Os resultados esperam-se, em conformidade com o objectivo e o problema formulado. Da análise e discussão destes, esperamos obter algumas conclusões reveladoras do modo como as pré-adolescentes representam a madrasta e vivenciam a relação com a mesma.

1.4- Questões de Investigação

Face ao problema formulado e objectivos propostos surgem algumas questões de investigação que se pretendem aprofundar:

Q1 - A representação das pré-adolescentes da qualidade e o tipo de relação menina/madrasta, nos onze e treze anos;

Q2 - Como se configuram as diferenças entre as meninas de onze e treze anos relativamente à representação que têm da madrasta e suas funções;

Q3 - Nas meninas de onze anos, a origem dos conflitos com a madrasta relaciona-se com a lealdade ainda marcada com a mãe;

Q4 - A origem dos conflitos, nas meninas de treze anos, poderá residir na rivalidade vivenciada face à mulher do pai, num período em que os conflitos edipianos ressurgem intensos;

Q5 - As meninas de treze anos manifestam um maior desejo expresso de mudança relacional, pois sentem-se mais autónomas, do que as meninas de onze anos que estão mais preocupadas com a perda do estatuto infantil.

2- MÉTODO

2.1- Delineamento

O presente estudo é uma investigação qualitativa que pretende encontrar as formas, qualitativamente diferentes, como as pré-adolescentes sentem, vivenciam e representam as suas experiências na relação com a madrasta.

Este é um estudo exploratório, descritivo, de comparação entre dois grupos. A sua finalidade é fornecer uma caracterização precisa de como as pré-adolescentes de onze e treze anos representam a madrasta e a relação com a madrasta.

É um estudo exploratório, uma vez que pretende conhecer melhor os fenômenos, descritivo porque pretende obter um conhecimento aprofundado sobre os fenômenos em estudo (Oliveira, 2005).

2.2- Procedimento

Tendo em conta que neste estudo foi utilizada uma entrevista cujo guião foi elaborado especificamente para esta investigação, foi realizada uma entrevista de pré-teste de forma a adequar a entrevista a este tipo de população e problemática assim como corrigir eventuais erros.

Para conseguirmos a amostra pretendida para este estudo foi necessário recorrer a três escolas na área da grande Lisboa e Vale do Tejo:

Escola EB 2,3 D. Carlos I – Sintra;

Escola Secundária c/ 3 CEB Monte da Caparica;

Escola Secundária Fernando Lopes Graça - Parede.

Após as devidas autorizações dos Conselhos Executivos de cada escola, foram-nos facultados os horários das turmas e identificados os respectivos directores de turma (D.T.).

A abordagem às turmas foi sempre realizada durante as aulas de formação cívica (com o D.T.) de forma a prejudicar o menos possível as actividades académicas das alunas.

A primeira fase consistiu na distribuição e respectiva recolha das cartas de autorização para encarregados de educação (ANEXO A) a todos os alunos dos 5º, 6º, 7º e 8º(Sintra); 7º, 8º e 9º anos (Parede e Costa da Caparica).

Seguidamente, às alunas que entregaram a carta com a devida autorização aplicou-se um pequeno questionário (ANEXO B) para determinar quais as pré-adolescentes que preenchiam os critérios para o estudo.

Após a selecção da amostra foi possível entrevistar doze meninas de onze anos e catorze meninas de treze anos, sendo que foram retiradas da amostra seis entrevistas por não preencherem os critérios requeridos para o estudo.

As entrevistas foram realizadas em gabinetes diversos que nos foram gentilmente cedidos pelas escolas, mas foi sempre nosso intuito proporcionar um ambiente o mais agradável e silencioso possível.

Houve apenas uma sessão para cada menina, que durou cerca de quinze a vinte minutos, e que começou com uma breve explicação do estudo e o assegurar da confidencialidade das respostas e identidade das entrevistadas.

Terminada a realização das entrevistas, foram as mesmas transcritas (caderno 2 de anexos), mantendo a linguagem original, as pausas, as indecisões, as repetições e as redundâncias. Os verdadeiros nomes das entrevistadas foram substituídos por letras de A a L no grupo das meninas de onze anos (Grupo A) e números de 1 a 14 no grupo dos treze anos (Grupo B).

2.3- Participantes

A nossa amostra é constituída por dois grupos do sexo feminino: o grupo A, constituído por dez meninas de onze anos e o grupo B com dez meninas de treze anos, determinados a partir dos seguintes critérios de selecção:

- Meninas de onze e treze anos, que tenham os pais separados;
- Ambos os pais estejam vivos;

- Que residam com a mãe;
- Em que a entrada da madrasta na vida da pré-adolescente tenha ocorrido há pelo menos um ano e não antes dos cinco anos de idade.
- Que a madrasta não tenha simultaneamente outro tipo de relação familiar com a pré-adolescente (e.g. tia).

Amostra seleccionada:

- 10 Sujeitos do sexo feminino de 11 anos (Grupo A- suj. A,C,D,F,G,H,I,J,K e L)
- 10 Sujeitos do sexo feminino de 13 anos (Grupo B- suj. 1,2,3,4,6,9,10,11,12,14)

Caracterização do Grupo A

Residência:

- Todos os sujeitos residem com a mãe, quatro sujeitos residem também com o padrasto, e dois sujeitos vivem também com os avós.

Fratria:

- Três sujeitos não têm irmãos;
- Quatro têm irmãos do mesmo pai e mãe;
- Três sujeitos referem irmãos da parte do pai com a madrasta;
- Um sujeito tem um irmão da mãe com o padrasto;
- Dois sujeitos referem filhos apenas dos respectivos padrastos/madrastas.

Idade na separação dos pais:

Menos de três anos - 3 sujeitos

Entre três e seis anos- 5 sujeitos

Mais de seis anos - 3 Sujeitos

Idade em que o pai se juntou com a madrasta:

Entre os cinco e os seis anos- 1 sujeito

Entre os sete e os nove anos – 8 sujeitos

Não se lembra-1 sujeito

Frequência das visitas a casa do pai:

- Fim de semana de quinze em quinze dias e jantar durante a semana: quatro Sujeitos
- Fim de semana de quinze em quinze dias: três Sujeitos
- Por marcação: um Sujeito
- Muitas vezes sem rotina instituída: 2 Sujeitos

Os sujeitos B e E foram eliminados da amostra por não preencherem os critérios de selecção do estudo.

Caracterização do Grupo BResidência

Todos os sujeitos residem com a mãe, 2 sujeitos residem também com o padrasto, e um sujeito vive também com os avós.

Fratria

- Apenas um sujeito não tem irmãos;
- Dois sujeitos têm irmãos do mesmo pai e mãe;
- Seis sujeitos têm irmãos do recasamento do pai;
- Três têm irmãos do recasamento da mãe.

Idade na separação dos pais:

Menos de três anos – 6 sujeitos

Entre os quatro e os seis anos –2 sujeitos

Maior de seis anos – 2 Sujeitos

Idade em que o pai se juntou com a madrasta:

Entre os cinco e os seis anos - 1 sujeito

Entre os sete e os nove anos – 6 sujeitos

Entre os dez e os doze anos – 3 sujeitos

Frequência das visitas a casa do pai:

- Fim de semana de quinze em quinze dias: seis Sujeitos.
- Férias e épocas festivas: três Sujeitos.
- Sem regularidade instituída: um Sujeito.

Os sujeitos Nº. 5, 7, 8 e 13 foram eliminados da amostra por não preencherem os critérios de selecção do estudo.

2.4- Instrumento

O instrumento de colheita de dados utilizado foi a entrevista semi directiva em que se combinam perguntas abertas e fechadas, o que proporciona à pessoa entrevistada uma oportunidade de se alongar sobre o tema. Este tipo de entrevista caracteriza-se pela existência de um guião previamente preparado que serve de eixo orientador ao desenvolvimento da entrevista, assim como mantém um elevado grau de flexibilidade na exploração das questões. (Guerra, 2006)

Tornou-se mais presente, à medida que íamos realizando as entrevistas, que efectivamente a entrevista de investigação pode levar a uma libertação emocional em indivíduos que anteriormente nunca tinham falado das suas dificuldades (Bénoy & Chahraoui, 2002). A entrevista foi assim bem recebida pelos sujeitos, tendo por vezes sido encarada como um

momento de “desabafo” para algumas das entrevistadas, facto que veio naturalmente enriquecer este trabalho.

Seguidamente apresentamos as questões elaboradas e a respectiva justificação de cada pergunta.

2.4.1- Guião de Entrevista (ANEXO C)

Dados informativos iniciais

1 - *“Que idade tens?”*

2 - *“Lá em casa, vives com quem?”*

3 - *“Que idades têm eles (o pai, mãe e madrasta)?”*

4 - *“Tens irmãos? Com que idade?”*

5 - *“Então os teus pais estão separados, tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?”*

6 - *“E quantos anos tinhas quando o teu pai se juntou novamente, tens ideia?”*

Entrevista

7 - *“Então, tens uma “madrasta”, como é que tu lhe chamas?”*

8- *“E quando falas dela a outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes a ela?”*

9 - *“Costumas passar muito tempo com o teu pai e a tua “madrasta”?”*

10 - *“Então e o fim-de-semana/dia/férias que passam juntos como é que costuma correr?”*

11 - *“Sabes eu não conheço a tua “madrasta”, por isso gostava que me disseses como ela é?”*

11.1- *“Assim como pessoa?”*

12- *“Ainda te lembras como a conheceste, mesmo da primeira vez?”*

13- *“E o que é que achaste, lembras-te?”*

14- *“Como era a tua vida antes de conheceres a tua madrasta?”*

15- *“O que é que achas que mudou na tua vida depois de a teres conhecido?”*

16- *“Há-de ter sido um pouco complicado para ti na altura, ainda te lembras como foi?”*

17- *“Tiveste um pouco de ciúmes, lembras-te como te sentiste?”*

18- *“Então e agora, como é a tua relação com ela?”*

19- *“E desde que a conheceste até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?”*

19.1 - *Mudou como? Porquê? O que aconteceu?*

20- *“Já alguma vez tiveram assim uma zanga as duas? Lembras-te como foi?”*

21- *“Como é que isso se resolveu?”*

22- *“Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?”*

23- *“Tu sentes que ela gosta de ti?”*

23.1- *“Sentes que ela se preocupa contigo, com as tuas coisas?”*

24- *“E tu gostas dela?”*

24.1- *“O que mais gostas nela?”*

25- *“Costumam conversar?”*

25.1- *“Sobre o quê?”*

26- *“Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contavas?”*

27- *“E há alguma coisa/assunto que tu não fales mesmo com a tua “madrasta?”*

27.1- *“Porquê? Consegues explicar?”*

28- *“Há assim alguma coisa nela que te irrite/incomode muito? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?”*

29- *“Como costumavas lidar com isso?”*

30- *“Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?”*

31- *“E tu o que achas dessas regras, concordas? Costumas cumpri-las?”*

31.1- *“Se não, porquê?”*

31.2- *“Se não cumpre, o que acontece?”*

32- *“Lembras-te de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com a tua “madrasta” que aches importante?”*

Estamos quase a terminar...

33- *“O que é que ela significa para ti, como é que tu a vês?”*

34- *“O que é que tu achas da palavra “madrasta?”*

2.4.2- Justificação do Guião

A apresentação e os dados informativos iniciais (pergunta um a seis) têm como finalidade o estabelecimento da relação com o entrevistado, pretendendo-se aceder à constituição do meio familiar e à própria jovem em si, antes de entrar numa temática que possa remeter para lembranças de conflitos, de forma a que a entrevista não seja sentida como persecutória ou angustiante. É uma forma de levantamento da temática sem desenvolver representações fortes sobre esta experiência de vida.

Pergunta 7- A pergunta remete para a identificação verbal e para uma forma de à partida aceder ao tipo de relação e representação da madrasta, tendo por base que o nome é referente à pessoa em si, madrasta ao papel social e familiar que a pessoa ocupa no meio da criança, ou outro nome que demonstre o símbolo verbal que a jovem associe à pessoa.

Pergunta 8- A interrogação vai no sentido de aceder à representação que a criança tem do objecto quando este não está presente, em que a obrigatoriedade de respeito e comunicação verbal não é exigida sendo por isso possível uma maior liberdade de expressão que se espera mais próxima da verdadeira representação

Perguntas 9 e 10- O objectivo é perceber se há proximidade, e se esta é ou não agradável à pré-adolescente, tentando perceber o tipo de actividades que partilham com a madrasta.

Pergunta 11- Esta questão remete para a diferenciação (ou não) da menina em relação à madrasta. Pretendendo-se verificar se há um eu mais diferenciado num grupo que noutro através da capacidade de atribuir características específicas à madrasta, se estas são de cariz mais físico ou psicológico, e se estas características aparecem enquanto madrasta ou pessoa. Pretende ainda verificar qual a principal função que as meninas atribuem à madrasta.

Pergunta 12 - O objectivo da questão é tentar aceder à assimilação feita pela pré-adolescente da fase de reestruturação familiar, nomeadamente do episódio específico em que consciencializaram a entrada de um novo membro nas suas vidas.

Pergunta 13 - A questão leva a pré-adolescente a identificar a representação/afecto subjacente à fase de integração de um novo membro da família, permitindo aceder às defesas usadas pela criança ao impacto de um novo adulto no seu contexto familiar.

Perguntas 14 e 15- Estas questões surgem para tentar perceber que mudanças surgiram na vida da pré-adolescente após a entrada da madrasta na suas vidas.

Perguntas 16 e 17 – Estas questões tentam apreender o clima emocional vivenciado pelas pré-adolescentes na altura da entrada da madrasta nas suas vidas.

Pergunta 18- Esta pergunta tem a finalidade de verificar como as pré-adolescentes percebem e descrevem actualmente a relação com a madrasta.

Pergunta 19- Esta questão permite perceber a capacidade de percepção de mudança de relação, verificando diferenças em aspectos primordiais relativos à idade em que conheceu essa pessoa, capacidade de comparar o presente ao lembrar-se do passado e aceder a uma atribuição causal para a mudança de relação.

Perguntas 20 e 21- Esta questão pretende aceder ao tipo de conflitos presentes na relação, e à forma como a pré-adolescente lida com esses mesmos conflitos. Se os resolve, se recorre a ajuda exterior.

Pergunta 22- Esta pergunta remete para um plano imaginário, de projecção, de desejo de mudança e ainda para a capacidade de crítica face à relação real.

Perguntas 23 e 24 – O objectivo é perceber se existe ou não certeza afectiva na relação, e se essa percepção afectiva é ou não recíproca.

Pergunta 25 - Com esta questão pretende-se perceber o grau de envolvimento/intimidade na díade madrasta-criança.

Pergunta 26 - A questão remete para a confiança que deposita ou não na madrasta.

Pergunta 27 - O objectivo é perceber se há assuntos proibidos que não revelam à madrasta e o motivo pelo qual esses assuntos não são revelados.

Pergunta 28 - A pergunta pretende aprofundar alguma ansiedade sentida face a determinada característica da madrasta e requer a capacidade de discriminação e distanciação por parte da pré-adolescente. Remete para uma parte representativa do objecto que seja sentida como angustiante.

Pergunta 29 - O objectivo é perceber qual o funcionamento utilizado pela criança para resolver a ligação com a qualidade angustiante do objecto.

Perguntas 30 e 31 - As questões tentam abordar a dimensão de autoridade parental, nesse contexto de pai - madrasta – filha, quem impõe os limites e qual o sentimento que a pré-adolescente tem acerca da autoridade parental pertencer a esse membro. O objectivo é perceber se os limites são bem assimilados pela pré-adolescente e como a resposta de obediência ou transposição é compensada ou punida pela autoridade parental, ou seja, qual a dinâmica de resposta parental ao comportamento da pré-adolescente.

Pergunta 32 - Esta pergunta remete para o real, para um acontecimento que tenha sido valorizado positiva ou negativamente, permitindo-nos obter um retrato da relação a partir dos aspectos que as meninas destacam.

Pergunta 33 - Esta pergunta tenta aceder ao significado que a pré-adolescente atribuí à madrasta na sua vida.

Pergunta 34 - Esta questão permite aceder à conotação dada à palavra “madrasta” que pensamos estar relacionada não só com a representação social da palavra madrasta, mas também poderá fornecer indicadores da relação que a pré-adolescente actualmente estabelece.

2.5- Considerações Metodológicas

Recorremos à análise de conteúdo para a compreensão do material recolhido.

Bardin (1995), diz-nos que a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens. De acordo com a mesma autora, o objectivo “(...) da análise de conteúdo é a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo), para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma ou outra realidade que não a da mensagem” (op. Cit. p.41).

Para uma melhor compreensão Guerra (2006), acrescenta duas dimensões, a “dimensão descritiva que visa dar conta do que nos foi narrado e uma dimensão interpretativa que decorre das interrogações do analista face a um objecto de estudo, com recurso a um sistema de conceitos teórico-analíticos cuja articulação permite formular as regras de inferência”(p.62).

Bardin (1995) entende a categorização como uma etapa com presença obrigatória em todo o processo, definindo-a como “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos” (p.117).

Para Poirier e Valladon (cit. por Guerra, 2006, p.80) uma categoria é “uma rubrica significativa ou uma classe que junta, sob uma noção geral, elementos do discurso”.

Segundo Vala, 2003, p.110 “a categorização é uma tarefa que realizamos quotidianamente com vista a reduzir a complexidade do meio ambiente, estabilizá-lo, identificá-lo, ordená-lo ou atribuir-lhe sentido”. Assim, a prática da análise de conteúdo, baseada nesta operação elementar, tem como objectivo primordial simplificar o acesso aos conteúdos das mensagens com vista à apreensão e possível explicação das mesmas. Sendo que as matrizes inscritas na linguagem não se reduzem apenas a códigos formais, possuindo uma lógica que envolve símbolos e convenções, aspectos racionais e não-racionais, conscientes ou inconscientes, o papel do analista baseia-se em aceder aos códigos implícitos nas mensagens, através de um outro sistema codificado em que as categorias se compõem

“por um termo-chave que indica a significação central do conceito que se quer apreender, e de outros indicadores que descrevem o campo semântico do conceito” (Vala, 2003, p.111).

Dado o carácter sistemático e objectivo inerente à análise de conteúdo achamos importante mencionar o conjunto de regras associadas ao procedimento desta pois, no sentido de sustentar a credibilidade das inferências realizadas e também a qualidade da própria análise, os procedimentos devem obedecer a regras relativas à sua fidelidade e validade. Quanto à fidelidade, esta assegura que não existe contaminação do estudo por dados externos àqueles que estão em análise, para tal, deve considerar-se a fidelidade inter-codificador conseguida quando diferentes codificadores codificam o material exactamente da mesma maneira. Neste estudo recorreu-se a um juiz externo que além de orientar toda a prática, também verificou as codificações efectuadas fidelizando a investigação. Relativamente à validade, uma vez que esta atravessa todos os momentos da análise, determina-se que todos os passos devam ser claros e justificados (Vala, 2003) e ainda que se determine a validade interna da categorização. Deverá obedecer a critérios como o da exaustividade, que enuncia que todas as unidades de registo devem ser codificadas numa das categorias, e o da exclusividade (ou exclusão mútua) em que cada unidade de registo é codificada apenas uma vez em cada categoria (Bardin, 1995; Vala, 2003).

Desta forma, a análise das ocorrências passou por uma fase de codificação, ou seja, procedeu-se à “transformação dos dados em bruto do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto” (Bardin, 1995, p. 103).

O passo seguinte foi a categorização, isto é “uma operação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género, com critérios previamente definidos” (Bardin, 1995) . Estas categorias, algumas definidas *a priori*, outras definidas à medida que se realizavam sucessivas leituras das respostas, foram divididas em subcategorias de dois níveis, de forma a controlar melhor as inferências e pré conceitos que pudessem existir da nossa parte.

Fixaram-se então as categorias e criou-se uma grelha de análise, que facilita quer a leitura dos dados quer o controlo das inferências e através das quais podemos valorizar a nossa discussão.

2.6- Elaboração da Grelha de Análise

Para o tratamento da informação recolhida foram utilizadas técnicas qualitativas e quantitativas. Apesar do estudo e das técnicas de recolha de informação terem sido definidos como qualitativos, isso não impede que na análise se utilizem elementos quantitativos. Aliás, parece ser uma tendência a combinação das duas perspectivas, na tentativa de se complementarem (Guerra, 2006).

“A análise de conteúdo é uma técnica de investigação para a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”. (Berelson, 1952 cit. por Vala, 2003).

Depois de realizadas e transcritas as entrevistas, dado que se trata de um estudo eminentemente qualitativo, a análise foi feita com base em grelhas de categorias. Deste modo, o rigor da análise implicou uma quantificação dos resultados obtidos, pelo que estes se encontram em frequências e percentagens. Por conseguinte, as percentagens determinadas são referentes ao número de ocorrências dadas em cada grupo e não ao número de sujeitos. Optámos por este critério, uma vez que a nossa amostra se encontra num período de transição, e por vezes se referem a diferentes dinâmicas (várias subcategorias dentro da mesma categoria), sendo ambivalentes.

Com efeito, identificámos três grandes categorias, das quais farão parte várias subcategorias de nível um e nível dois. Seguidamente será explicada esta categorização.

A Primeira Categoria - A Madrasta, foi dividida em três subcategorias nível 1: *Como a designam, Como a descrevem e como a Representam*.

A subcategoria nível 1 *Como a designam* foi por sua vez dividida em três subcategorias nível 2: *como a chamam, como a designam para outros e conotação da palavra*.

Para a realização desta subcategoria nível 1 (*Como a designam*) constaram as seguintes questões da entrevista;

Questão 7: “Então tens uma madrasta, como é que tu lhe chamas?”;

Questão 8: “E quando falas dela a outras pessoas, como te referes a ela?”;

Questão 34: “O que achas da palavra “Madrasta”?”

A subcategoria nível 1 *Como a descrevem* foi dividida em cinco subcategorias nível 2: *descrição física, descrição psicológica, o que gostam mais, o que gostam menos e por último como lidam com isso.*

Para a realização desta subcategoria Nível 2 (*Como a descrevem*) constaram as seguintes questões:

Questão 11: “Sabes eu não conheço a tua madrasta, por isso gostava que me disseses como ela é? E 11.1: e assim como pessoa?”

Questão 24.1: “O que gostas mais nela?”

Questão 28: “Há assim alguma coisa que te irrite/incomode muito? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?”

Questão 29: “E como costumavas lidar com isso?”

A subcategoria nível 1 *Como a representam* foi dividida em duas subcategorias nível 2: *Representação familiar e Representação extra-familiar.*

Para a realização desta subcategoria nível 1 (*Como a representam*) constou a seguinte questão:

Questão 33: “o que é que ela significa para ti, como é que tu a vês?”

A Segunda Categoria – A Relação com a Madrasta, foi dividida em seis subcategorias nível 1: *Evolução Relacional, Tipo de Relação, Percepção e Reciprocidade afectiva , Conversas, Actividades conjuntas e Conflitos.*

A subcategoria nível 1 *Evolução relacional* foi dividida em três subcategorias nível 2: *Primeira impressão, Mudança na relação e Desejo de mudança relacional.*

Para a realização desta subcategoria (*Evolução relacional*) constaram as seguintes perguntas:

Questão 13: “O que é que achaste, lembras-te?”;

Questão 19: “Desde que a conheceste até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?”
19.1: “Porquê?”;

Questão 22: “Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação”.

A subcategoria nível 1 *Tipo de Relação* foi por sua vez dividida em duas subcategorias nível 2: *positiva e negativa*. Perante as respostas obtidas houve necessidade de subdividir ainda em *afectiva, educativa e lúdica*.

Para a realização da subcategoria *Tipo de Relação* constou a seguinte pergunta:

Questão 18: “Então e agora como é tua relação com ela?”;

A subcategoria nível 1 *Percepção e Reciprocidade Afectiva* foi dividida em duas subcategorias nível 2: *Percepção afectiva e Reciprocidade* tendo-se dividido ambas em *negativa/positiva*.

Para a realização da subcategoria *Percepção e Reciprocidade afectiva* constaram as seguintes perguntas:

Questão 23: “Tu sentes que ela gosta de ti?”;

23.1 – “Que se preocupa com as tuas coisas?”;

Questão 24: “E tu gostas dela?”

A subcategoria nível 1 *Conversas* dividiu-se em quatro subcategorias nível 2: *ausência de conversas, o que falam, o que não falam e a quem recorrem*.

Para a realização da subcategoria *Conversas* constaram as seguintes perguntas:

Questão 25: “Costumam conversar?”, 25.1- “Sobre o quê?”

Questão 27: “E há assim alguma coisa que tu não fales mesmo com a tua madrasta?”

27.1- “Porquê ? Consegues explicar?”

Questão 26: “Se tivesses assim um problema mais grave a quem recorrerias?”

A subcategoria nível 1 *Actividades conjuntas* dividiu-se em quatro subcategorias nível 2: *Passear/brincar/conversar, Ver televisão/Jogos de PC/estar em casa, Cuidados maternos/eventos familiares e Não discriminam*.

Para a realização da subcategoria *Actividades Conjuntas* constou a seguinte questão:

Questão 10: “*Então e o fim de semana/Férias que passam juntos como é que costuma correr, o que fazem?*”

Na subcategoria nível 1 *Conflitos* determinou-se três subcategorias nível 2: *conflitos presentes; não recordam nenhum conflito e por último resolução dos conflitos, nomeadamente se entra em diálogo, se evita o confronto ou se recorre a ajuda externa.*

Para a realização da subcategoria *Conflitos* constaram as seguintes perguntas:

Questão 20: “*Já alguma vez tiveram assim uma zanga, tu lembras-te como foi?*”

Questão 21: “*Então e como é que isso se resolveu?*”

A Terceira Categoria- Marcos Importantes, foi dividida em três subcategorias nível 1; A *Apresentação à Madrasta, Mudança vivencial e Histórias*

A subcategoria Nível 1 *Apresentação à Madrasta* foi dividida em *Recorda/Não recorda e Impacto afectivo (negativo/nega impacto).*

Para a realização da subcategoria nível 1 *Apresentação à Madrasta* constou apenas a seguinte questão:

Questão 12: “*Ainda te lembras como a conhecestes, mesmo da primeira vez?*”

A subcategoria nível 2 *Impacto afectivo* foi construída a partir das respostas às Questões 16: “*Há-de ter sido complicado para ti na altura, ainda te lembras?*” e Questão 17: “*Tiveste assim ciúmes, lembras-te?*”

A Subcategoria Nível 1 *Mudança vivencial* foi por sua vez dividida em *Houve (aproximação/afastamento do pai/nascimento de um irmão) e não Houve.*

Esta subcategorização *Mudança vivencial* decorreu das seguintes questões:

Questão 14: “*Então e como era a tua vida antes de teres uma madrasta?*”;

Questão 15: “*O que achas que mudou na tua vida depois de a teres conhecido?*”

A subcategoria Nível 1 *História* foi subdividida em duas subcategorias de nível 2: *Tipo de história e tempo da história*

Esta subcategoria foi determinada face à resposta à seguinte questão:

Questão 32: *“Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com a tua “madrasta”, que aches importante?”*

Deste modo, com base nesta divisão podemos ver quais os tipos e tempo das histórias que sobressaem em ambas as idades.

Houve duas questões que não foram categorizadas por não corresponderem aquilo que era esperado, especificamente a questão: 30- *“Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?”* e 31- *“E tu o que achas dessas regras, concordas? Costumas cumpri-las? 31.1- “Se não, porquê?” 31.2- “Se não cumpre, o que acontece?”*. O objectivo era explorar as questões da autoridade parental o que acabou por não se conseguir, uma vez que as respostas não eram suficientes para se proceder a uma análise adequada. Pensamos que, uma vez que as pré-adolescentes apenas estão de visita à casa do pai e da madrasta, o assunto da autoridade não terá tanta relevância como teria caso a pré-adolescente aí residisse, como é o caso das díades enteada-padrasto ou enteado-padrasto.

Também as questões: 14- *“Então e como era a tua vida antes de conheceres a tua madrasta?”* e 15- *“Então e o que é que achas que mudou na tua vida depois de a teres conhecido?”* acabaram por integrar a mesma categoria, pois, devido às reduzidas respostas obtidas à questão 14, e mesmo á questão 15 acabou por se perceber que ambas remetiam para a mesma temática, ou seja, se houve alguma mudança na vida da pré-adolescente que ela atribua directa ou indirectamente à entrada da madrasta na sua vida.

Pensamos que a dificuldade em responder à questão 14 advém de nesta idade ainda não conseguirem de uma forma estruturada perspectivar o passado.

3- APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1- GRUPO A - 11 Anos

(Grelha de Análise-ANEXO D)

3.2- Primeira Categoria – A Madrasta

1ª Sub-Categoria Nível 1: Como a Designam

Relativamente à Sub-categoria nível 2: *Como a designam*, 90% das raparigas entrevistadas referem tratar a madraستا pelo nome próprio, e apenas uma menina refere chamar “Bruaca” à madraستا.

Na subcategoria de nível 2: *Como a designam a outros*, 50% utilizam a palavra madraستا, 40% referem tratar-se da namorada do pai e duas meninas usam o nome próprio da madraستا para se referirem a outros.

Para as pré-adolescentes de 11 anos a palavra *madrasta* surge com uma conotação negativa em 60% das respostas, ambivalente em 20% e com uma conotação indiferente em apenas dois casos.

2ª Sub-Categoria Nível 1: Como a Descrevem.

Relativamente à Sub-categoria nível 1 : *Como a Descrevem*, verificamos que nenhuma das meninas deste grupo optou pela *descrição física* das madraستas. Em relação à *descrição psicológica*, 95% das raparigas de 11 anos descrevem a madraستا de uma forma positiva, sendo que 72,2% se referem a características pessoais, 16,7% ao facto de estarem disponíveis e 11,1% descrevem positivamente numa vertente mais educativa.

Apenas uma menina descreve a madraستا negativamente.

Em relação à Sub-categoria nível 2: *O que gostam mais*, duas meninas referem ser o *estar disponível*, outras duas referem ser o *fazer o desejado*, enquanto a maioria (40%) referem

que o que gostam mais são características da madrasta enquanto pessoa. Duas das entrevistadas integraram a subcategoria nível 3: *Não sabe/não responde*.

Relativamente ao *que gostam menos* apenas uma rapariga refere ser o *não estar disponível*, a maioria (69,2%) das jovens referem ser as *características pessoais negativas* e três das entrevistadas *não respondem/não sabem*.

Na sub-categoria nível 2: *Como lidam com isso*, o *afastamento/fuga* surge num dos casos, assim como os *amuos* e o *recorre ao pai*, duas jovens *resolvem com a madrasta* e duas das entrevistadas referem *passividade* face ao que gostam menos na madrasta.

3ª Sub-Categoria nível 1: Como a Representam

Nesta 3ª Sub-categoria nível 1: *Como a Representam*, podemos verificar que cerca de 84,6% das meninas de 11 anos têm uma *representação extra-familiar* da madrasta; 61,5% vêem a madrasta como uma *amiga* e 7,7% representam a madrasta como a *namorada/mulher do pai*. Uma das entrevistas tem uma representação negativa da madrasta e uma resposta foi categorizada como ambivalente.

Assim podemos observar que apenas 15,4% das entrevistadas têm uma representação familiar da madrasta: uma menina encara a madrasta como uma segunda mãe enquanto outra menina vê-a como fazendo parte da família.

3.3- Segunda Categoria-Relação com a Madrasta

1ª Sub-Categoria nível 1: Evolução Relacional

Relativa à 1ª Subcategoria nível 1: *Evolução Relacional* podemos verificar que 50% das respostas remetem para uma *primeira impressão* positiva, 30% uma primeira impressão negativa enquanto 20% das respostas se inserem na subcategoria *Indiferente/Não recorda*.

60% das jovens entrevistadas referem ter ocorrido mudança na relação com a madrasta: 40% referem que essa mudança resultou num aumento da proximidade e apenas uma menina refere o afastamento como resultado da mudança.

40% das pré-adolescentes de 11 anos não identificaram nenhuma mudança na relação com a madrasta.

Podemos verificar ainda e relativamente à sub-categoria nível 2: *Desejo de mudança*, que 70% das respostas reflectem a ausência do desejo de mudança relacional, enquanto 30% mostram esse desejo, das quais uma jovem gostaria que essa mudança se focasse na madrasta como pessoa e duas meninas demonstram desejo de mudança no sentido de aumento da proximidade e disponibilidade. A seguinte resposta foi considerada excepção nº1: “Gostava que o meu pai se desse mais com a minha mãe” (Suj.G).

2ªSub-Categoria nível 1: Tipo de Relação

Como podemos observar, nas tabelas em anexo, apenas uma resposta remete para um tipo de relação negativa, 92,3% das respostas reflectem uma relação considerada positiva pelas meninas de onze anos; 66,7% remetem para uma relação mais afectiva, três respostas (25%) para um tipo de relação mais lúdica e apenas uma resposta nos remete para um tipo de relação mais focada na educação escolar.

3ªSub-Categoria nível 1: Percepção e Reciprocidade Afectiva

Podemos constatar que 90% das meninas entrevistadas referem uma percepção afectiva positiva relativamente à madrasta, à qual correspondem positivamente. Um dos casos, onde não existe essa percepção afectiva positiva (certeza afectiva), a reciprocidade negativa vai no mesmo sentido.

4ªSub-Categoria nível 1: Conversas

Relativamente à Subcategoria nível 1: *Conversas* podemos observar que 30% dos sujeitos entrevistados não têm por hábito conversar com a madrasta. Dos 70% que referem conversar, o tema *Escola* surge como o mais frequente (36,4%), seguido dos temas: *quotidiano e intimidade*, ambos com 27,3% das respostas. *Amigos* surge como tema de conversa em apenas uma resposta.

Relativamente à Sub-categoria de nível 2: *O que não falam*, 50% das respostas pertencem à sub-categoria nível 3: *Não sabe/Não responde*, 2 meninas referem não falar de *namorados* e duas entrevistadas referem não falar de problemas familiares.

Quando questionadas sobre a *quem recorreriam em caso de algum problema* (3ª sub-categoria nível 2), 54.5% das respostas indicam a *mãe* como primeira pessoa a quem as jovens recorrem, 18.2% recorrem à mãe e ao pai, o mesmo número de respostas indicam os irmãos como recurso e apenas uma menina de 11 anos refere recorrer também à madrasta.

5ª Sub-Categoria nível 1: Actividades Conjuntas

No que respeita a *Actividades Conjuntas*, 35,3% das respostas demonstram que é na subcategoria *passear/brincar* que se inserem a maioria das actividades com a madrasta. Cinco respostas (29,4%) remetem para a sub-categoria *televisão/computador/casa*; 23,5% das respostas encontram-se na categoria *tarefas familiares* e duas das meninas entrevistadas *não discriminam* o tipo de actividades.

6ª Sub-Categoria nível 1: Conflitos

Podemos destacar que, relativamente à 6ª Sub-categoria nível 1 *Conflitos*, são seis as meninas de onze anos que não recordam nenhum conflito com a madrasta. 40% recordam conflitos: duas entrevistadas (20%) referem que esse conflito surgiu por *provocações* da própria, uma menina refere que a *agressividade* esteve na origem do conflito e por último 10% refere que os *ciúmes/traição* explicam o conflito identificado.

Relativamente à *resolução do conflito*, podemos observar ainda na tabela 2.6, que 25% das jovens optam pelo *diálogo*, 25% Evitamento/Não fala e 50% referem haver a *ajuda exterior* para a resolução dos conflitos com a madrasta.

3.4- Terceira Categoria – Marcos Importantes

1ª Sub-Categoria Nível 1: **Apresentação da Madrasta**

Na 1ª Sub-categoria nível 1 *Apresentação da Madrasta* é um *Marco Importante* recordado por 90% das pré-adolescentes deste grupo. Apenas uma menina refere não recordar.

40% do total de respostas indicam que a apresentação da madrasta teve um *impacto afectivo* (inicial) negativo, enquanto 60% das respostas negam esse impacto negativo, na forma de ciúmes ou outro. Foi considerada excepção nº2 a seguinte resposta: “*Sempre quis que a nossa mãe e o nosso pai se voltassem a juntar*” (Suj.L)

2ª Sub-Categoria nível 1 – **Mudança Vivencial**

Relativamente à 2ª Sub-Categoria – *Mudança Vivencial*, 72,7% das respostas indicam que não houve uma mudança significativa na vida das pré-adolescentes face à entrada da madrasta nas suas vidas, enquanto 27,3% das respostas remetem para a existência de mudanças na vida das mesmas. Assim, uma das respostas (9,1%) remete para um *afastamento do pai* e duas entrevistadas referem o *nascimento do irmão* como indicativo dessa mudança.

3ª Sub-Categoria Nível 1: **História**

Podemos verificar que relativamente à Categoria *Marcos Importantes*, a 3ª Sub-Categoria *Histórias* demonstra-nos que 50% das meninas de onze anos têm presente uma história com um clima positivo vivenciada com a madrasta, enquanto cinco entrevistadas não se recordam.

3.5- Grupo B -13 anos (Grelha de Análise – ANEXO E)

3.6- Primeira Categoria – A Madrasta

1ª Sub-Categoria nível 1: Como a Designam

Relativamente à Sub-categoria nível 2: *Como a Designam*, 90% das raparigas entrevistadas referem tratar a madraستا pelo nome próprio, e apenas uma menina refere chamar “titi” à madraستا.

Na subcategoria de nível 2: *Como a designam a outros*, 53,8% das respostas remetem para o uso da palavra madraستا, 38,5% referem-na como namorada do pai e uma das meninas utiliza a expressão “boa-draستا” para a referir a outros.

Para as pré-adolescentes de 13 anos a palavra *madrasta* surge com uma conotação negativa em 60% das respostas, com uma conotação *indiferente* em apenas um caso e com uma conotação ambivalente nas restantes 30% das respostas.

2ª Sub-Categoria Nível 1: Como a Descrevem

Relativa à Subcategoria nível 1 : *Como a Descrevem*, verificamos que 40% dos sujeitos deste grupo optou pela *descrição física* das madraستas. Em relação à *descrição psicológica*, 90% das raparigas de treze anos descrevem a madraستا de uma forma positiva, sendo que 100% se referem a características pessoais. Apenas uma menina descreve a madraستا negativamente e uma das respostas foi integrada na categoria *não sabe/não responde*.

Em relação à Sub-categoria nível 2: *O que gostam mais*, duas meninas referem ser o *estar disponível*, outras duas referem ser o *fazer o desejado*, enquanto a maioria (40%) referem que o que gostam mais são características da madraستا enquanto pessoa. Duas das entrevistadas integraram a subcategoria nível 3: *Não sabe/não responde*.

Relativamente ao *que gostam menos* a maioria (45,4%) das entrevistadas *não respondem/não sabem* e apenas duas jovens referem que o que gostam menos são *características pessoais*; por último 36,4% das respostas pertencentes à subcategoria: *o que gostam menos* integram a subcategoria nível 3: *fazer o não desejado*.

Na sub-categoria nível 2: *Como lidam com isso*, o *afastamento/fuga* surge num dos casos, três jovens *resolvem com a madrasta* e 33,3% das respostas remetem para uma estratégia *passiva* face ao que gostam menos na madrasta.

3ªSub-Categoria nível 1: Como a Representam

Nesta 3ª Sub-categoria nível 1 - *Como a Representam* - podemos verificar através da Tabela 13.3, que cerca de 81,8% das meninas de 13 anos têm uma *representação extra-familiar* da madrasta, assim: 45,4% vêm a madrasta como uma *amiga*, 18,2% representam a madrasta como a *namorada/mulher do pai* e 18,2% vêm a madrasta como a *mãe dos irmãos*. Das respostas que remetem para uma *representação familiar* (18,2%): uma remete para a madrasta vista como *mãe* e outra como uma *segunda mãe*.

3.7- Segunda Categoria-Relação com a Madrasta

1ªSub-Categoria nível 1: Evolução Relacional

Relativa à 1ªSubcategoria nível 1: *Evolução Relacional* podemos verificar que 50% das respostas remetem para uma *primeira impressão* positiva, 30% uma primeira impressão negativa enquanto 20% das respostas se inserem na subcategoria *Indiferente/Não recorda*. A resposta: *“fiquei feliz por ter uma irmã”* (Suj.9) foi considerada exceção nº3.

30% das jovens entrevistadas referem ter ocorrido *mudança na relação* com a madrasta; 20% referem que essa mudança resultou num aumento da proximidade e apenas uma menina refere o afastamento como resultado da mudança.

70% das pré-adolescentes de 13 anos não identificaram nenhuma mudança na relação com a madrasta.

Podemos verificar, relativamente à sub-categoria nível 2: *Desejo de mudança*, que 90% das respostas reflectem a ausência do desejo de mudança relacional, enquanto apenas 10% mostram esse desejo.

2ª Sub-Categoria nível 1: Tipo de Relação

Como podemos observar na tabela 14.2, duas respostas remetem para um tipo de relação negativa. 85,7% do total de respostas reflectem uma relação considerada positiva pelas meninas de treze anos, das quais 91,7% remetem para uma relação mais afectiva e 8,3% para um tipo de relação mais lúdica.

3ª Sub-Categoria nível 1: Percepção e Reciprocidade Afectiva

Podemos constatar que 90% das meninas entrevistadas referem uma percepção afectiva positiva relativamente à madrasta, à qual correspondem positivamente. Um dos casos, onde não existe essa percepção afectiva positiva (certeza afectiva), a reciprocidade negativa vai no mesmo sentido.

4ª Sub-Categoria nível 1: Conversas

Relativamente à Subcategoria nível 1: *Conversas* podemos observar que 20% dos sujeitos entrevistados não têm por hábito conversar com a madrasta. Dos 80% que referem conversar, o tema *Escola* surge como o mais frequente (33,3%), seguido dos temas: *quotidiano e intimidade*, ambos com 22,2% das respostas. A subcategoria nível 3 : *Amigos* surge como tema de conversa em apenas uma resposta e uma jovem de treze anos *não especifica* as conversas com a madrasta.

Relativamente à Sub-categoria de nível 2: *O que não falam*, 37,5% das respostas pertencem à sub-categoria nível 3: *Não sabe/Não responde*, 37,5% das meninas referem não falar de *namorados*, uma entrevistada refere falar de tudo e por último uma resposta remete para a subcategoria: *problemas familiares/assuntos importantes*.

Quando questionadas sobre a *quem recorreriam em caso de algum problema* (3ª sub-categoria nível 2), 81,8% das respostas indicam a *mãe* como primeira pessoa a quem as jovens recorrem, 9,1% indicam recorrer à *mãe e ao pai*, e também apenas uma resposta se insere na subcategoria nível 3: *Tias/madrinha*.

5ª Sub-Categoria nível 1: Actividades conjuntas

No que respeita a *Actividades Conjuntas* que 69,2% das respostas demonstram que é na subcategoria *passear/brincar* que se inserem a maioria das actividades com a madrasta.

Apenas uma resposta insere-se na categoria *tarefas familiares* e três das meninas entrevistadas *não discriminam* o tipo de actividades (23,1%).

6ª Sub-Categoria nível 1: Conflitos

Podemos destacar que, relativamente à 6ª Subcategoria nível 1: *Conflitos*, são nove as meninas de treze anos que não recordam nenhum conflito com a madrasta (90%). Apenas uma jovem recorda uma zanga com a madrasta.

Relativamente à *resolução do conflito*, podemos observar que apenas uma jovem recorre a *ajuda exterior* para a resolução dos conflitos com a madrasta.

3.8- Terceira Categoria – Marcos Importantes

1ª Sub-Categoria nível 1: Apresentação da Madrasta

Podemos verificar que a 1ª Sub-categoria nível 1 *Apresentação da Madrasta* é um *Marco Importante* recordado por 70% das pré-adolescentes e “esquecido” por 30%.

Podemos observar que 60% do total de respostas indicam que a apresentação da madrasta teve um *impacto afectivo* (inicial) negativo, enquanto 40% respostas negam esse impacto negativo.

2ª Sub-Categoria nível 1 – Mudança Vivencial

Relativamente à 2ª Sub-Categoria – *Mudança Vivencial*, 60% das respostas indicam que não houve uma mudança significativa na vida das pré-adolescentes face à entrada da madrasta nas suas vidas, enquanto 40% das respostas remetem para a existência de mudanças, duas das respostas (20%) remetem para um *afastamento do pai* e 10% para uma aproximação também do pai; finalmente uma das entrevistadas refere o *nascimento do irmão* como a principal mudança ocorrida.

3ª Sub-Categoria nível 1: Histórias

Podemos verificar que relativamente à Categoria *Marcos Importantes*, a 3ªSub-Categoria *Histórias* demonstra-nos que 50% das meninas de treze anos têm presente uma história vivenciada com a madrasta, enquanto cinco das entrevistadas não se recordam.

Relativamente ao tipo de história que contam, 70% surge num clima agradável, enquanto 30% surge num clima negativo de conflito.

4- DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo pretendemos proceder à discussão, o mais detalhada possível, dos resultados obtidos. Para este efeito, procederemos à análise de cada categoria, comparando os resultados das meninas de onze (Grupo A) e treze anos (Grupo B).

Deste modo, estarão em destaque as três Categorias e respectivas Subcategorias, sendo a primeira *A Madrasta*, a segunda *A Relação com a Madrasta*, e por último os *Marcos importantes*.

1ª Categoria – A Madrasta

Esta Categoria está dividida em três grandes subcategorias nível 1: *Como a Designam*, *Como a Descrevem* e *Como a Representam*.

Como a Designam;

Como lhe chamam...

Relativamente à 1ª Sub-Categoria nível 2: *Como lhe chamam*, em ambos os grupos verificou-se que a maioria das pré-adolescentes chamam a madrasta pelo nome próprio (90%).

Este facto pode levar-nos a pensar numa relação próxima, no entanto, esta designação poderá estar ao serviço do evitamento de uma relação mais familiar com uma figura que efectivamente faz parte das relações familiares da pré-adolescente, mas que acaba por ser imposta e possivelmente não desejada.

Em cada grupo encontrou-se uma excepção: Suj. A refere utilizar “*Bruaca*” para designar a madrasta e no grupo B, “*Tití*” surge como opção designativa (Suj. 1).

Assim, podemos destacar o nome pejorativo escolhido pela menina de onze anos, demonstrando um grande conflito interno face à figura da madrasta.

Neste caso específico podemos pensar que a entrada da madrasta na vida da menina aos cinco anos acabou por ir “ocupar” o papel de Rival Edipiana, preservando a mãe como a boa mãe. “A divisão típica dos contos de fadas entre a boa mãe (normalmente morta) e a madrasta malvada é útil para a criança uma vez que preserva a imagem da boa mãe, permitindo ainda a projecção das partes más do seu *Self* muito ameaçadoras para serem reconhecidas como partes dela mesma” (Bettelheim, 1995).

Podemos também pensar que poderão surgir algumas dificuldades na desidealização da imago materna, uma vez que poderá dificultar o reconhecimento e integração das partes más da mãe boa.

Relembramos aqui a importância desse processo, através de Cordeiro (1988) que considera o luto face às imagos parentais idealizadas decisivo para o prosseguimento do curso normal de evolução porque a partir da liquidação conseguida das imagos parentais passa a existir a possibilidade do estabelecimento de novas relações amorosas extra-familiares. Deste modo o luto das imagos parentais será o primeiro organizador neste processo de individuação.

No grupo B, a utilização de um diminutivo carinhoso e familiar (“*Titi*”Suj.1) aparentemente poderá remeter-nos para um tipo de relação positiva, no entanto esta designação mais familiar, também poderá ser utilizada para evitar que a menina coloque a madrasta ao mesmo nível, afastando assim os desejos incestuosos.

Segundo Keshet (1988), as crianças aceitam melhor a madrasta se ela, inicialmente actuar mais como uma tia ou amiga conselheira do que como uma figura parental.

Como a designam a outros...

Na 2ª Subcategoria de nível 2: *Como a designam a outros*, 45% das respostas do grupo A utilizam a palavra *madrasta* enquanto no grupo dos treze anos a percentagem sobe para 53,8%.

36% das meninas de onze anos e 38,5% das respostas do grupo B dizem a “namorada do pai” para designarem a madrasta a outros.

Gostaríamos ainda de aprofundar um pouco a diferença que poderá existir entre a designação *namorada do pai* e *a minha madrasta*.

A minha madrasta parece-nos remeter para a existência de uma relação (boa ou má) entre as duas, é a designação de um grau de relacionamento em relação a si, enquanto que *A namorada do pai* remete-nos para uma relação mais distante, pois não está em relação à menina, mas em primeiro lugar em relação ao pai, permitindo desta forma o isolamento da relação.

De destacar que uma menina do grupo B tem necessidade de acrescentar “*boa-drasta*” (Suj. 9) quando se refere à madrasta aos seus amigos. Aos treze anos podemos pensar na preocupação da pré-adolescente acerca do que os outros poderão pensar. Shave & Shave (1989) consideram que a entrada no pensamento formal cria limitações ao pré-adolescente, especificamente, estas limitações incluem um egocentrismo extremo ao nível do comportamento, aparência, pensamentos e sentimentos. De tal forma que assumem as suas experiências como realidades objectivas, percebendo os seus sentimentos de uma forma muito séria, dificilmente distinguindo entre o que os outros pensam deles e as suas próprias preocupações.

No grupo dos 11 anos, duas meninas designam a madrasta pelo nome, o que poderá fazer-nos pensar em duas coisas: ou a menina não percebeu a pergunta ou então podemos ponderar a hipótese de que como nesta idade o alargamento extra-familiar ainda é pouco expressivo, será menos comum que tenham que explicar a outros quem é madrasta.

Conotação da palavra Madrasta

É peremptório que o “*mito da cinderela*” continua bem vivo nas representações sociais do papel da madrasta assim, *madrasta* surge com uma conotação negativa em 60% das respostas em ambos os grupos; 20% no grupo A e 30% no grupo B foram consideradas conotações ambivalentes remetendo-nos também para a ambiguidade que este papel envolve em pleno século XXI. Relembramos então que “Apesar de alguns destes contos nos remeterem de volta ao renascimento, Cinderela, Branca de Neve e Hansel e Gretel continuam no tempo actual a serem identificados por pais e filhos como fazendo parte dos seus contos de fada preferidos” (Wald, 1981 cit. por Jones, 2003). Actualmente, a exposição das crianças a estes contos de facto aumentou devido à transposição destes para o grande ecrã.

Ilustrativa é a resposta de uma menina de treze anos: *“parece que é uma pessoa má, é por conta dessas histórias... essa palavra não devia existir”*. (Suj. 12)

Neste caso específico podemos divagar se será a palavra que não devia existir, se será a madrasta que a menina gostaria que não existisse, com toda a culpabilidade que isso implica.

Os ciúmes da criança em relação à madrasta são muito comuns, isto porque face ao conflito edipiano que ressurgir, a menina encara a madrasta como a rival feminina que ocupa o seu lugar no coração do pai. É mais “fácil” rivalizar com a madrasta do que com o objecto de amor primário, como nos lembra Flores (2005), “na rapariga, a situação edipiana positiva requer que ela mantenha a relação com a mãe enquanto simultaneamente compete com ela”. Assim, a dificuldade de separação da rapariga em relação à mãe também se deve, em grande parte, ao facto de o complexo de Édipo impor que ela rivalize com a mãe protectora e nutriente da relação primária.

Com o ressurgimento da problemática edipiana Malpique (2003), refere que a pré-adolescente vai ressexualizar os objectos parentais e despertar fantasias incestuosas, erotizar a relação com pai o que obriga a um distanciamento.

Apesar da não haver diferenças significativas entre os treze e os onze anos relativamente a esta subcategoria, gostaríamos de destacar que as respostas dadas à pergunta *“o que achas da palavra madrasta?”* são qualitativamente diferentes no grupo A e grupo B.

Grupo A: *“Não acho bem porque parece uma palavra para substituir a nossa mãe e por mais que seja mulher do nosso pai nunca há-de ser nossa mãe”* (Suj. G).

Grupo B: *“Não gosto é feia, faz pensar que é má”* (Suj. 3, 10)

Parece-nos que no grupo das meninas mais novas surgem mais questões de lealdade com a mãe ainda com uma relação muito próxima e dependente. Já nos treze anos, a palavra madrasta não parece levantar tantos problemas de lealdade com a figura materna, então podemos pensar que aos treze estará a iniciar-se o processo de luto face à imago materna, tornando a fantasia de separação menos angustiante.

No grupo B, a madrasta é má porque rouba o pai e aqui estamos perante a rivalidade edipiana que mencionamos anteriormente.

Encontramos em ambos os grupos alguma necessidade de negar a “maldade” da madrasta, o que de alguma forma também nos põe a pensar na denegação como mecanismo de defesa, Como se pode ver nas seguintes unidades de registo:

“Boa-drasta” (Suj. 9); “À primeira vista parece que a pessoa é má (...) mas eu não acho isso” (Suj. J)

Relativamente à 2ª Subcategoria nível 1 : **Como a Descrevem**

Quando pedimos às jovens para descreverem a madrasta, foi no grupo B que surgiram descrições físicas ao contrário do que podíamos pensar. Esperávamos que a descrição física fosse ocorrer no grupo das mais novas devido à dificuldade em descrever o outro psicologicamente como também a sua tendência para se fixarem em aspectos mais perceptivos. No entanto isso não aconteceu, podemos então pensar o porquê de as meninas de treze anos destacarem aspectos físicos da madrasta.

Podemos talvez voltar à rivalidade, a menina de treze anos está agora mais atenta à mulher, ao corpo de mulher, aos atributos femininos da sua rival, comparando-se com ela, assim 40% das respostas iniciaram-se por essa descrição física neste grupo.

Cordeiro (2002) teoriza que o corpo do adolescente constitui o “suporte objectivo dos seus contornos e da sua espessura como pessoa, não é de admirar que seja ao nível corporal que se expressam muitas das suas contradições, dúvidas e receios” (p.210).

Relativamente à descrição psicológica, 94,7% no grupo A e 90% no grupo B remetem para uma descrição positiva da madrasta. Em cada grupo houve apenas uma descrição negativa da madrasta e ainda uma menina de treze que não a conseguiu descrever.

De realçar que a maioria das descrições positivas remete para características pessoais. (e.g. “É simpática”), sendo isso mais notório no grupo B com 90% das respostas nessa categoria. No grupo A, apesar de a maioria das respostas também irem no mesmo sentido (72,2%), surgem também as categorias *Estar disponível* (16,7%) e *Educativa* (11,1%) como atributos positivos da madrasta descritos pelas meninas de onze anos, tornando claro que nesta idade ainda investem a madrasta como uma figura materna.

Isto porque no grupo A e conforme estudos revelam, aos onze anos, portanto no início da pré-adolescência, existe ainda um relacionamento muito próximo com a figura materna, logo, características mais maternas, como a disponibilidade e a função de ensinar são ainda valorizadas nas meninas de onze anos, facto que acontece menos nas meninas mais velhas.

Fleming (2004), diz haver desde muito cedo (cerca dos doze anos) um sentimento precoce de autonomia que vai aumentando progressivamente com a idade. Isto deve-se provavelmente à tentativa do (a) pré-adolescente organizar precocemente um sentimento de individualidade, de diferença, desejando como pessoa separada. E que, por sua vez, este sentimento de autonomia (expresso na forma de desejo) lhe permite sentir-se a salvo das necessidades regressivas da infância.

O que gostam mais...

Relativamente ao *que gostam mais na madrasta*, ambos os grupos destacam, maioritariamente características pessoais (e.g. “*ser simpática*”). (Suj. D, I, J).

Nesta pergunta, as categorias *Estar disponível* e *Fazer o desejado* ganham adeptos no grupo B.

Na subcategoria nível 3 *Fazer o desejado*, no grupo B as respostas parecem estar mais relacionadas com uma função da madrasta como facilitadora da relação entre o pai e a filha. O que parece fazer sentido numa altura em que há alguma decepção e afastamento da figura paterna, como nos diz Malpique (2003), mencionando o afastamento que a puberdade pode provocar na relação pai-filha e de como isso é vivido com algum desconforto.

“Mesmo que a madrasta fale pouco com as crianças, se ela ajudar o marido a ser um melhor pai, estará a contribuir para o bem estar da família” (Keshet, 1988).

De qualquer maneira, destaca-se a presença de alguma oscilação entre uma relação mais adulta e a necessidade de afecto mais regressiva: “*Ser muito querida para mim*” (Suj. 11), assim é fácil compreendermos que a pré-adolescência se caracteriza por esta alternância entre um movimento regressivo e uma posição defensiva sustentada (Blos, 1967).

Por último gostaríamos ainda de realçar uma das respostas de uma menina de treze anos à questão: *O que gostas mais na tua madrasta?* R: “*Não grita*” (*diferente da mãe que grita*) (Suj. 6)

Esta resposta pode-nos remeter para o início do ataque ao continente parental (Amaral Dias, 1988), a rapariga queixa-se da mãe, de facto, opõe-se a ela, discute, acusa-a, ataca, elas discutem por tudo e por nada (...) ela tenta colocar o pai do seu lado, contra a mãe, ou então procura suporte nos amigos, padrastos/madrastas, amigos da mãe e até mesmo na avó (Klockars,& Sirola, 2001).

O que gostam menos

Relativamente *ao que gostam menos*, apenas uma resposta de uma menina de onze anos integra a categoria *não estar disponível*, neste caso parece-nos que a madrasta funciona como elo de ligação ao pai, uma vez que ele está fora em trabalho. Assim, esta necessidade poderá ser um deslocamento da angústia face à ausência do pai. A mesma menina refere também que *o que gosta menos* na madrasta é o facto de ela ser alta (em oposição a ela que se diz baixinha). Parece ser já patente o início desta rivalidade face à mulher do pai, numa idade em que ressurgem o conflito edipiano.

No mesmo grupo destaca-se a resposta “*ser querida demais*” (Suj. J) como uma característica não apreciada pela pré-adolescente de onze anos, o que parece ser motivo de conflito para a jovem, talvez porque esta aparente intrusividade não lhe dê espaço, não só para a zanga permitindo assim uma competição edipiana com menos culpabilidade.

69,2% das meninas de onze anos e 18,2% das meninas de treze referem características pessoais que não gostam, ou apreciam menos.

Então nesta subcategoria pode-se concluir que as meninas de treze anos têm mais facilidade em identificar os sentimentos e comportamentos do outro que não gostam, enquanto as meninas de onze anos têm mais dificuldade em discriminar e especificar aquilo de que não gostam, optando então por destacar elementos mais superficiais da madrasta (e.g. “*mau feitio*”, “*ser muito alta*”).

No estágio de inteligência operatória formal, em que o jovem adolescente consegue libertar-se do concreto, pensar o possível e raciocinar abstractamente sem ter necessidade de se apoiar em manipulações como acontecia no estágio precedente. Nota-se no grupo dos onze anos, uma falta (menor capacidade) de discriminação, bem como uma menor individuação comparativamente aos treze anos, na medida em que, segundo Blos (1967), a individuação adolescente é o reflexo das mudanças estruturais que acompanham a separação emocional das imagos parentais e corresponde a uma maturação do ego.

Nas respostas do grupo B é já perceptível este desejo de autonomização, de que é exemplo a resposta do Suj. 2 “*está-me sempre a chamar*” como uma das coisas que gosta menos na madrasta. De destacar o inverso numa menina de onze anos que nos diz que uma das coisas que gosta mais na madrasta é o facto de esta “*Estar sempre a chamar-me para estar com eles*” (Suj. G).

Mais uma vez é notória a diferença entre o início da pré-adolescência e o final, aos onze a menina ainda quer ser incluída, aos treze parece que já está mais encarreirada no processo de autonomia.

“Para lá destes aspectos típicos das fases adolescentes reconhecemos um componente na reestruturação psíquica que puxa como um fio condutor, através de todo o trabalho da adolescência. Este inexorável componente manifesta-se com igual pertinência tanto na pré-adolescência como na adolescência tardia. É conceptualizado aqui enquanto segundo processo de individuação da adolescência” (Blos, 1967, p.62).

No entanto e apesar de a pré-adolescente de treze anos ter mais facilidade em articular aquilo que a incomoda no outro, nomeadamente na madrasta, é preciso destacar que quase metade das entrevistadas (45,4%) não identificam ou não respondem. No grupo A, também três meninas não conseguem discriminar o *que gostam menos* na madrasta. Podemos também aqui pensar que esta dificuldade está relacionada com a culpabilidade que advém da crítica a uma figura parental.

Segundo Shave & Shave (1989), no que respeita aos sentimentos e emoções, os pré-adolescentes por vezes são incapazes de exprimir os seus sentimentos verbalmente, e, quando exprimem, estes são dispersos e difusos.

Como lidam com isso...

Em relação à subcategoria como lidam com os aspectos que gostam menos a subcategoria Afastamento/fuga é usado por apenas por uma jovem em cada grupo estudado.

No grupo B, a estratégia mais utilizada é o “confronto” com a madrasta (50%), enquanto no grupo A essa é uma estratégia utilizada em apenas 28,6% dos casos, assim como a passividade (28,6%), já as estratégias: *Amuos/Deixa de Falar e Recorre ao pai* só surgem no grupo das mais novas (14,3%).

Podemos depreender destes resultados que a pré-adolescente de treze anos sente-se mais confiante para enfrentar e dizer aquilo que a incomoda enquanto no grupo A, os resquícios da infantilidade e dependência face ao adulto obrigam-na a recorrer ao pai e amuar tal como as crianças pequenas.

O adolescente encontra-se “preso” entre o passado e o futuro, entre a infância e idade adulta, do mesmo modo que a criança pequena estava entre a relação simbiótica e a autonomia (Braconnier & Marcelli, 2000).

Como a Representam

Queríamos destacar que tanto no grupo A como no grupo B deparamo-nos maioritariamente com uma representação da madrasta que categorizámos como extra-familiar.

Assim 61,5% das meninas de onze anos representam a madrasta como uma *Amiga*, enquanto no grupo B isso acontece em 45,4% das respostas.

Como já vimos anteriormente madrastas e padrastos têm um papel mal definido. Ao contrário dos pais biológicos, eles não têm direitos, e as suas responsabilidades estão pouco clarificadas. Eles devem, e normalmente evitam competir ou diminuir os pais biológicos. Eles caminham numa fina linha entre ser como uma pai/mãe ou como um amigo para os enteados (as), sendo simultaneamente as duas e nenhuma dessas coisas. É de facto compreensível que tantos padrastos/madrastas se sintam inseguros acerca do seu papel ou se estarão a fazer as coisas da forma mais acertada (Pacey, 2005).

Segundo Bray (1991); Visher & Visher (1988) o papel mais indicado que a madrasta/padrasto podem adoptar na fase inicial do recasamento é o papel de Amiga, em vez de outro pai/mãe, até porque estudos revelam que tentativas prematuras na adopção de um papel mais parental poderão exacerbar conflitos de lealdade (Clingempeel & Segal, 1986).

Voltando aos resultados do nosso estudo, no grupo B surge uma maior percentagem de respostas na subcategoria nível 3: *Namorada do pai/mulher do Pai* (18,2%), enquanto apenas uma menina de onze anos refere representar a madrasta dessa forma.

Isto poderá estar relacionado com alguma dificuldade em representar o pai como um adulto sexual, sendo que as modificações instintuais sexuais que levam o adolescente a integrar a imagem sexualizada dos pais e do seu próprio corpo, a puberdade, ainda está numa fase inicial.

A *Representação Familiar* da madrasta surge em apenas 14,4% no grupo A e 25% no grupo B. “*Como uma mãe*”(suj. 1); “*como uma segunda mãe*” (Suj. F; 10); “*Como uma pessoa que faz parte da família*” (Suj. J); e “*Como uma madrasta*” (Suj. 11).

Em ambos os grupos surge apenas uma representação negativa da madrasta, no grupo A: “*como uma bruxa*” (suj. A) e no Grupo B “*não tem nenhum papel na minha vida*” (suj. 12).

Mais uma vez, nestes dois casos específicos o conflito aberto com a madrasta remete-nos para uma série de possíveis suposições, mas que não poderemos aprofundar, uma vez que não temos conhecimento suficiente sobre as restantes relações familiares da menina.

Para Coimbra de Matos (2002) a revivência do conflito edípico é a maioria das vezes uma regressão defensiva, explicando que o que acontece é que o processo de luto das relações infantis – o desapego das imagens (imagos) infantis dos pais acarreta como todo o processo de luto, um hiper-investimento provisório do perdido ou em vias de perda, que representa sim, a reactivação dos resíduos da infância a eliminar. É assim um processo de limpeza, de desobstrução das vias do investimento libidinal progrediente, para um acesso livre aos novos objectos e novos objectivos- um processo de desimpedimento do funcionamento egóico.

É interessante destacar que uma menina representa a Madrasta “*Como uma madrasta, também*” (Suj. 11) o que pode ser indicativo da possibilidade de podermos redefinirmos esse papel social, de uma forma mais adequada à realidade das famílias actuais.

Por último, queríamos destacar que duas meninas de treze anos representam a madrasta como “*A mãe dos irmãos*” (Suj. 9 e 14), aqui podemos pensar que a madrasta tem apenas o papel de mãe dos irmãos, não mãe dela, isolando assim a sua relação com a madrasta.

O facto de a madrasta ter um filho do seu pai poderá, mais uma vez, levantar rivalidades edípicas intensas, muitas vezes deslocadas para os meios-irmãos, sendo muito comuns os ciúmes em relação aos filhos do novo casamento.

2ª Categoria – Relação com a Madrasta

Evolução relacional

Primeira impressão...

Relativamente à 1ª subcategoria de nível 3, uma grande percentagem das meninas entrevistadas tanto no grupo A (50%) como no grupo B (50%) recordam terem formado uma *primeira impressão* positiva da madrasta.

30% formaram uma impressão negativa e 20% das respostas, também em ambos os grupos, não recordam a primeira impressão que formaram da madrasta.

Assim, não existem diferenças significativas entre os dois grupos relativamente à formação da primeira impressão, o que faz sentido, uma vez que a pergunta se refere ao passado vivido pelas meninas em alturas diferentes das suas vidas e não relativamente à idade em que se encontram na altura da entrevista (início e finais da pré-adolescência).

Problemas poderão começar com os pais a esquecerem-se de apresentar a madrasta à criança de uma forma sensível e competente (Pacey, 2005).

Em termos gerais queríamos apenas destacar que, efectivamente, ainda que 30% das primeiras impressões tenham sido negativas e 20% não recordem (que poderá remeter para o recalçamento defensivo) parece que o início da relação é positivo em 50% dos casos e que mesmo desses 30% que correm menos bem ao início acabam eventualmente por recuperar: *“ao início não simpatizava muito com ela...agora já”* (Suj.10).

Mudança na Relação...

60% das meninas de onze anos referem ter havido mudança na relação com a madrasta, enquanto no grupo B apenas 30% identificam mudança.

Para as meninas mais novas *A proximidade (devido ao evoluir/tempo da relação)* parece ser a mudança na relação mais identificada (50%), enquanto no grupo das mais velhas um aumento da proximidade é apenas referido por duas pré-adolescentes.

Em ambos os grupos surge o *afastamento* da madrasta como a mudança identificada em apenas dois casos. Esse afastamento surge por razões exteriores à relação no grupo A *“teve de passar mais tempo para o meu irmão”* (Suj. 1); e por uma mudança de atitude da madrasta no grupo B: *“No início era muito simpática, mas depois ficou mais arrogante”* (Suj. 12).

Esta discrepância de valores entre os dois grupos poderá ser explicada pelo facto de as meninas de treze anos terem alguma resistência e angústia relativamente à mudança que está relacionada com o ressurgir da problemática edipiana, referido por Freud (1905), em virtude das exigências da pulsão sexual em que o objecto familiar incestuoso é investido de libido, implicariam um repúdio defensivo e inconsciente dos pais e, por extensão, dos outros adultos tomados por identificação com as figuras parentais, surgindo assim o espaço de conflituosidade entre a autoridade adulta e o adolescente.

Desejo de Mudança...

O desejo de mudança está presente em apenas 10% das meninas do grupo B e mesmo esse desejo foi colocado em excepção uma vez que se refere não tanto ao desejo da mudança com a madrasta, mas antes ao desejo de mudança no sentido da proximidade em relação ao pai.

“A menina tem necessidade de se sentir amada e valorizada pelo pai, não apenas como objecto libidinal, mas no reconhecimento de que o pai a aprecia na sua diferença sexual, realça os seus dotes femininos” (Malpique, 2003, p.49).

No grupo dos onze anos parece haver um maior desejo de mudança (20%), sendo que esse desejo passa por uma maior proximidade com a madrasta e noutra menina surge a *“mudança de feitio”* como factor desejo de mudança relacional, ou seja que a madrasta fosse outra.

Ainda no grupo dos onze anos e relativamente a este fraco desejo de mudança relacional queríamos destacar uma das respostas: *“acho que não dá para melhorar mais (...) senão*

dava porcaria” (Suj. G), que parece remeter para este equilíbrio instável numa fase também ela muito caótica.

Para terminar ressaltamos ainda a resposta de uma menina de onze anos: *“Gostava que o meu pai se desse mais com a minha mãe”* (Suj. G) que consideramos excepção, mas que nos pode remeter para a fantasia que a maioria das crianças mantém em relação à reunião dos pais e que por vezes se mantém até bastante tarde, ainda que racionalmente a pré-adolescente saiba que isso não irá acontecer.

Tipo de Relação

Ambos os grupos referem ter uma relação positiva com a madrasta, no entanto no grupo A há uma maior percentagem de respostas de um tipo de relação mais lúdica e educativa do que no grupo B, em que predomina um tipo de relação mais afectivo.

Parece que se podem explicar estes resultados tendo em conta e como já foi dito anteriormente que nesta fase final da pré-adolescência há um desejo de maior autonomia que contrasta com comportamentos mais dependentes e infantis ainda estão presentes nos onze anos. Nos treze anos parece ser mais evidente o desejo de identificação à figura materna/feminina.

Um tipo de relação mais negativa surge em duas meninas do grupo B e apenas numa resposta no grupo A, o que parece demonstrar que aos treze anos a relação com a madrasta torna-se mais frágil indicando não só a presença mais forte da rivalidade edipiana, mas também o início das relações mais conflituosas com a autoridade parental ou seus substitutos.

Percepção e Reciprocidade Afectiva

A maioria das meninas de ambos os grupos (90%) não só referem gostar da madrasta como percebem o sentimento de uma forma recíproca.

Apenas uma menina em cada grupo não refere essa certeza afectiva, respondendo também elas da mesma forma: “*Não sei, mais ou menos...não gosta muito de mim*”. Suj. 12

No estudo de Clingempeel & Segal (1986) provou-se que o facto das meninas se sentirem amadas pelas madrastas está associado a níveis mais baixos de agressividade e inibição e a um auto-conceito mais elevado.

No entanto, é preciso lembrar que muitas vezes não só as meninas têm ciúmes da madrasta como também a madrasta tem ciúmes da filha.

Quando um pai divorciado mantém a sua relação com os filhos, ele faz parte de um sistema familiar que o inclui a ele, a ex-mulher e os filhos. Ele e os filhos formam uma “mini-família”, uma parte da família divorciada que funciona como uma unidade familiar, mas que não é uma família completa (Keshet cit. por Keshet, 2001). Como uma “mini-família”, pai e filho/a partilham tradições, dores antigas, piadas, segredos, uma história. História essa que é anterior à relação do novo casal, e que inclui certamente memórias felizes com a ex-mulher. A madrasta percebe rapidamente que não faz parte dessa mini-família, podendo exacerbar sentimentos de exclusão e ciúme.

Conversas

30% das meninas do grupo A e 20% do grupo B referem não terem por hábito conversar com a madrasta.

Em ambos os grupos, o tema mais falado parece ser a *Escola* (36,4%-grupo A e 30% no grupo B), seguido dos *temas Intimidade e Quotidiano*. Assim não existem diferenças significativas entre os dois grupos. No entanto parece-nos importante realçar que nesta fase da pré-adolescência começa a surgir a procura dos pares como modelos sexuais reais que favorecem processos de identificação dada a similaridade de ideias, interesses e, em particular, a atractibilidade dos modelos intermediários exibidos.

Assim, o facto de não conversar com a madrasta também poderá estar relacionado com este afastamento e conflito geracional face aos pais e seus substitutos.

Por outro lado esta superficialidade ou pouca intimidade nas conversas parece remeter para um certo ressentimento edipiano, ressentimento esse que parece ser transversal em ambos os grupos, ainda que de formas qualitativamente diferentes.

O que não falam...

Relativamente ao que *não falam com a madrasta*, 50% das meninas de onze anos não conseguem explicitar o que não falam enquanto o mesmo acontece em 37,5% das respostas do grupo B, o que parece remeter para uma menor capacidade do grupo A em discriminar acontecimentos e assuntos de conversa

37,5 % do grupo B referem não falar de namorados, enquanto no grupo A o tema namorados é evitado em 25% das respostas.

Outro tema evitado com as madrastas, mais notório no grupo dos onze anos (25%), são os problemas familiares, o que poderá estar relacionado com a lealdade ainda muito acentuada em relação à mãe.

“Sentir-se feliz com a madrasta em frente a outros, também pode ser sentido como um acto de deslealdade para com a mãe” (Keshet, 2001), segundo o mesmo autor a lealdade para com a mãe biológica torna difícil para a criança aceitar até a melhor das madrastas. A criança pode demonstrá-lo afastando-se da madrasta, criticando-a (especialmente os cozinhados), rejeitando os seus carinhos, ou até falando incessantemente da mãe na presença da madrasta.

A Quem Recorrem...

A maioria das meninas de ambos os grupos referem recorrer em primeiro lugar à mãe, caso tivessem algum problema mais grave. No grupo B isso acontece em 81,8% e no grupo A em 54,5% das respostas. O pai é a quem recorrem em segundo lugar, assim como os irmãos (apenas no grupo dos onze anos). Apenas uma menina do grupo A refere o seguinte: “*Secalhar (contava) à minha madrasta também*” (Suj. K). Esta resposta isolada vem demonstrar não a falta de confiança que têm na madrasta, mas a grande identificação e confiança que depositam na mãe.

No entanto, esta resposta mostra-nos que podemos pensar que efectivamente quando as coisas vão bem, os dois lados podem desfrutar de um mútuo respeito e confiança e que algumas vezes a pré-adolescente sente-se capaz de discutir os seus problemas com a madrasta (Pacey, 2005).

Actividades Conjuntas

A idade da criança, as atitudes, e comportamentos desempenham um importante papel na relação com a madrasta. Em geral, crianças mais novas parecem ajustar-se melhor a um novo adulto do que adolescentes ou pré-adolescentes. Crianças pequenas são mais dependentes da protecção do adulto, acostumadas a fazerem as actividades planeadas por estes, e a brincar do que propriamente participar nas conversas dos adultos. (Keshet, 1988).

69,2% das meninas do grupo B referem que passear/brincar/Conversar são as actividades que mais realizam com a madrasta, enquanto no grupo das meninas mais novas estas surgem com uma expressão mais reduzida (35,3%).

23,1% não discriminam actividades e apenas uma menina de treze anos refere brincar com a irmã. (portanto não com a madrasta)

No grupo dos onze anos parece que as actividades conjuntas se focam em actividades mais infantis como ver televisão/jogar/estar em casa, não esqueçamos que esta parece ser a idade dos diários onde mais facilmente a pré-adolescente exprime sentimentos, face à extrema dificuldade de exprimi-los verbalmente e à consequente facilidade com que passam ao acto. Contudo, quando conseguem exprimi-los, são muitas vezes dispersos e difusos (Shave & Shave, 1989).

Neste grupo destaca-se ainda o interesse da menina de onze anos em actividades que categorizámos como *actividades familiares* (23,5%) onde a menina ajuda a madrasta em tarefas como cuidar do irmão, preparar o casamento do pai, categoria que não teve adeptos nas meninas mais velhas, a este propósito Blos (1998), refere que a jovem começa, então, a inclinar-se cada vez mais para o grupo de amigos, pois “confrontada com um corpo que se transforma, com um novo mundo pulsional e, com a necessidade de deixar o mundo da infância, é levada a renovar as suas identificações “(Braconnier & Marcelli, 2000).

Também podemos pensar que este envolvimento (nos cuidados ao bebé) poderá estar ao serviço da formação reactiva, na tentativa de escamotear o ciúme, a agressividade e consequente culpabilidade.

Conflitos...

40% das respostas do grupo A remetem para um conflito com a madrasta, já no grupo B apenas uma recordou um conflito, no entanto duas meninas deste grupo, apesar de não

recordarem na altura da pergunta, no final da entrevista na categoria *histórias* com a madrasta os conflitos emergem, o que parece estar relacionado com uma tentativa de escamotear a agressividade relativamente à madrasta que acaba por ser revelada no final da entrevista, em que poderá já haver algum à vontade da parte da pré-adolescente.

No grupo B, o conflito mencionado pertence à categoria ciúmes/traição e no grupo A os conflitos foram categorizados em provocações (20%), Agressividade (10%) e ciúmes/traição (10%).

Podemos associar as *provocações* das meninas de onze anos a um comportamento mais infantil, enquanto nos treze anos parece surgir com mais intensidade o ciúme e o sentir-se traída pelo pai, num contexto da rivalidade edipiana.

Resolução de Conflitos...

Relativamente à subcategoria *resolução de conflitos*, a maioria das meninas do grupo A recorre ao pai (50%) enquanto a mesma situação acontece apenas em 10% do grupo B.

Assim, parece que face ao conflito, as meninas mais novas não só revelam mais conflitos como, perante estes, recorrem em primeiro lugar ao pai, talvez para se certificarem do seu amor e apoio. Malpique (2003) enfatiza o papel do pai na consolidação da feminilidade e sexualidade da filha.

Pensamos também que um maior grau de conflito no grupo A poderá estar relacionado com uma maior dependência “mascarada”, pois como referem Braconnier & Marcelli (2000), a oposição e rebeldia escondem dependência.

No mesmo grupo, uma menina refere *recorrer ao diálogo* para resolver o conflito enquanto outra resposta, diametralmente oposta, foi categorizada *amuos/birras*. Assim dentro do grupo dos onze anos também se pode testemunhar o jogo permanente entre forças de progressão e as paragens transitórias sempre ameaçadas pela regressão, no caminho para a diferenciação e a identidade.

O despertar puberal vai romper a relativa estabilidade e harmonia do período de latência. É conhecida a regressão que ambos os sexos fazem na puberdade como defesa face ao reforço pulsional. O modo como esta regressão é gerida depende da força de integração que o Eu atingiu na latência (Cordeiro, 1988).

3ª Categoria – Marcos Importantes

Apresentação da Madrasta

90% das meninas de onze anos e 70% das meninas de treze recordam, com algum pormenor, o dia em que conheceram a madrasta, o que por si só revela a importância deste momento na vida das jovens.

Nos dois grupos estudados a maioria das respostas remete para um *retrato de cena* bastante pormenorizado: “*Eu estava a sair do ATL e encontrei o meu pai*” (Suj. J); “*Por acaso lembro-me, eu fui à festa de um amigo do pai e estava lá a filha dela*” (Suj. 6).

Pensamos então que este primeiro contacto com a madrasta pode ser muito importante para a criança ou jovem e, ainda que não decisivo, influenciará alguns aspectos no decorrer da relação.

Impacto afectivo...

Para 40% das meninas de onze anos e 60% das meninas de treze, este acontecimento teve um impacto inicial negativo (“*Sim, ao princípio tinha ciúmes, tinha medo de perder o meu pai*” (Suj. 1), sendo que uma grande percentagem (60%) das respostas do grupo A, nega qualquer tipo de impacto (“*Não, eu nem tenho ciúmes do meu irmão*”), no grupo B esta negação do impacto desce para 40% das respostas.

Parece-nos que o Grupo B tem assim mais facilidade em falar do afecto associado à representação do acontecimento, o que nos remete mais uma vez para a crescente capacidade de discriminação de sentimentos e individuação nos treze anos, comparativamente aos onze.

A resposta de uma menina de onze anos: “*sempre quis que a nossa mãe e o nosso pai se voltassem a juntar*” (Suj. L), foi considerada excepção, no entanto quisemos destacá-la pois ilustra mais uma vez a fantasia (que perdura até bastante tarde) de que os pais se irão reconciliar.

Mudança vivencial...

A maioria das meninas do grupo A e B não identificam nenhuma mudança nas suas vidas provocada pela madrasta (72,7% e 60%, respectivamente).

Nestas idades parecem ainda ter alguma dificuldade em perspectivar o passado, uma vez que para isso é preciso estar no operatório formal o que, e apesar de se iniciar habitualmente por volta dos onze anos, não atinge a sua estabilidade antes dos catorze, quinze anos (Shave & Shave, 1989).

Ainda assim, 27,3% das meninas de onze anos identificam mudanças vivenciais, duas mencionam o facto de terem um irmão e uma refere um afastamento do pai, devido à presença da madrasta.

No grupo B, das 40% de respostas que remetem para uma mudança na vida da pré-adolescente relacionada com a entrada da madrasta nas suas vidas, 20% refere um afastamento do pai, 10% o nascimento do irmão e apenas uma refere uma mudança no sentido de aproximação ao pai (Suj. 4).

Histórias

Nesta subcategoria observa-se que 50% das meninas de onze e treze anos recordam uma história com a madrasta.

No grupo A todas as histórias remetem para memórias agradáveis, enquanto no grupo B surgem duas histórias (20%) com um clima desagradável, que remetem para conflitos que não haviam sido mencionados anteriormente e que já discutimos na categoria dos *conflitos*.

Gostaríamos de destacar que apesar de cerca de metade das meninas de onze anos não recordarem nenhuma história com a madrasta quando o fazem, estas remetem para situações agradáveis, onde é visível a valorização dada à atenção e amor exclusivo tão comum nas meninas mais novas.

Parece-nos então que as meninas, especialmente as de onze anos, prolongam por vezes esta necessidade da atenção exclusiva do adulto, face à eminente perda do estatuto infantil, procurando mecanismos que a mantenham em segurança.

5- CONCLUSÃO

Os resultados obtidos e a discussão dos mesmos não têm a pretensão de esgotar o assunto nem tão pouco de generalizar os dados para um universo mais alargado, no entanto, nesta fase final do trabalho gostaríamos de referir que as entrevistas realizadas com as pré-adolescentes se revelaram uma fonte preciosa de informação e aprendizagem.

A análise de discurso das entrevistas revelou dados muito interessantes sobre a relação entre a díade enteada-madrasta, na perspectiva da pré-adolescente de onze e treze anos.

Relembramos que face ao problema formulado e objectivos propostos no início do estudo, foram lançadas algumas questões de investigação que tentámos aprofundar ao longo deste estudo e a que tentaremos agora responder de uma forma clara e concisa.

Q1- A representação das pré-adolescentes da qualidade e o tipo de relação menina/madrasta, nos onze e treze anos;

Foi claro para nós, tanto num grupo como noutro, que o tipo de relação estabelecida com a madrasta é, regra geral, positiva. O contrário, ou seja, uma relação mais conflituosa com a madrasta ocorre numa pequena minoria e remete para rivalidades edípicas intensas que precisariam de uma abordagem individual e mais aprofundada dos factores emocionais e relacionais envolvidos nestes casos específicos.

Q2- Como se configuram as diferenças entre as meninas de onze e treze anos relativamente à representação que têm da madrasta e suas funções;

A Madrasta é maioritariamente representada como uma amiga, tanto nos onze como nos treze. A representação da madrasta como *namorada do pai* é mais utilizada no grupo das meninas mais velhas, em que surge necessidade de isolar a relação perante fantasmas incestuosos que agora ressurgem

No Grupo A é solicitada uma madrasta mais afectiva e cuidadora (q.b.), enquanto no grupo das mais velhas, uma relação mais adulta e facilitadora da relação com o pai é valorizada.

Q3- Nas meninas de onze anos, a origem dos conflitos com a madrasta está relacionada com a lealdade ainda marcada com a mãe;

Concluimos que os conflitos, mais frequentes no grupo das meninas mais novas, estão relacionados com a insegurança face à permanência do amor do pai, que tem de ser inicialmente testado. A lealdade marcada com a mãe, principalmente nas meninas de onze anos, foi transportada e reflectida em todas as respostas dadas, no entanto foi mais evidente na categoria: *Conversas* (o mais íntimo reservam para a mãe); *Quem recorrem* e na própria *Conotação* que associam à palavra madrasta (“é um bocado forte porque eu ainda tenho mãe”).

Q4- Os conflitos com a madrasta, nas meninas de treze anos, parecem estar relacionados com a rivalidade vivenciada face à mulher do pai, num período em que os conflitos edipianos ressurgem intensos;

Aos treze anos parece que os conflitos remetem mais directamente para ciúmes relativamente à madrasta e à sua cumplicidade com o pai.

Q5- As meninas de treze anos manifestam um maior desejo expresso de mudança relacional, pois sentem-se mais autónomas, do que as meninas de onze anos que estão mais preocupadas com a perda do estatuto infantil; ainda muito dependentes da figura maternal.

Em ambos os grupos o desejo de mudança foi pouco expressivo, o que nos faz pensar na possibilidade da relação enteada/madrasta raras vezes alcançar níveis de intimidade muito elevados, que provavelmente esta díade atingirá um equilíbrio (por vezes instável) oscilando discretamente ao longo da vida de ambas, isto porque nos parece que de uma forma mais ou menos elaborada, mais ou menos explícita, o ressentimento edipiano estará sempre presente.

Para terminar este trabalho gostaríamos ainda de lembrar que passar tempo com o pai e com a madrasta pode ser uma parte importante do desenvolvimento da criança, na medida em que pode proporcionar à criança e jovem modelos adicionais de identificação, experiências enriquecedores e diferentes formas de resolução de problemas.

Nesta perspectiva, e de acordo com Fleming (1993), o adolescente confrontado com o desafio da mudança interna e externa (mudanças corporais, de papéis, de relações perdidas e ganhas; novas ideias e conceitos; novos ambientes e situações vivenciais) conta não só

com o seu “mundo interno”, povoado ou não de “bons objectos” propiciadores de confiança básica e de segurança, mas também com as relações actuais com os seus pais, pares, amigos e adultos significativos.

5.1- Limitações do Estudo

Ao realizarmos as entrevistas e ao longo da elaboração do trabalho verificámos que alguns assuntos não foram abordados enquanto outros poderiam ter sido mais explorados.

Foi bastante difícil encontrar uma amostra uniforme para este estudo, a variedade de situações, famílias e casos menos comuns encontrada foi imensa, dificultando-nos bastante a uniformização da amostra a recolher.

Assim percebemos que a amostra deste estudo não permita a generalização para a população.

5.2- Sugestões para Futuros Trabalhos de Investigação

Este trabalho foi muito gratificante, não só do ponto de vista académico, mas também pela oportunidade que nos proporcionou de entrevistar meninas de onze e treze anos, aprendendo assim muito sobre a dinâmica relacional na pré-adolescência feminina.

Ao longo da elaboração desta investigação, percebemos que em Portugal existem ainda poucos estudos sobre a díade madrasta – enteada, e no geral sobre famílias recompostas. Tudo parece estar agora a começar, numa fase embrionária, assim, entendemos que muitos estudos terão e deverão continuar a acontecer nesta área.

É uma área muito rica e pouco explorada e por isso surgiram-nos algumas sugestões para estudos futuros que gostaríamos de partilhar:

O Estudo desta díade com a perspectiva da madrasta seria muito interessante, assim como fazer um cruzamento dos dados com as percepções das enteadas;

Com o mesmo instrumento estudar as outras díades: madrasta/enteado; enteada/padrasto enteado/padrasto de forma a poder-se também fazer uma comparação por gênero.

A comparação desta díade com enteadas/os a residir com as madrastas a tempo inteiro e também com pré-adolescentes com custódia partilhada;

Estudar a relação entre irmãos e meios irmãos.

Estudar a díade enteada/madrasta, mas com outras idades, na latência por exemplo, usando o desenho da família.

6- REFERÊNCIAS

- Amaral Dias, C.(1988). *Para uma Psicanálise da Relação*. Porto: Edições Afrontamento
- Bardin, L.(1995). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bénony, H. & Chahraoui, K. (2002). *A Entrevista Clínica*. Lisboa: Climepsi.
- Bettelheim, M. (1998). *Psicanálise dos Contos de Fadas*. Venda Nova: Bertrand.
- Bion, W.R. (1973). *Atenção e interpretação*. São Paulo: Imago.
- Braconnier A. & Marcelli, D. (2000). *As mil faces de adolescência*. Lisboa: Climepsi.
- Bray, J. H. & Harvey, J. (1995). Adolescents in Stepfamilies: Developmental Family Interventions. *Psychotherapy*, 32, 122-130.
- Bray, J. H. & Hetherington, E. M. (1993). Families in Transition: Introduction and Overview. *Journal of Family Psychology*, 7, 3-8.
- Bray, J. & Kelly, J. (1998). *Stepfamilies: Love, Marriage, and Parenting in the First Decade*. New York: Random House.
- Blos, P. (1967). The Second Individuation Process of Adolescence. *Psychoanalytic Study of the child*, 22, 162-186.
- Blos, P. (1998). *Adolescência. Uma interpretação Psicanalítica*. Lisboa: 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes.

Clingempeel, W.G., & Segal, S. (1986). Stepparent-Stepchild Relationships and The Psychological Adjustment of Children in Stepmother and Stepfather Families. *Child development*, 57, 474-484. Consultado em Dezembro, 14, 2007 from EBSCOHost Academic Search Elite database.

Coimbra de Matos, A. (2002). *Adolescência*. Climepsi: Lisboa.

Collins, W.E.; Newman.; B.M. & McKenry, P. C.(1995). Intrapsychic and Interpersonal Factors Related to Adolescent Psychology Well-Being in Stepmother and Stepfather Families. *Journal of Family Psychology*, 9 (4) 433-445. Consultado em Dezembro, 14, 2007 from EBSCOHost Academic Search Elite database.

Coleman, M.; Ganong, L.H. & Fine, M. (2000). Reinvestigating Remarriage: Another Decade of Progress. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 1288-1307.

Cordeiro, D. (1988). *Os Adolescentes por dentro*. Edições Salamandra: Lisboa.

Cordeiro, D. (2002). *Manual de Psiquiatria Clínica* (2ªEd.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Delaroche, P. (2005). *A Adolescência: Desafios Clínicos e Terapêuticos*. Climepsi: Lisboa.

Falcke, D. & Wagner, A. (2000). Mães e Madrastas: Mitos Sociais e Autoconceito. *Estudos de Psicologia*, 5, 2, 421-441. Consultado em Dezembro, 14, 2007, from <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v5n2/a07v05n2.pdf>

- Fine, M. A., Kurdek, L., & Hennigen, L. (1992). Perceived self-competence, stepfamily myths and (step)parent role ambiguity in adolescents from stepfather and stepmother families. *Journal of Family Psychology*, 6 (1), 69-76.
- Fleming, M. (1993). *Adolescência e Autonomia*. Porto: Ed. Afrontamento.
- Flores, T. (2005). *Narcisismo e Feminilidade*. Lisboa: Climepsi.
- Freud, S. (1905). *Três Ensaios Sobre A Sexualidade*. Lisboa: Ed. Livros do Brasil
- Gameiro, J. (2001). *Os meus, os Teus e os Nossos: Novas formas de família*. Lisboa: Terramar.
- Glick, P.C.(1989). Remarried Families, Stepfamilies, and Stepchildren: A Brief Demographic Profile. *Family Relations*. 38, 24-27.
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: Sentidos e formas de uso*. Lisboa: Principia.
- Hetherington, E. M. (1993). An overview of the Virginia Longitudinal Study of Divorce and Remarriage. *Journal of Family Psychology*, 7, 39-56.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2008). Informação à comunicação social. *Estatísticas Demográficas de 2007*.
- Jones, A. (2003). Reconstructing the Stepfamily: Old Myths, New Stories. *Social Work*. 48, 2, 228-236. Consultado em Dezembro, 14, 2007 from EBSCOHost Academic Search Elite database.

- Keshet, J. (2001). Uncounted Stepfamilies: Remarried Fathers and Their Wives. In S.Cath & M. Shopper. (Eds.), *Stepparenting: Creating and Recreating Families in America Today* (pp. 245-261), Hillsdale, NJ: The Analytic Press.
- Klockars, L,& Sirola, R.(2001). The Mother-Daughter Love Affair Across the Generations. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 56, 2, 219-237. Consultado em Dezembro, 14, 2007 através de EBSCOhost Academic Search Elite database.
- Lobo, C., Conceição, P.C. (2003). O Recasamento em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 42, 141-159. Consultado em Fevereiro, 2, 2008, através de <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n42/n42a06.pdf>
- Machado, J. (1999). *Breve Dicionário Enciclopédico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Mahler, M. S., Pine F., Bergman, A. (1977). *O Nascimento Psicológico da criança – simbiose e individuação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores
- Malpique, C. (2003). *O Fantástico Mundo de Alice*. Climepsi: Lisboa.
- Oliveira, T. (2005). *Teses e Dissertações: Recomendações para a elaboração e estruturação de trabalhos científicos*. (2ªedição) Lisboa: RH Editores.
- Pacey, S. (2005) Step Change: The Interplay of Sexual and Parenting Problems When Couples Form Stepfamilies. *Sexual and Relationship Therapy*. 20, 359-369.
- Schrodt, P. (2006). The Stepparent Relationship Index: Development, validation, and associations with stepchildren´s perceptions of stepparent communication competence and closeness. *Personal Relationships*, 13 (2006), pp. 167-182. Copyright. IARR. 1350-4126/06.

Shave, D., & Shave, B. (1989). *Early Adolescence and the Search for Self: A development perspective*. Copyright, first published: N.Y.

Smith, D. (1995). *Madrastas: mito e realidade. Como desempenhar este difícil papel*. Porto Alegre: L & PM.

Vala, J. (2003). A análise de conteúdo. In Silva, A. S. & Pinto, J. M. (Orgs.), *Metodologia das ciências sociais* (pp. 101-126), Porto: Edições Afrontamento.

Visher, E.B. & Visher, J.S. (1988). *Old Loyalties, New Ties: Therapeutic Strategies with Stepfamilies*. Brunner/Mazel: New York.

Vuchinich, S. Hetherington, E. M., Vuchinich, R. A., & Clingempeel, W. G. (1991). Parent-child interaction and gender differences in early adolescents' adaptation to stepfamilies. *Developmental Psychology*, 27, 618-626.

7 - Anexos

ANEXO A

CARTA DE CONSENTIMIENTO INFORMADO



ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Exmo(a). Encarregado(a) de Educação do aluno/a _____

Ano _____ Turma _____ Nº _____ Director de Turma _____

Com o objectivo de realizar uma dissertação de mestrado em Psicologia Clínica no Instituto Superior de Psicologia Aplicada, estamos a iniciar uma investigação sobre famílias recompostas, incidindo principalmente na adaptação dos pré-adolescentes à entrada de novos membros na família.

Para este efeito, precisamos de entrevistar pré-adolescentes que preencham as condições requeridas para o estudo.

Garantimos que a confidencialidade dos dados recolhidos será mantida e que as entrevistas serão realizadas sem prejuízo das actividades lectivas dos jovens.

Assim, vimos por este meio solicitar que autorize a participação do seu filho neste estudo.

Autorizo que o meu filho/a participe no estudo

Não autorizo que o meu filho/a participe no estudo

Assinatura _____

Caso pretenda mais algum esclarecimento agradeceríamos que deixasse um número de telefone para onde pudéssemos contactá-lo/a.

N. _____

Agradecemos a sua colaboração,

As responsáveis pela Investigação:

Joana Freitas _____

Mafalda Freitas _____

Raquel Peru _____

Susana Silva _____

Orientador

ANEXO B
QUESTIONÁRIO DE SELECÇÃO

Vimos por este meio pedir a tua colaboração para a realização de um estudo de jovens vivendo em diferentes contextos familiares. Para isso pedimos-te que preenchas este pequeno questionário.

Os dados que preencheres serão confidenciais.

Sexo: F___ M___

Idade: _____ Ano: _____ Director de Turma: _____

Actualmente vives com:

Mãe e Pai:

Mãe:

Pai:

Mãe e “Padrasto”:

Pai e “Madrasta”:

Outros, quais?: _____

No caso de os teus pais estarem separados, algum deles voltou a casar / viver junto com alguém?

Sim, Pai:

Sim, Mãe:

Sim, ambos:

Não:

Se respondeste afirmativamente à pergunta anterior, há quanto tempo?

Menos de um ano:

Mais de um ano:

Não sei:

ANEXO C

GUIÃO DA ENTREVISTA

Apresentação

“Olá, eu sou a XXXX e estou a fazer um estudo sobre a forma como as jovens da tua idade se relacionam e reagem à entrada de novas pessoas na família, gostava de perceber como é que estas relações funcionam, e se por vezes existem problemas ou não... achas que me podes ajudar? Então vou fazer-te uma pequena entrevista, ok? Importas-te que a grave? Quero que saibas que tudo o que me disseres é confidencial”

Dados informativos iniciais

1 - *“Que idade tens?”*

2 - *“Lá em casa, vives com quem?”*

3 - *“Que idades têm eles (o pai, mãe e madrasta)?”*

4 - *“Tens irmãos? Com que idade?”*

5 - *“Então os teus pais estão separados, tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?”*

6 - *“E quantos anos tinhas quando o teu pai se juntou novamente, tens ideia?”*

Entrevista

7 - *“Então, tens uma “madrasta”, como é que tu a chamas?”*

8- *“E quando falas dela para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes a ela?”*

9 - *“Costumas passar muito tempo com o teu pai e a tua “madrasta”?”*

10 - *“Então e o fim-de-semana/dia/férias que passam juntos como é que costuma correr?”*

11 - *“Sabes eu não conheço a tua “madrasta”, por isso gostava que me disseses como ela é?”*

11.1- *“Assim como pessoa?”*

12- *“Ainda te lembras como a conhecestes, mesmo da primeira vez?”*

13- *“E o que é que achaste lembras-te?”*

14- *“Como era a tua vida antes de conheceres a tua madrasta?”*

15- *“O que é que achas que mudou na tua vida depois de a teres conhecido?”*

16- *“Há-de ter sido um pouco complicado para ti na altura, ainda te lembras como foi?”*

17- *“Tiveste um pouco de ciúmes, lembras-te como te sentiste?”*

18- *“Então e agora, como é a tua relação com ela?”*

19- *“E desde que a conhecestes até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?”*

19.1 - *Mudou como? Porquê? O que aconteceu?*

20- *“Já alguma vez tiveram assim uma zanga as duas? Lembras-te como foi?”*

21- *“Como é que isso se resolveu?”*

22- *“Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?”*

23- *“Tu sentes que ela gosta de ti?”*

23.1- *“Sentes que ela se preocupa contigo, com as tuas coisas?”*

24- *“E tu gostas dela?”*

24.1- *“O que mais gostas nela?”*

25- *“Costumam conversar?”*

25.1- *“Sobre o quê?”*

26- *“Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contavas?”*

27- *“E há alguma coisa/assunto que tu não fales mesmo com a tua “madrasta?”*

27.1- *“Porquê? Consegues explicar?”*

28- *“Há assim alguma coisa nela que te irrite/incomode muito? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?”*

29- *“Então e como costumás lidar com isso?”*

30- *“Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?”*

31- *“E tu o que achas dessas regras, concordas? Costumas cumpri-las?”*

31.1- *“Se não, porquê?”*

31.2- *“Se não cumpre, o que acontece?”*

32- *“Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com a tua “madrasta” que aches importante?”*

Estamos quase a terminar...

33- *“O que é que ela significa para ti, como é que tu a vês?”*

34- *“O que é que tu achas da palavra “madrasta?”*

1- O que achaste da entrevista?

2- Houve assim alguma pergunta que te tenhas sentido menos à vontade?

ANEXO D
GRELHA DE ANÁLISE
GRUPO A

Primeira Categoria – A Madrasta

Tabela 1.1- 1ªSub-Categoria Nível 1: Como a Designam

Sub-Categorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Como a chamam	Nome próprio	<i>Suj. C; D; F; G; H; I; J; K; L.</i>	9	90%
	Tia / Madrinha		0	0
	Outros	<i>“Bruaca”. (suj. A)</i>	1	10%
Como a designam a outros	Madrasta	<i>“Digo a minha madrasta”. (suj. F; I; J, K, L)</i>	5	45%
	Namorada do pai	<i>“É a namorada do meu pai”. (suj. C; D; F; G.)</i>	4	36%
	Outros	<i>“Digo o nome dela”. (Suj. A; H)</i>	2	18%
Conotação da palavra “Madrasta”	Negativa	<i>“É um bocado forte porque eu ainda tenho mãe” (Suj. C)</i> <i>“Não acho bem porque parece uma palavra para substituir a nossa mãe e por mais que seja mulher do nosso pai nunca há-de ser nossa mãe”. (Suj. G)</i> <i>“É mau dizer/parece que é má”. (Suj. D; I; K; L)</i>	6	60%
	Ambivalente	<i>“Mulher do pai”. (Suj. F)</i> <i>“Á primeira vista parece que a pessoa é má (...) mas eu não acho isso” (Suj. J)</i>	2	20%
	Indiferente	<i>“Não me é nada”. (Suj. A)</i> <i>“Não acho nada”. (Suj. H)</i>	2	20%

Tabela 1.2- 2ª Sub-Categoria Nível 1: Como a Descrevem

Sub-Categorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Descrição física	Ausente	<i>Em todos os sujeitos</i>		
	Presente		0	0
Descrição Psicológica	Positiva	Car. Pessoais <i>"É simpática". (Suj. C, D, F, G, H, I, J, K, L)</i> <i>"É inteligente". (Suj. I)</i> <i>"Engraçada". (Suj. C)</i> <i>"Amiga das pessoas". (Suj. J)</i> <i>"Gosta de ajudar". (Suj. C)</i>	13	72,2%
		Estar disponível <i>"Está sempre disponível". (Suj. G)</i> <i>"Fala muitas vezes comigo" (Suj. I)</i> <i>"Compreende-me muito bem" (Suj. K)</i>	3	16,7%
		Educativa <i>"Gosta de ensinar coisas diferentes". (Suj. I)</i> <i>"Ajuda-me nos trabalhos de casa". (Suj. H)</i>	2	11,1%
	Negativa	<i>"Respondonda e tem mau feitio". (Suj. A)</i>	1	5,3%
O que gostam mais	Estar disponível	<i>"Falo com ela como se tivesse a falar com as minhas amigas". (Suj. K)</i> <i>"Está sempre a chamar-me para estar com eles". (Suj. G)</i>	2	20%
	Fazer o desejado	<i>"Ela ir à praia". (Suj. F)</i> <i>"Faz-nos coisas especiais, leva-nos a sítios que a gente nunca foi" (Suj. L)</i>	2	20%
	Caract. Pessoais	<i>"Ser simpática". (Suj. D; I; J)</i> <i>"É divertida". (Suj. K)</i>	4	40%

	Não Responde/Tudo ou Nada	<i>Não responde. (Suj. A)</i> <i>"Não sei bem...". (Suj. C)</i>	2	20%
O que gostam menos	Não estar disponível	<i>"Irrita-me, não posso estar tanto tempo com ela". (Suj. G)</i>	1	7,7%
	Caract. Pessoais	<i>"O mau feitio". (Suj. A)</i> <i>"Fala muito alto". (Suj. C)</i> <i>"Bate nos filhos dela". (Suj. F)</i> <i>"Ser muito alta". (Suj. G)</i> <i>"São muito parados". (Suj. G)</i> <i>"Às vezes é querida de mais". (Suj. I)</i> <i>"Casmurrice". (Suj. J)</i> <i>"Interrompe quando estou a falar". (Suj. L)</i>	9	69,2%
	Não sabe/Não responde	<i>"Não". (Suj. D; H; K)</i>	3	23,1%
	Fazer o não desejado			
Como lidam com isso	Afastamento / fuga	<i>"Vou para o quarto com a minha irmã". (Suj. C)</i>	1	14,3%
	Recorre ao pai	<i>"Digo ao meu pai". (Suj. F)</i>	1	14,3%
	Amos / deixa de falar	<i>"Não lhe falo". (Suj. A)</i>	1	14,3%
	Resolve com a madrasta	<i>"Puxo mais por ela". (Suj. G)</i> <i>"Digo-lhe: olha eu estava a falar". (Suj. L)</i>	2	28,6%
	Sem estratégia / passividade	<i>"Deixo ela preocupar-se..."(Suj. I)</i> <i>"Deixo estar...". (Suj. J)</i>	2	28,6%

Tabela 1.3-3ª Sub-Categoria nível 1: Como a Representam

Sub-Categorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%	
Representação Familiar	Mãe		0	0	
	Segunda Mãe	<i>"Uma segunda mãe". (Suj. F)</i>	1	7,7%	
	Tia / Madrinha/Familiar	<i>"Pessoa que faz parte da família". (Suj. J)</i>	1	7,7%	
Representação Extra-Familiar	Positiva	Namorada/Mulher do Pai	<i>"Primeiro é a mulher do meu Pai". (Suj. G)</i>	1	7,7%
		Amiga	<i>"Como uma amiga". (Suj. C, D, G, J, K, L)</i> <i>"amiga especial". (Suj. I)</i> <i>"Boa pessoa que me ajuda". (Suj. H)</i>	8	61,5%
		Mãe dos irmãos		0	
	Negativa	<i>"Bruaca". (Suj. A)</i>	1	7,7%	
	Ambivalente	<i>"Não a vejo como madrasta..." (Suj. G)</i>	1	7,7%	

Segunda Categoria-Relação com a Madrasta

Tabela 2.1- 1ªSub-Categoria nível 1: Evolução Relacional

Sub-Categorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%	
Primeira Impressão	Positiva	<i>"Achei engraçado". (Suj. F)</i> <i>"Achei simpática". (Suj. D; I)</i> <i>"Gostei dela". (Suj. K; L)</i>	5	50%	
	Negativa	<i>"Achei que ela era parva e estúpida". (Suj. A)</i> <i>"Achei um bocado estranho". (Suj. C)</i> <i>"Fiquei um bocadinho abalada". (Suj. J)</i>	3	30%	
	Indiferente/ Não recorda	<i>"Não achei mal". (Suj. G)</i> <i>"Não me lembro". (Suj. H)</i>	2	20%	
Mudança na Relação	Sim	Proximidade	<i>"Estou mais à vontade, antes era só namorada (...) mas agora sei que ela vai casar". (Suj. G)</i> <i>"Ultimamente dou-me melhor, porque nos fomos conhecendo". (Suj. F)</i> <i>"Cada vez estamos a confiar mais uma na outra". (Suj. J)</i> <i>"Damo-nos melhor, cada vez mais". (Suj. K)</i> <i>"Cada vez estamos mais amigas". (Suj. L)</i>	5	50%
		Afastamento	<i>"Teve de passar mais tempo para a minha irmã" (Suj. I)</i>	1	10%
	Não	<i>"Não". (Suj. A; C; D; H)</i>	4	40%	

Desejo de Mudança	Presente	Proximidade	<i>“Gostava que o meu pai se casasse com ela” (Suj. F)</i>	1	10%
		Madrasta	<i>“O feitio”. (Suj. A)</i> <i>“Mais tempo para mim.”. (Suj. I)</i>	2	20%
	Ausente		<i>“Acho que está bom assim”. (Suj. C)</i> <i>“Não”. (Suj. D; J; H; K; L)</i> <i>“Acho que não dá para melhorar, senão dava porcaria”. (Suj. G)</i>	7	70%

Exceção 1: *“Gostava que o meu pai se desse mais com a minha mãe”. (Suj. G)*

Tabela 2.2- 2ªSub-Categoria nível 1: Tipo de Relação

Sub-Categorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Positiva (92,3%)	Afectiva	<i>“É boa”. (Suj. D; F; G; J)</i> <i>“Amiga”. (G; K; L)</i> <i>“É gira”. (Suj. H)</i>	8	66,7%
	Educativa	<i>“Ajuda-me a fazer os trabalhos de casa”. (Suj. I)</i>	1	8,3%
	Lúdica	<i>“Bem, brincamos”. (Suj. C, G);</i> <i>“Vamos juntas passear” (Suj. G)</i>	3	25%
Negativa	Afectiva	<i>“É a mesma”. (Suj. A)</i>	1	7,7%

Tabela 2.3- 3ªSub-Categoria nível 1: Percepção e Reciprocidade Afetiva

Sub-Categorias Nível 2		Unidades de Registro	F	%
Percepção Afetiva	Negativa/Incerteza	“Não sei”. (Suj. A) “Às vezes, quando está bem disposta” (Suj. A)	2	18,2%
	Positiva	“Sim”. (Suj. C; D; F; G; H; I; J; K; L)	9	81,8%
Reciprocidade Afetiva	Positiva	“Sim”. (Suj. C; D; F; G; H; I; J; K; L)	9	90%
	Negativa	“Não... senão não lhe chamava bruca...”. (Suj. A)	1	10%

Tabela 2.4- 4ªSub-Categoria nível 1: Conversas

Sub-Categorias Nível 2		Unidades de Registro	F	%
Ausência de Conversas		“Não”. (Suj. A; F; H; I)	3	30%
O que falam	Escola	“Como vai a escola”. (Suj. D; G; I; L)	4	36,4%
	Amigos	“Sobre amigos”. (Suj. G)	1	9%
	Intimidade	“Sobre a adolescência”. (Suj. I) “... Desabafo com ela e ela comigo”. (Suj. J)	3	27,3%
		“Sobre tudo”. (Suj. K)		
	Quotidiano	“Sobre o casamento”. (Suj. G) “Sobre a bebé”. (Suj. C) “Sobre a vinda do pai e sobre as férias”. (Suj. G)	3	27,3%
Não específica				

O que não falam	Problemas Familiares/assuntos importantes	<i>“Conto mais à minha mãe”. (Suj. I)</i> <i>“Problemas... com a minha mãe”. (Suj. J)</i>	2	25%
	Namorados	<i>“Namorados e assim só com a minha mãe”. (Suj. G; L)</i>	2	25%
	Não sabe/Não responde	<i>“Não sei sobre o que não falo”. (Suj. C; H)</i> <i>“Não falo de tudo”. (Suj. D, F)</i>	4	50%
	Falam de tudo			
A quem recorrem em caso de algum problema	1º Mãe	<i>“À minha mãe”. (Suj. A; F; G; H; I; L)</i>	6	54,5%
	Pai e Mãe	<i>“À minha Mãe e ao meu Pai”. (Suj. J, K)</i>	2	18,2%
	Irmãos	<i>“À minha irmã”. (Suj. C; D)</i>	2	18,2%
	Madrasta	<i>“Secalhar à minha madrasta também”. (Suj. K)</i>	1	9,1%
	Tias/Madrinha		0	

Tabela 2.5- 5ªSub-Categoria nível 1: **Actividades Conjuntas**

Sub-Categorias Nível 2	Unidades de Registo	F	%
Passear / Brincar	<i>“Fazer piqueniques”. (Suj. A)</i> <i>“Jogamos às cartas”. (Suj. C)</i> <i>“Vamos passear”. (Suj. A; I)</i> <i>“Vamos à praia, à piscina”. (Suj. I)</i> <i>“Vamos à feira, ao canil”. (Suj. J)</i>	6	35,3%
Televisão / Computador/Estar em casa	<i>“Vemos televisão”. (Suj. G)</i> <i>“Eu e o mais velho jogamos Playstation”. (Suj. F)</i> <i>“Ficamos em casa”. (Suj. I)</i>	5	29,4%

	<i>"Alugamos filmes". (Suj. J, L)</i>		
Tarefas Familiares	<i>"Mudamos a fralda da bebé". (Suj. C)</i> <i>"Temos visto vestidos de casamento". (Suj. G)</i> <i>"Vamos às compras". (Suj. H)</i> <i>"Brincamos com o neto, que chamamos sobrinho". (Suj. K)</i>	4	23,5%
Não Discrimina	<i>"Corre bem". (Suj. D, H)</i>	2	11,8%

Tabela 2.6-6ª Sub-Categoria nível 1: Conflitos

Sub-Categorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Recordam	Provocações	<i>"Começamos a puxar-lhe o cabelo e ela irritou-se". (Suj. J)</i> <i>"Fica chateada quando lhe mexemos nas coisas". (Suj. L)</i>	2	20%
	Agressividade	<i>"Aquilo de ela bater nos filhos". (Suj. F)</i>	1	10%
	Ciúmes/Traição	<i>"O bebé começou a chorar e ela tirou-me". (Suj. A)</i>	1	10%
Não recordam nenhum conflito		<i>Suj. C, D, G, H, I, K</i>	6	60%
Resolução dos Conflitos	Diálogo	<i>"Depois fui falar com ela e ficou tudo bem". (Suj. J)</i>	1	25%
	Evitamento/Deixa de falar	<i>"Não falei com ela o resto do dia". (Suj. A)</i>	1	25%
	Ajuda exterior	<i>"Muitas vezes digo ao meu pai". (Suj. F)</i> <i>"Ela diz ao meu pai, e ele zanga-se connosco, e depois pronto". (Suj. L)</i>	2	50%

Terceira Categoria – Marcos Importantes

Tabela 3.1- 1ª Sub-Categoria Nível 1: Apresentação da Madrasta

Sub-Categorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Recorda		<p><i>“Estava no carro com o meu pai... ela ía à frente”. (Suj. A)</i></p> <p><i>“Estávamos a fazer fios de miçangas”. (Suj. C)</i></p> <p><i>“Foi no café...” (Suj. D)</i></p> <p><i>“Ela era amiga dos meus tios”. (Suj. F)</i></p> <p><i>“Eu cheguei a casa e ele apresentou-me”. (Suj. G)</i></p> <p><i>“Foi nos meus anos”. (Suj. I)</i></p> <p><i>“Eu estava a sair do ATL e encontrei o meu pai”. (Suj. J)</i></p> <p><i>“Ela já ía à praia connosco”. (Suj. K)</i></p> <p><i>“Ela estava a entrar no carro do nosso pai”. (Suj. L)</i></p>	9	90%
Não recorda		<i>“Mais ou menos”. (Suj. H)</i>	1	10%
Impacto Afectivo	Negativo	<p><i>“Não sofri aqui muito, foi só no primeiro dia”. (Suj. C)</i></p> <p><i>“Senti-me um bocadinho excluída, mas depois passou.” (Suj. G)</i></p> <p><i>“Tive ciúmes”. (Suj. H)</i></p> <p><i>“Sim, andava um bocadinho triste”. (Suj. J)</i></p>	4	40%
	Nega impacto/Não lembra	<p><i>“Não, eu nem tenho ciúmes do meu irmão”. (Suj. A)</i></p> <p><i>“Não tive ciúmes”. (Suj. D; F; I; K; L)</i></p>	6	60%

Excepção 2: *“Sempre quis que a nossa mãe e o nosso pai se voltassem a juntar”. (Suj. L)*

Tabela 3.2- 2ª Sub-Categoria nível 1 – Mudança Vivencial

Mudança Vivencial	Houve	Afastamento do pai	<i>“Antes passava mais tempo com o meu pai”. (Suj. F)</i>	1	9,1%
		Aproximação do pai		0	
		Nascimento de irmão	<i>“Ter um irmão”. (Suj. A; F)</i>	2	18,2%
	Não Houve	<i>“Nada”. (Suj. C; D; G; H; I; J; K; L)</i>	8	72,7%	

Tabela 3.3 3ª Sub-Categoria Nível 1: Histórias

Histórias	Clima Positivo	<p><i>“Uma vez fomos as duas á praia (...) e eu molhei-me e ela tirou a camisola e deu-me”. (Suj. G)</i></p> <p><i>“Nas férias, andávamos sempre juntas... e eu preocupava-me com ela”. (Suj. I)</i></p> <p><i>“Fomos comer um gelado... o meu pai estava a trabalhar e a minha irmã estava na escola... fomos à praia e almoçar fora”. (Suj. J)</i></p> <p><i>“Vamos às compras e rimo-nos muito”. (Suj. K)</i></p> <p><i>“Durante as férias a apanharmos amoras, muito divertido”. (Suj. L)</i></p>	5	50%
	Clima Negativo		0	
	Não recorda	<i>Suj. A; C; D; F; H</i>	5	50%

ANEXO E
GRELHA DE ANÁLISE
GRUPO B

Primeira Categoria – A Madrasta

Tabela 13.1- 1ªSub-Categoria nível 1: Como a Designam

Sub-Categorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Como a chamam	Nome próprio	<i>"Pelo nome". (Suj. 2; 3; 4; 6; 9; 10; 11; 12; 14)</i>	9	90%
	Tia / Madrinha	<i>"Trato por titi". (Suj. 1)</i>	1	10%
	Outros		0	
Como a designam a outros	Madrasta	<i>"A minha madrasta". (Suj. 1; 2; 3; 6; 9; 11; 12)</i>	7	53.8%
	Namorada do pai/Mulher do Pai	<i>"Ou namorada do pai". (Suj. 3; 4; 6; 14)</i> <i>"Mulher do meu pai". (Suj. 10)</i>	5	38,5%
	Outros	<i>"Boa-Drasta". (Suj. 9)</i>	1	7.7%
Conotação da palavra "Madrasta"	Negativa	<i>"Não gosto, é feia, faz pensar que é má". (Suj. 3, 10)</i> <i>"Faz lembrar uma pessoa má". (Suj. 4)</i> <i>"Parece má e nem todas as madrastas são más". (Suj. 9)</i> <i>"Parece uma pessoa má, é por conta dessas histórias... essa palavra não devia existir". (Suj. 12)</i> <i>"Horível... é uma pessoa que faz parte da vida do meu pai, não é uma madrasta (...) parece que é má e que casa com o pai e faz a vida negra às filhas". (Suj. 14)</i>	6	60%
	Ambivalente	<i>"Acho cómica, não sou nada como aquelas pessoa que dizem que madrasta é má (...)". (Suj. 6)</i> <i>"Parece uma palavra agressiva... má, mas no fundo acho que madrasta vem de mãe,</i>	3	30%

		<i>por isso...” (Suj.1)</i> <i>“Toda a gente diz que é ser mau (...) eu acho que depende da pessoa (...)só pelo nome não podemos julgar as pessoas.(Suj.11)</i>		
	Indiferente	<i>“Não sei, é-me indiferente”. (Suj. 2)</i>	1	10%

Tabela 13.2-2ª Sub-Categoria Nível 1: Como a Descrevem

Sub-Categorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Descrição física	Ausente	<i>Suj. 3; 4; 9; 10; 12; 14</i>	6	60%
	Presente	<i>“Estatura baixa, cabelo curtinho, olhos verdes”. (Suj.1)</i> <i>“É alta”. (Suj. 2)</i> <i>“É alta, tens os cabelos castanhos”. (Suj. 6)</i> <i>“Baixinha, loira, de cabelo curtinho aos caracóis”. (Suj. 11)</i>	4	40%
Descrição Psicológica	Positiva	Car.Pessoais <i>“É muito simpática”. (Suj. 2; 3; 4; 6; 10; 11; 14)</i> <i>“É calminha”. (Suj. 6)</i> <i>“É muito boa pessoa” (Suj. 1)</i> <i>“Gosta de crianças” (Suj.1)</i> <i>“Gosta de ajudar”. (Suj. 1, 4)</i> <i>“Preocupa-se primeiro com os outros” (Suj.1)</i> <i>“É boa”. (Suj. 4)</i> <i>“É brincalhona, divertida”. (Suj. 3)</i> <i>“É muito protectora” (Suj.9)</i>	18	100%

			<i>"É querida". (Suj. 9; 11)</i>		
		Estar disponível			
		Educativa			
	Negativa		<i>"Resmungona, tem os seus feitiços, tem de ter tudo arrumadinho". (Suj. 14)</i>	1	5%
	Não sabe/não responde		<i>"Não sei, não sei descrevê-la". (Suj. 12)</i>	1	5%
O que gostam mais	Estar disponível		<i>"Ser minha amiga". (Suj. 4)</i> <i>"Essa parte de ela ser muito querida para mim". (Suj. 11)</i>	2	18,2%
	Fazer o desejado		<i>"Gosto quando ela vem ter comigo para irmos convencer o pai". (Suj. 6)</i> <i>"Ela ajuda-me a não ir andar quando o meu pai manda". (Suj. 14)</i>	2	18,2%
	Caract. Pessoais		<i>"Gosto que ela se preocupe primeiro com os outros". (Suj. 1)</i> <i>"Ser divertida". (Suj. 3)</i> <i>"Os cozinhados"(Suj. 9)</i> <i>"Não grita". (Suj. 6)</i>	4	36,4%
	Não sabe/Tudo/Nada		<i>"Não sei". (Suj.2)</i> <i>"Gosto de tudo". (Suj. 10)</i> <i>"De nada". (Suj. 12)</i>	3	18,2
O que gostam menos	Não estar disponível			0	
	Características Pessoais		<i>"Às vezes tem um feitizinho mesmo...". (Suj. 1)</i> <i>"Forma de falar um bocado fria". (Suj. 12)</i>	2	18,2%
	Não sabe/Não responde/Nada		<i>"Não". (Suj. 3; 4; 6; 10; 11)</i>	5	45,4%

	Fazer o não desejado	<p><i>“Uma coisinha... está-me sempre a chamar”. (Suj.2)</i></p> <p><i>“Às vezes implica com o meu pai e eu fico chateada”. (Suj. 1)</i></p> <p><i>“Difícil lidar com ela porque ela não está habituada aquilo que eu sou”. (Suj. 9)</i></p> <p><i>“Quando se chateia (...) está ali aos berros”. (Suj.14)</i></p>	4	36,4%
Como lidam com isso	Afastamento / fuga	<i>“Eu vou-me embora... nem que vá lá para fora”. (Suj. 14)</i>	1	16,7%
	Recorre ao pai		0	
	Amuos / deixa de falar		0	
	Resolve com a madraستا	<p><i>“Digo que agora não posso”. (Suj. 2)</i></p> <p><i>“Digo não é nada”. (Suj. 9)</i></p> <p><i>“Às vezes faço o mesmo”. (Suj. 12)</i></p>	3	50%
	Sem estratégia / Passividade	<p><i>“Não ligo”. (Suj. 1)</i></p> <p><i>“Não ligo”. (Suj.12)</i></p>	2	33,3%

Tabela 13.3-3ªSub-Categoria nível 1: Como a Representam

Sub-Categorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Representação Familiar	Mãe	<i>“Como uma mãe”. (Suj. 1)</i>	1	9,1%
	Segunda Mãe	<i>“Como uma segunda mãe”. (Suj.10)</i>	1	9,1%
	Tia / Madrinha/Familiar		0	
Representação Extra-Familiar	Positiva	Namorada/Mulher do Pai	2	18,2%
		Amiga	5	45,4%

		Mãe dos Irmãos	<i>“É a mãe da I.” (Suj.9)</i> <i>“Obrigada por nos terem dado um irmão”.(Suj. 6)</i>	2	18,2%
		Negativa			
		Ambivalente			

Segunda Categoria-Relação com a Madrasta

Tabela 14.1- 1ªSub-Categoria nível 1: Evolução Relacional

Sub-Categorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Primeira Impressão	Positiva	<i>“Achei simpática”. (Suj. 2; 4; 12)</i> <i>“Gostei dela”. (Suj. 4)</i> <i>“Acho que simpatizei logo com ela”. (Suj. 11)</i>	5	50%
	Negativa	<i>“Às primeiras vezes não aceitei muito bem” (Suj.1)</i> <i>“Estava com medo de saber como ela era (...) aquelas histórias de madrastas”. (Suj.9)</i> <i>“Mais uma... tinha que conhecer mais uma”. (Suj. 14)</i>	3	30%
	Indiferente/ Não recorda	<i>“Não me lembro bem”. (Suj. 2; 10) – mas depois lembra...</i>	2	20%
Mudança na Relação	Sim	Proximidade <i>“Foi evoluindo para melhor”. (Suj. 3)</i> <i>“Sim, porque eu no início não simpatizava muito com ela... agora já”.</i>	2	20%

			(Suj.10)		
		Afastamento	“No início era muito simpática, mas depois ficou mais arrogante”. (Suj. 12)	1	10%
		Não	“Acho que ficou sempre igual”. (Suj. 1; 2; 4; 6; 9; 11; 14)	7	70%
Desejo de Mudança	Presente	Proximidade	“Sei lá... que viessem viver para cá”. (Suj. 14)	1	10%
		Madrasta		0	
	Ausente		“Não, acho que está bem assim”. (Suj. 1; 2; 3; 4; 6; 9; 10; 11; 12)	9	90%

Exceção nº3: “Fiquei feliz por ter uma irmã”. (Suj.9)

Tabela 14.2-2ª Sub-Categoria nível 1: Tipo de Relação

Sub-Categorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Positiva (85,7%)	Afectiva	“É boa, é tipo uma segunda mãe para mim”. (Suj. 1) “Parece uma segunda mãe, às vezes”. (Suj. 9) “É boa”. (Suj. 2; 3; 4; 6; 9; 10; 11) “Damo-nos bem”. (Suj. 2) “Falo com ela”. (Suj. 6)	11	91,7%
	Educativa		0	0
	Lúdica	“Ela vai comigo às compras”. (Suj. 4)	1	8,3%
Negativa	Afectiva	“Raramente... quer dizer nós cumprimentamo-nos e isso.”. (Suj.12) “Se ela não me chatear eu também não me chateio”. (Suj.14)	2	14,3%

Tabela 14.3-3ª Sub-Categoria nível 1: Percepção e Reciprocidade Afetiva

Sub-Categorias Nível 2		Unidades de Registro	F	%
Percepção Afetiva	Negativa	"Não sei, mais ou menos, não gosta muito de mim". (Suj. 12)	1	10%
	Positiva	"Sim". (Suj. 1; 2; 3; 4; 9; 10; 11; 14) "Acho que sim... se não tratava-me mal".(Suj. 6)	9	90%
Reciprocidade Afetiva	Positiva	"Sim". "(Suj. 1; 2; 3; 4; 6; 9; 10; 11; 14)	9	90%
	Negativa	"Não". (Suj. 12)	1	10%

Tabela 14.4-4ª Sub-Categoria nível 1: Conversas

Sub-Categorias Nível 2		Unidades de Registro	F	%
Ausência de Conversas		"Não conversamos". (Suj. 12; 14)	2	20%
O que falam	Escola	"Sobre a escola". (Suj. 1; 4; 9)	3	33,3%
	Amigos	"Sobre amigos". (Suj.9)	1	11,1%
	Intimidade	"Sobre a ex-mulher do meu pai". (Suj. 4) "Sobre namorados". (Suj. 10)	2	22,2%
	Quotidiano	"Sobre a Net, jogos de computador". (Suj. 2) "Conversa normal". (Suj. 6)	2	22,2%
	Não especifica	"Às vezes" (suj. 11)	1	11,1%
O que não falam	Problemas Familiares/assuntos importantes	"... não é coisas importantes". (Suj. 2)	1	12,5%
	Namorados	"As minhas coisas... rapazes". (Suj. 4)	3	37,5%

		<i>"Namorados não falo... isso é com a mãe". (Suj. 6; 9)</i>		
	Não sabe/Não se lembra	<i>"Não". (Suj. 1; 10; 11)</i>	3	37,5%
	Falam tudo	<i>"Acho que falo de quase tudo". (Suj.3)</i>	1	12,5%
A quem recorrem em caso de algum problema	1º Mãe	<i>"À minha mãe". (Suj. 1; 2; 3; 4; 9; 10; 11; 12; 14)</i>	9	81,8%
	Pai e Mãe	<i>"Ao meu pai ou à minha mãe". (Suj. 6)</i>	1	9,1%
	Irmãos		0	0
	Madrasta			
	Tias/Madrinha	<i>"Às minhas tias, à minha madrinha" (Suj. 14)</i>	1	9,1%

Tabela 14.5- 5ªSub-Categoria nível 1: Atividades conjuntas

Sub-Categorias Nível 2	Unidades de Registo	F	%
Passear / Brincar/Conversar	<i>"Vamos dar uma volta, jantar fora". (Suj. 1; 6; 10)</i> <i>"Passeamos". (Suj. 2; 6; 14)</i> <i>"Brincamos". (Suj. 4)</i> <i>"Vamos a casa de amigos". (Suj.6)</i> <i>"Converso com ela sobre a escola"(Suj. 9)</i>	9	69,2%
Televisão / Computador/Estar em casa		0	
Tarefas Familiares	<i>"Brinco com a minha irmã". (Suj. 9)</i>	1	7,7%
Não Discrimina	<i>"Corre bem". (Suj. 3)</i> <i>"Nada de especial" (Suj. 11; 12)</i>	3	23,1%

Tabela 14.6-6ª Sub-Categoria nível 1: Conflitos

Sub-Categorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Recordam	Provocações		0	
	Agressividade		0	
	Ciúmes/Traição	<i>“Ela disse que a minha cadela tinha ido embora porque ela não gostava de cães...e o meu pai disse que a cadela tinha sido roubada”. (Suj. 12)</i>	1	10%
Não recordam nenhum conflito		<i>“Não, nunca nos zangámos”. (Suj. 1)</i> <i>“Não”. (Suj. 2; 3; 4; 6; 9; 10; 11; 14)</i>	9	90%
Resolução dos Conflitos	Diálogo		0	
	Evitamento		0	
	Recorre a ajuda exterior	<i>“Liguei para o meu pai, e o meu pai disse que ela tinha mesmo desaparecido”. (Suj. 12)</i>	1	10%

Terceira Categoria – Marcos Importantes

Tabela 15.1- 1ªSub-Categoria nível 1: Apresentação da Madrasta

Sub-Categorias Nível 2		Unidades de Registo	F	%
Recorda		<p><i>“Fui lá a casa dela e apresentou-me como namorada”. (Suj. 1)</i></p> <p><i>“... Estava em casa da minha avó...”. (Suj.2)</i></p> <p><i>“Ela tinha uma casa no XXXX e fomos lá passar o fim de semana”. (Suj. 3)</i></p> <p><i>“... Ela foi ter connosco ao café”. (Suj.4)</i></p> <p><i>“Por acaso lembro-me, eu fui à festa de um amigo do pai e estava lá a filha dela...” (Suj. 6)</i></p> <p><i>“Estava na minha avó que mora lá perto e eles apareceram lá em casa da minha avó.” (Suj.12)</i></p> <p><i>“A primeira vez que a vi estava com os meus tios...” (Suj.14)</i></p>	7	70%
Não recorda		<p><i>“Não me lembro”. (Suj.10; 11)</i></p> <p><i>“Não me lembro dela, lembro-me da minha irmã que era bebé”. (Suj. 9)</i></p>	3	30%
Impacto Afectivo	Negativo	<p><i>“Sim, ao princípio tinha ciúmes, tinha medo de perder o meu pai...”. (Suj. 1)</i></p> <p><i>“Ao início foi um bocado estranho”. (Suj. 3)</i></p> <p><i>“Ciúmes sim, mas acho que é normal”. (Suj. 4)</i></p> <p><i>“Foi complicado, foi difícil (...) ciúmes? Não... até preferi... ele assim está todo feliz.”. (Suj. 5)</i></p> <p><i>“No início achava que era o meu pai e a minha mãe e agora pronto estavam</i></p>	6	60%

		<i>separados e eu tinha duas mães e dois pais.” (Suj. 10)</i> <i>“Ciúmes dela, raiva? Sim tenho” (Suj. 14)</i>		
	Nega / Não recorda	<i>“Não tive ciúmes”. (Suj.2; 6; 11; 14)</i>	4	40%

Tabela 15.2- 2ª Sub-Categoria nível 1 – Mudança Vivencial

Mudança Vivencial	Houve	Afastamento do pai	<i>“O meu pai ficou mais arrogante... Vou para lá e não há muito convívio e pronto às vezes acho que não vale muito a pena ir lá. (Suj. 12)</i> <i>“Antes eu ía todos os quinze dias, o meu pai era muito mais simpático... uma criança pronto... agora sempre ali a ver os trabalhos”. (Suj.14)</i>	2	20%
		Aproximação do pai	<i>“Acho que estou mais tempo com o meu pai, acho que tem mais tempo para mim”. (Suj. 4)</i>	1	10%
		Nascimento de irmão	<i>“Ter uma irmã”. (Suj. 9)</i>	1	10%
	Não Houve	<i>“Nada”. (Suj. 1; 2; 3; 6; 10; 11)</i>	6	60%	

Tabela 15.3- 3ª Sub-Categoria nível 1: Histórias

Histórias	Clima Positivo	<p>“Fomos de férias (...) o meu pai foi lá ter e pronto estávamos lá as três”. (Suj. 6)</p> <p>“Fomos passear com a I, foi giro”. (Suj. 9)</p> <p>“Sim, o meu pai ficava em casa e eu ia com ela apanhar pinhas para o meu irmão, que ele gosta muito de pinhas”. (Suj. 11)</p>	3	30%
	Clima Negativo	<p>“Ah... houve uns problemas com o meu pai porque ele não queria que eu continuasse na patinagem artística, pois estava pouco tempo com ele, e eu chatee-me com a minha madrasta porque acho que ela estava do lado do meu pai...”. (Suj. 1)</p> <p>“Ah ouve uma vez que eu pensei que ela estava contra mim (...) e que estava a pôr o meu pai contra mim (...)”. (Suj. 14)</p>	2	20%
	Ausente/Não recorda	<p>“Não tenho, quando saio é sempre com a minha madrasta e com o meu pai. (Suj.2)</p> <p>“Passamos muitos, mas não me lembro de nenhum em especial”. (Suj. 3)</p> <p>“Não”. (Suj. 4; 10; 12)</p>	5	50%

ANEXO F:
ENTREVISTAS - GRUPO A

Entrevista A

Como é que tu te chamas?

A

E que idade tens?

Onze.

Onze, e vives com quem?

Com a minha mãe.

Vives com a tua mãe...?

O meu padrasto e às vezes os meus avôs.

E às vezes os teus avós, eles vão lá para casa?

Às vezes

E tens, tens irmãos?

Tenho

Quantos irmãos é que tens?

Um

E vive contigo?

Não...

Então?

É da parte do pai

É da parte do pai, e que idade é que tem?

Três meses

Três meses?

Sim

Que idade é que tem o teu pai e a tua mãe, tens ideia?

trinta e ...nove

Têm os dois trinta e nove?

Sim

Então os teus pais estão separados não é ja me disseste no questionário, que idade tinhas quando eles se separaram?

...cinco...quatro...entre os cinco e os quatro.

E quando o teu pai se juntou novamente?

Foi pouco tempo depois.

Tinhas mais ou menos a mesma idade?

...Sim...acho que sim

...Então tens uma “madrasta”, como é que tu lhe chamas?

Bruaca ...(sorriso)

Bruaca? ...xxx

E...e quando falas dela assim para outras pessoas, quando queres te referir a ela como é que tu fazes?

Depende.

Depende de com quem estás a falar?

Não, depende do assunto...

Do assunto?, mas queres dizer: “ah ontem aconteceu isto com....como é que tu dizes?

Ahhh...digo o nome dela.

Como ela se chama?

Leila

Às vezes dizes Leila outras dizes bruaca...Sim

E madrasta não usas?

(abana cabeça negando)

Ou é bruaca ou é Leila é?

É

Está bem, olha costumavas passar muito tempo com o teu pai e com a tua leila?

Quando quero ir vou.

Então não está estabelecido nada, não combinaram nada?

Não, vou lá quando quiser

Mas já ficaste a dormir na casa deles?

Às vezes nos feriados e isso

Tens lá um quarto para ti?Só para ti?

(Acena com a cabeça afirmativamente)

Mas vais lá ao fim de semana, costumás passar lá os fins de semana?

Sim, passo lá a maior parte dos fins de semana...quando não tenho acampamentos dos escuteiros.

Então quando vais para lá ao Fim-de-semana ou ao feriado como é que as coisas costumam correr, quando estão juntos..., tu, o teu pai e a tua madrasta?

Como é que as coisas correm?

Depende (...)

Depende... consegues explicar, queres explicar?

Depende do (...) se ela tiver com os pés de fora claro que não lhe vou ligar muito, mas também não lhe vou andar sempre atrás dela não é? E se ela estiver bem disposta não ando atrás dela, mas (...) também não (...) ah...

Então se ela tiver...se tu achas que ela está mal disposta não lhe ligas é? ... e quando ela está bem disposta?

mais ou menos

E tu costumás estar bem disposta com ela?

depende dela (ri)

Depende de como ela está e isso tu reages?

sim

E os três conseguem estar os três?

os quatro...

Os quatro pois é, é uma menina ou um menino?

um menino

Como é que se chama?

M.

Ah...a ver se conseguimos explorar mais essa história dos pés de fora...(Riso)a ver se eu percebo...quando tu vais passar lá o fim de semana costumam fazer coisas em comum?

Às vezes sim costumamos fazer piqueniques...(XXX)Passear.

Sabes eu não conheço a tua “madrasta”, então gostaria que me explicáesses como ela é?

Fisicamente...?

Não, como pessoa...assim características...como se estivéesses a apresentá-la: ela é assim?

É muito respondona

Respondona?

Como eu...(risos)

Como tu?

Sim.

Então são as duas respondonas?

Sim, tem mau feitio.

Mau feitio?...

(Pausa)

Não sei mais...

Então e que é que é isso do mau feitio?

Mau feitio é...quando...é assim: há uns dias atrás, eu estava a dizer ao meu pai para renovar as fotografias do M. que eu tinha lá no quarto, e ela: ah estas fotografias não sai mais nada, e o meu pai tirou fotocópia e pôs lá no meu quarto e ela ficou toda chateada...então depois fomos passear à marginal e ..e eu ía com o carrinho, depois o M. começou a chorar..(engole em seco) e ela:..ai da cá da cá que eu agora...e depois quando já estava a dormir estávamos a andar ...Olha leila ele já está a dormir dá-mo cá. Não agora ele vai aqui um bocadinho...ahm...e depois o pai disse: ah..como é que foi? Deixa um bocadinho o carrinho para a Maria...

Não, depois do que vocês fizeram de manhã, eu agora não vos dou o M.....e eu fiquei toda chateada com elaavançei o meu passo e fui para o carro.

Depois fiquei chateada com ela e ficou um ambiente chato...

Bom, e tu lembras-te assim da primeira vez que a viste, da primeira vez ficaste com alguma ideia?

Fiquei, que ela era parva e estúpida (risos)

Mas lembras-te do dia mesmo? da situação com quem é que estavas, onde estavas?

Estava no carro...com o meu pai, o meu pai ía à frente...e ela também...e o meu pai foi-me buscar a casa....depois o meu pai disse: A. esta é a namorada do pai...não sei quê...já não me lembro...ah disse : Ah tábem! Depois, outro fim de semana, ou outro dia já não me lembro, ele também me foi lá buscar e ela já não ía e eu perguntei assim: “pai onde é que está a Leila?” Ah foi à terra, precisava de ir resolver lá umas coisas e pronto.

E tu ficaste contente?

sim

E depois passado algum tempo ela voltou?

sim

Tu achaste que ela era parva, foi isso que tu achaste, que era parva e ...?

Estúpida

Parva e estúpida...

Olha então consegues me dizer, consegues saber como era a tua vida antes de existir a leila?

Existia outra (risos)

Existia outra? Como?

Existia outra pessoa, os meus pais separaram-se.

Tinhas tu quatro anos, não é?

sim e arranjou uma namorada, depois separou-se dela, depois a leila

Então e antes...estavas com a tua mãe e com o teu pai, tens alguma ideia?

Tenho, lembro-me de uma coisa: estar com uma horrível dor de ouvidos porque eles estavam a discutir

Então é essa ideia, a imagem que tu tens antes de eles se separarem?

sim, só

Então e o que é que achas que mudou na tua vida depois de teres conhecido a leila?

Ter um irmão

Isso foi agora há pouco tempo...

sim..em Janeiro

Tens ideia de alguma coisa mais ter mudado na tua vida...

Não, quer dizer acho que não

Olha e há-de ter sido um pouco complicado para ti na altura. Como é que tu, como é que tu foste lidando com as coisas?

Eu não sabia bem lidar com as coisas, mas também não me chateava muito com isso, não percebi bem as coisas mas também não queria perceber.

.....Tens ideia de não ter gostado dela...

Não tiveste na altura assim um bocadinho de ciúmes?

Não...eu nem ciúmes tenho do meu irmão.

Também não tens ciúmes do teu irmão? Ok então e agora já passaram alguns anos não é? Já tens onze, como é a tua relação com ela?

É a mesma.

É a mesma? Não mudou nada na vossa relação desde que a conheceste até agora?

não

Tu lembras-te assim de alguma zanga que tenham tido as duas?

aquela

Ah pois já contaste aquela, e depois como é que isso se resolveu, essa zanga?

Não se resolveu

Normalmente as vossas zangas...

Não falei com ela o resto do dia por isso...

Não lhe falaste mais? E voltaste a vê-la depois disso?

sim

E então como é que as coisas estão?

Também não ficou bem, mas também não ficou às mil maravilhas, ficou mais ou menos...

Olha há assim alguma coisa que gostasses de mudar na vossa relação? Entre ti e ela?

O feitio

Gostavas de mudar o feitio, dela? então como é que gostavas que ela fosse?

Mais simpática e não ser tão respondona.

Olha e tu sentes que ela gosta de ti?

(...) Não sei

Mas não sentes que ela gosta...

(pausa) não sei...

Mas sentes que ela se preocupa contigo, com as tuas coisas?

às vezes , quando está bem disposta

Risos

Quando está bem disposta...

E tu gostas dela?

...não...senão não lhe chamáva bruaca...risos

Ok e ...apesar disso há assim alguma coisa que tu gostes mais nela? Alguma característica boa ...

...Assim de repente, não

Olha e vocês costumam conversar as duas? Sobre alguma coisa?

Não

Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contarias?

à mãe

Há assim alguma coisa nela, especial que te irrite?

O mau feitio

Então e como é que costumavas lidar com o mau feitio dela?

Não lhe falo

E como é que ela fica quando tu não lhe falas?

normal

Achas que ela fica indiferente é?

sim

Quando estás lá no teu pai como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?

ninguém...

Então mas assim os almoços, os jantares...

São sempre eles que fazem, por isso não tenho nada a ver com isso...

Mas achas que é mais a tua madrasta ou o teu pai... ou os dois?

é um bocadinho os dois

E tu o que achas dessas regras, desses horários?

Por mim tudo bem, desde que eu não faça nada...risos

Ok então assim as regras quando está na casa do teu pai costumavas cumpri-las, são assim muito diferentes dos hábitos que tens na casa da tua mãe?

Não sei...

Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com a tua “madrasta” que aches importante?

Só de nós as duas?”...acho que não tivemos nenhum...

Estamos quase a terminar...

O que é que ela significa para ti, como é que tu a vês?

Como uma bruaca.

E uma bruaca para ti é uma pessoa...?

parva...

O que é que tu achas da palavra “madrasta”?

Não me é nada...

Não me diz nada a palavra...

Entrevista C

1.Como te chamas? e que idade é que tens?

Sou a C. e tenho Onze anos.

2.Vives com quem?

Com a minha mãe

Vives com a tua mãe?

Hum hum

E mais ninguém? Vivem as duas?

Mais ninguém.

Que idade é que tem a tua mãe?

Ah quarenta...quarenta sim.

E o teu pai?

Aah isso é que é mais difícil, mas acho que tem quarenta e cinco ou quarenta e quatro.

4.Tens irmãos?

Tenho duas irmãs. Uma meia irmã.

Uma meia irmã?

Sim

Do teu pai?

Sim... sim

E a outra?

A outra é do casal quando ainda estavam juntos... tem dezoito anos.

Já não vive contigo e com a tua mãe?

Não, foi viver com o meu pai, mas dantes vivia connosco.

Como é que ela se chama?

S.

Interrupção (...)

Como é que se chama a tua irmã?

S.

S.?! É a mais velha?

Sim

E a mais nova?

M.

M.! Quan...

Não! Maria João! Maria João. M. é uma bebé que agora a minha mãe está a tomar conta.

Quantos anos é que tem a mais nova a M., Maria João?

Ahhh... a Maria João tem um ano. Um ano e poucos meses.

Então os teus pais estão separados?

Hum hum.

5.Tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?

Foi quando eu estava no terceiro ano... devia ter, ora cinco, seis...

Oito ou nove, não?

Oito para ai... oito.

6.E quantos anos tinhas quando o teu pai se juntou novamente?

Acho que foi no quarto ano, no quarto ano eu tinha nove estava quase a fazer os dez.

7.Então, tens uma “madrasta”, como é que tu lhe chamas?

B. o nome dela.

8.E quando falas dela assim a outras pessoas que não a conhecem como é que te referes a ela?

Não sei... uma pessoa simpática...

Não ...se queres contar qualquer coisa só que a pessoa a quem esta a contar não sabe quem é a B.... dizes ...

Ah é a namorada do meu pai.

9.Costumas passar muito tempo com o teu pai e a B.?

Não.

Não há assim nenhum tempo que vocês tenham?

Não.

Há um dia que vais lá?

Não. É a marcar.

Há quanto tempo é que não vais lá?

Não sei há uns meses.

Ai é?

Hum hum.

Então e lembraste assim do último dia que tenhas lá estado com eles?

Foi no dia do baptizado da minha irmã.

Da Maria João?

Hum hum.

Como é que correu?

Correu bem. Fomos para um restaurante onde eu já tinha estado.

Foi?

Hum hum

E tirando essa vez do baptizado não houve assim nenhum fim de semana que tenhas estado com eles?

Só antes... depois não.

Mas zangaram-se ou é normal?

Não. É normal.

Mas falas com o teu pai ao telefone?

Sim, Sim hum hum

Mas ele mora muito longe?

Mora no XXXX, é perto.

10. Sabes, eu não conheço a B. por isso gostava que me disseses como ela é?

É simpática... engraçada também... hum... mais... gosta de ajudar... hum e assim como pessoa não sei assim mais nada.

Já a conheces há muito tempo?

Ah... não... não há muito.

Mas, tu estás no sexto, se já estão desde o quarto ano, não é?

Há um ano mais ou menos... não a conheci logo, logo.

11. Ainda te lembras como a conhecestes, mesmo da primeira vez? O primeiro dia?

Sim

Como é que correu?

Foi na antiga casa do meu pai que era ali em XXXX e... hum... ela foi lá jantar e então o meu pai disse que estava com uma pessoa e não sei quê... estava com a minha irmã...estávamos a fazer fios com missangas.

Com a tua irmã? S.?

Sim.

12. E quando a viste a primeira vez o que é que achaste? Lembraste?

Não, acho que achei assim um pouco... não conhecia aquela pessoa e o meu pai estava a namorar com ela, achei um bocado estranho.

Ok. Achaste aquilo tudo um bocado estranho?

Hum hum

13. Olha e consegues dizer e como era a tua vida antes de conheceres a B.? Como é que funcionava?

Hum... era a mesma...

É?

Hum...hum... não sofri aqui muito... passou-me um bocado ao lado só naquele primeiro dia é que...

14. E depois de a teres conhecido não mudou nada?

Hum... não.

15. Está bem, mas foi um bocadinho complicado para ti, não?

Não.

Não?

Não.

Nem tiveste assim um bocadinho de ciúmes?

Não.

Não? Tipo a namorada do meu pai?

Não.

16. Está bem então agora, como é a tua relação com ela? Com a namorada do teu pai?

Bem. Brincamos...

Mas estão pouco tempo juntas, não é?

Sim, mas quando eu vou lá damo-nos bem.

Brincam?

Sim.

Mas brincam... Fazem o quê juntas?

Ah sei lá... jogos, às vezes com a minha irmã e com o meu pai que dá as cartas, às vezes vamos mudar a fralda à Mariana, ai Maria João, lá estou eu com a M.

17. E desde que a conheceste até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?

Não.

Não? Não tens essa ideia? De estar diferente? Ou ter mudado alguma coisa?

Não.

18. Já alguma vez tiveram assim uma zanga as duas?

Não.

19. Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

Não. Acho que está bom assim.

20. Tu sentes que ela gosta de ti?

Sim... hum...hum.

21. Sentes que ela se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Hum

22. E tu gostas dela?

Gosto.

O que mais gostas nela?

Não sei bem... o que é que gosto mais nela... não sei...

Alguma coisa que admires?

Hum... não...

23. Costumam conversar as duas? Sobre o quê?

Sobre a bebé... hum...não sei...fotografias, costumamos ver muitas fotografias também...e assim mais nada.

Fotografias de quê?

De mim, das minhas irmãs, do baptizado, assim fotografias... algumas até tiramos lá em casa às vezes.

24. Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contarias?

À minha melhor amiga.

25. Um adulto, se precisasses de um adulto?

À minha irmã.

À tua irmã?

Hum hum.

À S.?

Sim.

26. E há alguma coisa que tu não fales com a B., mesmo?

Não.

Falas de tudo?

Não, não falo de tudo, mas normalmente não há assim muito para conversar é: está tudo bem, como é que vai a escola.

É assim tudo no geral?

Hum hum.

27. Há assim alguma coisa nela que te irrite mais? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?

Fala muito alto.

Fala alto?

Sim

E isso incomoda-te?

Sim.

28. Então, e como costumavas lidar com isso?

Normalmente vou para o quarto com a minha irmã, vamos jogar computador.

Com a S.?

Hum hum.

A S. vive lá, não é?

Sim.

E já vive lá há muito tempo?

Hum ela saiu, já tinha passado o Natal, não... vive lá para aí desde Fevereiro.

29. Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários?

Não há assim muitas regras.

Os horários?

Não. Os únicos horários que nós temos é...quando eu vou para lá normalmente é no fim de semana, de sexta para sábado e a minha irmã tem ensaios de ginástica aos

sábados de manhã e então e temos de nos levantar, tomar banho e apanhar o comboio.

A tua irmã S.?

Sim.

E tu o que achas dessas regras? Concordas com essas regras? Adaptaste-te?

Sim.

Não é muito diferente da casa da tua mãe?

É diferente. Porque eles fumam também...o meu pai e a B. fumam e então na cozinha principalmente sente-se assim um cheiro estranho.

Cheiro a tabaco. Tirando essa parte não há nada que tu estranhes?

Não.

30. Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com B. que aches importante?

Não.

Estamos quase a terminar...

31. O que é que ela significa para ti, como é que tu a vês?

Uma amiga.

Uma amiga?

Hum hum

32. O que é que tu achas da palavra “madrasta”?

É um bocado forte...

Um bocado forte?

Sim.

Então consegues explicar?

Porque eu ainda tenho mãe e então acho um bocado forte a palavra madrasta.

Parece-te que é substituta?

Hum hum...

FIM

Entrevista D

1. Como te chamas?

D.

2. E que idade é que tens?

Onze anos

3. E vives com quem?

Com a mãe e com o padrasto

Com a mãe e com o padrasto... olha e que idade é que eles têm? Sabes?

Não

Mais ou menos?

O meu padrasto tem trinta e oito e a minha mãe trinta e seis

Olha e tens irmãos?

Tenho. Tenho um irmão com onze anos

Com onze?

Sim

E vive contigo?

Sim.

São quase da mesma idade...

Sim

Mesmo muito juntinhos... então mas ele faz doze este ano?

Faz.

Então os teus pais estão separados? Tu lembras-te que idade tu tinhas quando eles se separaram?

Tinha nove anos ou oito

E O teu pai juntou-se novamente?

Pois

Tens ideia que idade é que tinhas?

Tinha nove anos.

Então, tens uma “madrasta”?

Tenho

Como é que tu lhe chamas?

C.

C??

Sim

**E quando falas dela assim da C a outras pessoas como é que te referes a ela?
Hoje vou jantar com a ... dizes C?**

Sim

E quando são pessoas que tu não conheces como dizes?

C.

Uma amiga tua não sabe do que estás a falar?

Digo a namorada do meu pai.

Costumas passar muito tempo com o teu pai e Cris?

De quinze em quinze dias.

Passas lá o fim de semana de quinze em quinze dias?

Sim

E como costuma funcionar o fim de semana quando estás lá?

Corre bem.

**Sabes, eu não conheço a Cris, por isso gostava que me disseses como ela é?
Como pessoa?**

É simpática....

É simpática... Mais?

**Se tivesses de apresentá-la a alguém ... tipo a Cris é assim é assado ... O que é
que dirias dela?... Simpática?**

Sim.

Tu lembraste como a conheceste, da primeira vez?

Sim. Foi o meu pai que me apresentou

Mas lembraste assim mesmo do dia? Fixaste assim...

Não

O dia quer dizer... a situação?

Sim

Como é que foi?

Foi no café acho que eles ainda não ...

E ele apresentou-te?

Sim

E o que é que tu achaste dela nessa altura? Lembraste?

Simpática.

Simpática. Mas quando ele te apresentou não percebeste que era namorada dele?

Sim

Percebeste logo?

Sim

A amiga?

Sim

Olha e isto foi um bocadinho difícil para ti na altura? Lembraste como foi?

O meu pai tinha uma amante...

Quando estava casado com a tua mãe?

Sim...

E como é que foi na altura? Tu percebeste que era uma amante?

Sim porque eu descobri uma carta do meu pai

Descobriste uma carta?

Sim.

Uma carta para a Cris?

Não. Era outra mulher

Então e depois?

Então a outra mulher separou-se do meu pai

Mas o teu pai já estava separado também?

Sim. Ele viveu acho que foi uns meses com outra mulher e acabaram

E depois é que se juntou com a Cris?

Sim

Então estás-me a dizer que foi difícil na altura foi por teres descoberto assim, foi isso?

Sim

E depois quando foi com a Cris? Também foi difícil?

Não.

E consegues lembrar-te da tua vida antes de ter a tua madrasta? Se há alguma coisa diferente com a entrada dela na tua vida?

Não.

Está tudo igual?

Sim. Não... passei a ir menos vezes à minha avó, mãe do meu pai

Então não houve assim nenhuma mudança nos teus hábitos?

Não

Não te lembras de ter assim um bocadinho de ciúmes dela?

Não.

No início?

Não

Então mas quando tu dizes que foi difícil por causa da outra mulher como foi? Ficaste surpreendida?

Sim porque ela era amiga da minha mãe.

Foste tu que descobriste?

Fui, mas eu acho que a minha mãe já sabia e eu não lhe podia contar nada

E agora como é que é a tua relação com Cris?

É boa

É boa?

É

Mas ela está com o teu pai há muito tempo?

Não. Está há uns meses.

E desde que a conheceste que não é assim há tanto tempo achas que mudou alguma coisa na vossa relação?

Não

Desde o início até agora?

Não

E já alguma vez tiveram assim uma zanga as duas?

Não.

Nunca se zangaram?

Não

Então não há nada que gostasses de mudar na vossa relação?

Não

Tu sentes que ela gosta de ti?

Sim.

Sentes que ela se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Sim

E tu? Gostas dela?

Sim.

O que mais gostas nela? Uma característica dela que tu gostes?

não sei...

Há bocado tinhas dito que achavas que ela era simpática?

É simpática

Há assim mais alguma coisa que tu aches piada nela?

Não

Costumam conversar as duas?

Sim

Sobre o quê?

Como vai a escola

Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contarias?

À minha irmã

À tua irmã?

Sim é filha do meu padrasto

Vive com vocês?

Sim

Quantos anos é que ela tem?

Dez

Dez?

Sim.

E há alguma coisa que tu não fales com a tua madrasta, mesmo?

Não.

E há assim alguma coisa que te irrite nela? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?

Não

Gostas de tudo?

Sim

E quando vais lá passar o fim de semana como é que funcionam as coisas lá em casa? As regras? Como é que tomam conta disso? É o teu pai é a Cris?

São os dois.

Os dois?

Sim o meu pai fica mais tempo porque ela não chega cedo do trabalho

E quando estás lá o que achas dessas regras? Gostas da maneira como funcionam as coisas?

Eu acho que não tem muitas regras.

Não tens muitas regras?

Não. Em casa da mãe tenho regras

Em casa do pai tens menos regras? E sentes essa diferença?

Sim

Lembras-te assim de alguma história, que tenhas passado só com a Cris? Um passeio?

Não.

Estamos quase a terminar...

O que é que ela significa para ti, como é que tu a vês?

Uma amiga.

Uma amiga?

O que é que tu achas da palavra “madrasta”?

Não gosto

Não gostas?

Não

Mas porquê?

Porque eu acho que é mau dizer

Achas que é uma palavra má? É isso?

Sim

FIM

Entrevista F

1. Como te chamas?

F.

2. Quantos anos tens?

Onze anos

3. Vives com quem?

Com a minha mãe.

4. Que idade têm a tua mãe e o teu pai?

Trinta e sete, o meu pai acho que é quarenta.

5. Tens irmãos?

Não

6. Então os teus pais estão separados, tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?

Acho que cinco anos.

7. E quantos anos tinhas quando o teu pai se juntou novamente?

Tinha nove.

8. Então, tens uma “madrasta”, como é que tu lhe chamas?

Nome dela.

9. E quando falas dela para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes?

Ou madrasta ou namorada do meu pai.

10. Costumas passar muito tempo com o teu pai e a tua “madrasta”?

De quinze em quinze dias e duas vezes por semana vou lá jantar.

11. Então e o Fim-de-semana que passam juntos como é que costuma correr?

Eu e o mais velho gostamos muito de ver filmes...não é mais velho do que eu, tem sete.

Ah mas tens irmãos?

O outro tem quatro. São filhos dela com outro senhor, brinco com eles mas dou-me um bocado mal.

12. Sabes eu não conheço a tua “madrasta”, por isso gostava que me disseses como ela é?

Ela é simpática, eu acho que ela até nem é má pessoa, mas bate nos filhos...sim de manhã nós estamos, nem fazemos barulho, o mais novo começa a chorar e nós não fizemos nada e ela desce e bate sempre no mais velho sem ele ter culpa.

13. Ainda te lembras como a conheceste, mesmo da primeira vez?

Ela era só amiga do meu pai, ela era amiga dos meus tios, e os miúdos também andavam por lá.

E então como é que soubeste que era namorada do teu pai?

Ele contou-me.

14. O que é que achaste lembras-te?

Achei engraçado, nunca tinha tido irmãos entre aspas.

15. Então e como era a tua vida antes de conheceres a tua madrasta?

Agora passo mais tempo com o meu pai.

16. Há-de ter sido um pouco complicado para ti na altura, lembras-te?

Não reagi mal, ele já teve algumas namoradas eu para mim ele é que sabe, a vida é dele eu é que tenho mais é que aceitar, se não gostar delas pronto tento-me dar bem com elas, até agora nunca aconteceu, mas que eu me lembre ele só teve duas namoradas.

17. Tiveste um pouco de ciúmes?

Não.

18. Então e agora, como é a tua relação com ela?

Ultimamente dou-me melhor, porque nos fomos conhecendo melhor.

19. Já alguma vez tiveram assim uma zanga as duas?

Não.

20. Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

Gostava que o meu pai se casasse com ela.

21. Tu sentes que ela gosta de ti?

Sim.

22. Sentes que ela se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Sim.

23. E tu gostas dela?

Gosto.

O que gostas mais nela?

Ela adorar praia porque eu também adoro praia.

24. Costumam conversar? Sobre o quê?

Não

25. Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contarias?

À Minha mãe

26. Há assim alguma coisa nela que te irrite/incomode muito? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?

Aquilo de bater nos filhos, porque estou a ver um miúdo sem culpa a levar pelo irmão, eles provocam o meu pai, o meu pai na brincadeira como sempre fez comigo bate neles mas é na brincadeira não é bater, bater e a M. diz que é bater.

27. Então e como costumam lidar com isso?

Muitas vezes digo ao meu pai.

28. Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?

Há assim coisas que ela não me deixa fazer e que ao pé do meu pai eu posso.

29. E tu o que achas dessas regras? Concordas? Costumas cumpri-las?

Aceito

30. Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com a tua “madrasta” que aches importante?

Que eu me lembro não.

Estamos quase a terminar...**31. O que é que ela significa para ti, como é que tu a vês?**

Significa para mim... uma...uma segunda mãe porque ela também nos ajuda em algumas coisas.

32. O que é que tu achas da palavra “madrasta”?

Acho que... acho que madrasta, na minha opinião, acho que não é necessariamente...a resposta ser casados(?) acho que ela pode ser madrasta mas pode ser basicamente namorada do meu pai, uma resposta para mim é mesmo uma madrasta.

Mas o que é que significa para ti a palavra?

..... risos.....a mulher do pai.

FIM

Entrevista G**1. Como te chamas? E que idade tens?**

R. e tenho onze anos.

2. Vives com quem?

Com a minha mãe e com a minha avó

3. Que idades têm a tua mãe?

A minha mãe tem 29 e o meu pai tem 30.

4. Tens irmãos?

Não.

5. Então os teus pais estão separados, tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?

Nunca se chegaram a juntar, eles namoraram durante 6 anos e depois tiveram-me e acho que nunca se chegaram a juntar, nem casaram nem nada.

Mas o teu pai tem uma namorada, é isso?

Sim tem uma namorada, quase mulher.

6. E quantos anos tinhas quando o teu pai se juntou novamente?

Nove anos.

7. Então, tens uma “madrasta”, como é que tu lhe chamas?

É Alcina, que nunca me habituei a chamar madrasta.

8. E quando falas dela para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes?

É a alcina, que é namorado do meu pai.

9. Costumas passar muito tempo com o teu pai e a alcina?

Sim, agora não tenho passado tanto porque o meu pai está no XXXX. Mas já vem este mês.

Mas quando ele está cá como é?

Não porque a minha casa é na rua de baixo, então é só subir a rua e vou ter com ele, ou então na rua de baixo na casa da minha avó.

10. Então e o Fim-de-semana que passam juntos, ou o dia, ou as férias que passam juntos como é que costuma correr?

Corre bem, vemos televisão, vamos passear, agora ultimamente temos visto os vestidos de casamento porque eles vão-se casar em Setembro.

11. Sabes eu não conheço a alcina, por isso gostava que me disseses como ela é?

Parte física ou...?

Assim como pessoa?

Como pessoa é simpática para mim, nunca está assim zangada, não. Pergunta se quero ir passear, portanto está sempre disponível para fazer essas coisas. Mais...(????).

12. Ainda te lembras como a conhecestes, mesmo da primeira vez?

Lembro sim. Então o meu pai, eu cheguei a casa e apresentou-me como amiga e depois disse que era a namorada dele. Foi um choque, depois disse que eram namorados que a tinha conhecido num jantar qualquer com os amigos.

13. O que é que achaste lembras-te?

Não achei mal, quer dizer porque o meu pai já tinha tido outras namoradas, já não era a primeira nem a terceira. Não achei mal porque ele tem de seguir a vida deles, a minha mãe ainda não tem ninguém mas pronto acho que devem seguir os dois.

14. Então e como era a tua vida antes de conheceres a tua madrasta?

Era igual

15. Então e o que é que achas que mudou na tua vida depois de a teres conhecido?

Não, não mudou nada. Continuo a ver o meu pai.

16. Há-de ter sido um pouco complicado para ti na altura. lembrs-te?

Foi diferente normalmente era só eu e o meu pai, juntou-se outra pessoa...estava sempre comigo mas depois foi giro.

17. Tiveste um pouco de ciúmes, lembrs-te como te sentiste?

Senti que o meu pai estava sempre com a namorada. É normal, mas depois comecei a ver que o meu pai passava tempo comigo à mesma. Pronto, mas senti-me um bocadinho excluída, mas depois percebi, depois passou.

18. Então e agora, como é a tua relação com a alcina?

É boa, ela é muito minha amiga, não é daquelas que blá blá, é fixe para mim, ah... vamos juntas passear quando ela está de folga, porque ela entra à noite e sai de manhã e temos ido ver vestidos do casamento e põe e tira..

Isso dá muito trabalho?

Muito trabalho...

Nós passeamos, brincamos falamos com o meu pai pela internet.

19. E desde que a conhecestes até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?

Estou mais à vontade agora com ela, porque ela antes era só namorada do meu pai e isto vai passar e pronto, ah mas agora que eu sei que ela vai casar com ele e não sei quê começámos a pronto ser mais próximas.

20. Já alguma vez tiveram assim uma zanga as duas?

Não, nunca.

22. Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

(Suspiro).Ai

Acho que não, acho que não dá para melhorar mais... sinto que não dá para melhorar mais, acho que se melhorássemos ainda dava porcaria.

Gostava que o meu pai se desse mais com a minha mãe. (?).Porque de resto eu com ela é que não, não tenho razão de queixa.

23. Tu sentes que ela gosta de ti?

Sim

24. Sentes que ela se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Sim, aliás um trabalho foi ela que fez comigo. Porque eu não tinha internet ligada e o meu pai estava muito ocupado, e então ela é que ligou e viu os meus testes e as minhas notas.

25. E tu? gostas dela?

Gosto

O que mais gostas nela?

É que as outras namoradas do meu pai eram mais: primeiro estás comigo e depois estás com ela, esta não, está sempre a chamar-me para ir com eles e estar com eles, apesar de com as outras o meu pai também me chamava mas era diferente. Não eram elas que me chamavam era mais o meu pai.

26. Costumam conversar? Sobre o quê?

Agora é mais sobre o casamento e sobre a vinda do meu pai que ele já era para ter vindo em Maio, mas falamos sobre a escola, sobre amigos, essas coisas, as férias também estão quase a chegar, o meu pai chega e vamos logo de férias todos.

Ai é?

Sim, vamos para a Disneylândia.

Os três?

E a minha avó, o meu pai não quer deixá-la cá sozinha.

27. Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contarias?

À minha mãe.

28. E há alguma coisa que tu não fales com ela, mesmo?

Namorados e assim só com a minha mãe.

29. Há assim alguma coisa nela que te irrite/incomode muito? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?

Ela ser muito alta...eu sou pequenina tenho que subir a cadeira. Mas de resto não, não tenho nada ela ,quer dizer ela sai de casa às 3 da tarde e chega a casa às 8 da

manhã, isso irrita-me um bocadinho porque não posso estar tanto tempo com ela. É porque entrar às oito da manhã... a essa hora já está eu a ir para a escola.

Mais alguma coisa?

Não, não eu gosto dela...não tenho assim nada, ela é fixe para mim...a única coisa é que ela e o meu pai são muito parados...e eu quero passear mais, eles estão sempre muito parados, gostam de estar na internet, assim parados e eu não, eu gosto mais de saltar, pular ir à praia essas cenas...ela é muito paradinha.

30. Então, e como costumás lidar com isso?

Puxo mais por ela: “vamos à praia, vamos à praia , vamos fazer isto” e ela nunca diz que não, ela vai, ela leva-me.

31. Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?

Eles ainda não foram para lá viver para a casa, mas vai ser mais ou menos assim: O meu pai chega, ela agora vai ter de mudar o horário, para estar mais tempo com o meu pai, o meu pai vai de manhã depois ele vai almoçar a casa, não sei se ela vai fazer comer (risos) porque ela diz que se desenrasca na cozinha. Depois ele chega para o jantar e depois ou a minha avó faz o jantar ou ela faz, ou manda vir comida, não acredito que o meu pai vá ajudar porque a única coisa que ele faz é levantar os pés para aspirar, lavar roupa ele não vai lavar roupa porque ele mistura as cores e não vai dar bom resultado. Lavar a loiça talvez ele lave.

32. E tu o que achas dessas regras? Concordas? Costumas cumpri-las?

São diferentes da casa da minha mãe, ela tem mais tempo para estar comigo, tem horários mais parecidos com os meus. É só sentar e comer e põe a água para o banho com a temperatura exacta.

33. Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com a tua “madrasta” que aches importante?

Uma vez fomos as duas à praia, e andávamos nas poças e uma das poças era mais funda que eu pensava e molhei-me toda então ela tirou uma camisola dela e depois fomos para casa e o meu pai só perguntava o que tinha acontecido.

Estamos quase a terminar...

34. O que é que ela significa para ti, como é que tu a vês?

Primeiro é a mulher do meu pai (risos), e depois é uma amiga para mim, porque ela não é daquelas que...pronto é mesmo uma amiga. E pronto é isso, não a vejo como madrasta...

35. O que é que tu achas da palavra “madrasta”?

Madrasta ...não acho bem, porque madrasta parece que é uma palavra para substituir a nossa mãe, e por mais que seja mulher do nosso pai nunca há-de ser a nossa mãe, é uma pessoa que está com ele, uma amiga nossa mas nunca há-se ser substituta da nossa mãe, acho que mãe há só uma, aquela que nos teve, aquela que nos criou.

FIM

Entrevista H

1. Como te chamas? E que idade tens?

H., 11 anos.

2. Vives com quem?

Com a minha mãe

3. Que idades têm?

41

4. Tens irmãos?

Não,

5. Então os teus pais estão separados, tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?

2 anos

6. E quantos anos tinhas quando o teu pai se juntou novamente?

Seis anos

7. Então, tens uma “madrasta”, como é que tu lhe chamas?

Maria , o nome dela.

8. E quando falas dela para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes?

Pelo nome

9. Costumas passar muito tempo com o teu pai e a tua “madrasta”?

Fim de semana e alguns dias da semana.

10. Então e o Fim-de-semana que passam juntos, ou o dia, ou as férias que passam juntos como é que costuma correr?

Bem

11. Sabes eu não conheço a tua “madrasta”, por isso gostava que me disseses como ela é?

...Não consigo...Simpática...ajuda-me nos trabalhos de casa.

12. Ainda te lembras como a conheceste, mesmo da primeira vez?

Mais ou menos

13. O que é que achaste lembras-te?

Não me lembro

14. Então e como era a tua vida antes de conheceres a tua madrasta?

Boa

15. Então e o que é que achas que mudou na tua vida depois de a teres conhecido?

Nada

16. Há-de ter sido um pouco complicado para ti na altura.lembras-te?

Mais ou menos

17. Tiveste um pouco de ciúmes, lembras-te como te sentiste?

Tive

18. Então e agora, como é a tua relação com ela?

É gira.

19. E desde que a conheceste até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?

Não

20. Já alguma vez tiveram assim uma zanga as duas?

Não

22. Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

Não mudava nada

23. Tu sentes que ela gosta de ti?

Sim

24. Sentes que ela se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Sim

25. E tu? gostas dela?

Sim, às vezes vamos passear juntas, ela oferece-me coisas

26. Costumam conversar?

Não

27. Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contarias?

Mãe

28. E há alguma coisa que tu não fales com ela, mesmo?

Não...mais ou menos...não sei sobre o que não falo.

29. Há assim alguma coisa nela que te irrite/incomode muito? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?

Não

31. Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?

É o pai

32. E tu o que achas dessas regras? Concordas?

Concordo

Costumas cumpri-las?

Cumpro

33. Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com a tua “madrasta” que aches importante?

Não me lembro

Estamos quase a terminar...

34. O que é que ela significa para ti, como é que tu a vês?

Como uma boa pessoa que me ajuda e é só.

35. O que é que tu achas da palavra “madrasta”?

Não acho nada.

FIM

Entrevista I

1. Como te chamas?

I.

2. E que idade tens?

Onze

3. Vives com quem?

Com a minha mãe.

Que idades têm eles (o pai, mãe, madrasta)?

O meu pai tem 39, a minha mãe tem 37 e a M. tem 34 acho que é isso.

4. Tens irmãos?

Tenho uma irmã, chama-se G. e tem 2 anos

E vive com quem?

Com o meu pai e com a minha madrasta.

5. Então os teus pais estão separados, tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?

Hum ...sim ...acho que tinha seis.

6. E quantos anos tinhas quando o teu pai se juntou novamente com a madalena?

Tinha, acho que tinha sete...e acho que ía fazer oito.

7. Então, tens uma “madrasta”, como é que tu lhe chamas?

Chamo G.

8. E quando falas dela para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes?

Digo que é a minha madrasta.

9. Costumas passar muito tempo com o teu pai e a tua “madrasta”?

Ah...é de quinze em quinze dias e às vezes o meu pai vem-me buscar (XXX)

Ao fim de semana e depois?

É às vezes venho à semana, estudar ou assim quando é para os testes.

E combinam na altura é isso?

Sim.

10. Então e o Fim-de-semana que passam juntos, ou o dia, ou as férias que passam juntos como é que costuma correr?

Ou ficamos em casa, ou vamos passear, mas ao sábado de manhã, a minha irmã algumas vezes vai à nataçãõ e eu vou sempre também.

E como costumam correr as coisas?

Correm bem, vamos à praia, à piscina....

11. Sabes, eu não conheço a tua “madrasta”, por isso gostava que me disseses como ela é?

Mas como? Como pessoa? É simpática, inteligente, ahm...(XXX)

Gosta de ensinar coisas diferentes, fala muitas vezes comigo.

12. Ainda te lembras como a conheceste, mesmo da primeira vez?

Sim, a primeira vez que a conheci foi nos meus anos, quando fiz sete, ela foi com o sobrinho, o António aos meus anos, era ainda em XXXX que o meu tinha lá uma casa e ela foi lá.

13. O que é que achaste lembras-te?

Achei simpática, querida.

16. Há-de ter sido um pouco complicado para ti na altura.lembras-te?

Não...não foi.

17. Tiveste um pouco de ciúmes, lembras-te como te sentiste?

Não, nunca.

18. Então e agora, como é a tua relação com ela?

É igual...fazemos as mesmas coisas...ahela às vezes ajuda-me também a fazer os trabalhos de casa, o meu pai não sabe bem inglês e ela ensina-me sempre, dá-me coisas da internet, que é os verbos e essas coisas.

19. E desde que a conheceste até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?

Com o nascimento da minha irmã mudou assim um bocadinho não é?...teve de passar a ter mais tempo para a minha irmã, pronto essas coisas...

20. Já alguma vez tiveram assim uma zanga as duas?

Não.

22. Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

Secalhar neste momento gostava de ter mais tempo para ti?

Sim

23. Tu sentes que ela gosta de ti?

Sim

24. Sentes que ela se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Muito, com a escola, dá-me conselhos.

25. E tu gostas dela?

Sim...(risos)

26. O que mais gostas nela?

Ser simpática.

27. Costumam conversar? Sobre o quê?

Sobre a escola, a adolescência (risos).

28. Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contarias?

À minha mãe.

29. E há alguma coisa que tu não fales com ela, mesmo?

Porquê? Consegues explicar?

Não, eu conto-lhe sempre, conto mais à minha mãe coisas por exemplo lá de XXXXX, da escola...mas às vezes eu digo as notas ao meu pai, o meu pai diz sempre à minha madrastra, à madalena então não é preciso eu estar a falar. Mas depois pergunta sempre se correu bem quantos foram os erros que eu dei.

30. Há assim alguma coisa nela que te irrite/incomode muito? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?

Ahm.....(XXXX)

Às vezes é querida demais....

Que se preocupa demais?

Sim

31. Então, e como costumavas lidar com isso?

Deixo ela preocupar-se...

32. Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?

Às vezes almoçamos mais tarde por causa da natação da minha irmã, só tarde, a partir das sete é que já não comemos porque já é hora de jantar, mas a minha irmã quer sempre comer qualquer coisa.

33. Mas assim as decisões e isso como é que achas que são tomadas lá em casa?

Os dois, são os dois, o meu pai e a Madalena.

O que achas dessas regras?

Acho bem.

Estamos quase a terminar...

34. Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com a tua “madrasta” que aches importante?

Oh... nas férias, nós andávamos sempre juntas...pronto a G. ainda estava grávida e nós andávamos sempre juntas e eu preocupava-me com ela ou assim.

35. O que é que ela significa para ti, como é que tu a vês?

Como uma amiga especial.

36. O que é que tu achas da palavra “madrasta”?

É assim uma palavra que parece que é má.

FIM

Entrevista J

1. Como te chamas? E que idade tens?

J. 11 anos

2. Vives com quem?

Com a minha mãe, com o meu padrasto e com os filhos do meu padrasto vão lá dois dias à minha casa. De quinze em quinze dias.

3. Que idades têm eles (o pai, mãe, madrasta)?

Pai tem 42, a minha mãe tem 38 o meu padrasto tem 37 e a minha madrasta tem 33.

4. Tens irmãos? Com que idade?

Os filhos do meu padrasto, um tem 15 o outro tem 12 e há mais dois gémeos que têm 9.

5. Então os teus pais estão separados, tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?

Sim, tinha oito.

6. E quantos anos tinhas quando o teu pai se juntou novamente?

Tinha nove.

7. Então, tens uma “madrasta”, como é que tu lhe chamas?

Nós tratamos pelo nome.

Nós é quem?

Eu, o meu pai e a minha irmã...

Irmã?

Sim, eu tenho uma irmã verdadeira que tem 5 anos.

E agora a minha mãe está grávida de 6 semanas do meu padrasto.

E tu querias um irmão?

Sim, uma irmã que é para ficarmos as raparigas com o quarto maior, o dos pais.

8. E quando falas dela para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes?

É a minha madrasta.

9. Costumas passar muito tempo com o teu pai e a tua “madrasta”?

Eu às vezes quando quero eu vou dormir a casa do meu pai, e também de quinze em quinze dias ao fim de semana.

10. Então e o Fim-de-semana que passam juntos, passam juntos como é que costuma correr?

É assim, às vezes vamos à feira, outras vezes vamos ao canil e há outras ainda que nós alugamos filmes e vemos todos lá em casa.

E tu gostas?

Sim.

11. Sabes eu não conheço a tua “madrasta”, por isso gostava que me disseses como ela é?

Então... fisicamente ou psicologicamente?

Psicologicamente...

Eu acho que ela é super simpática...eu acho que ela é...como é que eu hei-de explicar, eu acho que ela é assim amiga das pessoas, porque há umas pessoas interesseiras, porque eu acho que quando ela promete uma coisa, ela promete mesmo eu acho que ela é assim.

12. Ainda te lembras como a conhecestes, mesmo da primeira vez?

Então...a primeira vez que a conheci eu estava a sair da escola para o meu ATL e encontrei o meu pai e vi lá a M. dentro do carro, e eu já sabia porque já a outra namorada do meu pai já também foi assim dentro do carro, e eu estava sempre a dizer ao meu pai que ele e a M íam namorar, e depois comecei a dizer que o pai tem uma namorada e isso e depois eles começaram a namorar.

13. O que é que achaste lembras-te?

Na altura eu achei, eu já tinha ficado um bocadinho abalada, pois não estava habituada já estava habituada a estar com os meus pais separados mas só assim sozinhos, connosco. Primeiro eu não quis acreditar quando a minha mãe se juntou com o meu padrasto e depois mais tarde foi o meu pai que se juntou com a namorada.

Lembras-te de andar assim mais triste?

Sim andava assim um bocadinho mais triste.

14. Então, e agora como é a vossa relação?

É boa, às vezes temos umas discussõezinhas...

15. Lembras-te de alguma?

Sim, Lembro, foi quando nós fomos jantar a xxxx, estávamos a ir para o carro e eu e a minha prima começamos a tocar-lhe nas costas e isso, e a puxar-lhe o cabelo... e ela estava ao telemóvel e ela começou a chatear-se e disse ao meu pai, e eu também disse a ele e depois no final do jantar eu comecei a dizer que o meu pai gostava mais dessa...dela... da minha madrasta do que de mim, e o meu pai disse que não era nada disso, que isso era mentira. Mas eu na altura achei o contrário.

16. E como é que isso se resolveu?

Depois fui falar com ela e depois ficou tudo bem.

17. E desde que a conheceste até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?

Acho que mudou, acho que cada vez nós estamos a ficar mais próximas, cada vez estamos a confiar mais uma na outra, eu acho que isso é bom numa relação...porque se nós não nos entendéssemos era um bocado complicado para o meu pai.

18. Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

Eu acho que não, acho que nós estamos bem.

19. Tu sentes que ela gosta de ti?

Eu acho que ela gosta de mim.

20. Sentes que ela se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Preocupa.

21. E tu gostas dela?

Gosto.

22. O que mais gostas nela?

A simpatia.

23. Costumam conversar? Sobre o quê?

Conversamos, sim sobre tudo, às vezes desabafo com ela e ela às vezes desabafa comigo.

24. Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contarias?

À minha mãe e ao meu pai.

25. E há alguma coisa que tu não fales com ela, mesmo?

há...problemas familiares...com a minha mãe.

26. Há assim alguma coisa nela que te irrite/incomode muito? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?

Casmurrice, ela está sempre a bater na dela...ela lá percebe e diz: "tábem" mas continua na dela.

27. Então, e como costumavas lidar com isso?

Ah eu deixo estar.

28. Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?

Os dois.

29. E tu o que achas dessas regras? Concordas? Costumas cumpri-las?

Acho bem, o meu pai é que cozinha mais vezes, mas nós ajudamos.

30. Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com a tua “madrasta” que aches importante?

Lembro-me, quando fomos comer um gelado ao XXXX, estávamos em férias o meu pai tinha ido trabalhar e a minha irmã estava na escola e ela tirou folga no trabalho e nós fomos à praia a XXXX e encontrámos a irmã dela e depois fomos à praia não é? E depois fomos almoçar ao macdonalds.

Gostaste?

Gostei.

Estamos quase a terminar...

31. O que é que ela significa para ti, como é que tu a vês?

Eu vejo-a principalmente como uma amiga mas também a vejo como uma pessoa que faz parte da minha família.

32. O que é que tu achas da palavra “madrasta”?

É assim a palavra madrasta logo à primeira vista parece que a pessoa é má, mas não, a palavra madrasta...é tipo... eu não vejo como no filme da cinderela....as pessoas vêem como uma pessoa má, eu não acho isso. Eu não vejo isso, eu digo madrasta eu não digo que ela é namorada do meu pai nem nada, a partir do momento que as pessoas ou casam ou estão a namorar passa a ser madrasta.

FIM

Entrevista K

1. Como te chamas? E que idade tens?

S. e tenho onze anos.

2. Vives com quem?

Com o meu padrasto, com a minha mãe e com a minha irmã.

3. Que idades têm eles (o pai, mãe, madrasta)?

A minha mãe tem 40, o meu pai tem 41, a minha madrasta tem 40.

4. Tens irmãos? Com que idade?

Tem onze e é minha irmã gémea.

5. Então os teus pais estão separados, tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?

Quatro anos.

6. E quantos anos tinhas quando o teu pai se juntou novamente?

Eu já tive duas madrastas, tive uma que foi logo por isso é que eles se separaram e agora tenho esta desde que eu fiz nove anos.

7. Então, tens uma “madrasta”, como é que tu lhe chamas?

L. que é o nome dela.

8. E quando falas dela para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes?

A minha madrasta.

9. Costumas passar muito tempo com o teu pai e a tua “madrasta”?

De quinze em quinze dias, um fim de semana.

10. Então e o Fim-de-semana que passam juntos como é que costuma correr?

Corre bem, às vezes vamos às compras com a l., como o meu pai vive no mesmo prédio da minha avó, da mãe dele, vamos lá e almoçamos todos juntos, depois às vezes vamos para casa dele com os filhos dela, há um filho dela que já tem um filho e que tem 6 meses e que nós chamamos sobrinho.

11. Sabes eu não conheço a tua “madrasta”, por isso gostava que me disseses como ela é?

Ela é simpática, eu falo com ela como se ela tivesse a minha idade. Eu acho que ela me compreende muito bem, gosto muito dela.

12. Ainda te lembras como a conheceste, mesmo da primeira vez?

Eles eram amigos, ela já ía à praia connosco e era simpática para nós, depois ele é que disse que era namorada dele.

13. O que é que achaste lembras-te?

Eu já desconfiava, mas eu gostei dela.

14. Tiveste um pouco de ciúmes, lembras-te como te sentiste?

Não.

15. Então e agora, como é a tua relação com ela?

Amigas.

16. E desde que a conheceste até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?

Damo-nos melhor, cada vez mais.

17. Já alguma vez tiveram assim uma zanga as duas?

Não, não me chateio com ela. Ela chateia-se quando nós fazemos alguma coisa mal mas não é assim tanto.

18. Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

Não, acho que não.

19. Tu sentes que ela gosta de ti?

Sim.

20. Sentes que ela se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Sim.

21. E tu gostas dela?

Gosto.

O que mais gostas nela?

Ela ser muito divertida, ela, eu quando olho para ela, mesmo sabendo a idade dela... eu não sei eu falo com ela como se tivesse a falar com as minhas amigas.

22. Costumam conversar? Sobre o quê?

Sobre tudo, sobre rapazes, sim sobre tudo.

23. Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contarias?

À minha mãe, ao meu pai, secalhar à minha madrasta também.

24. E há alguma coisa que tu não fales com ela, mesmo?

Não, falamos de tudo.

25. Há assim alguma coisa nela que te irrite/incomode muito? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?

Não.

26. Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?

Nós, como eu disse nós vamos lá para casa da minha avó, e vamos todos correr.

Mas quem é que organiza mais as coisas?

É os dois igual.

27. Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com a L. que aches importante?

Ir às compras e rimo-nos muito quando lhe contamos coisas, ela passa a vida a rir, quando eu conto coisas da escola, ela ri-se muito.

Estamos quase a terminar...

28. A L. é uma pessoa que está presente na tua vida, o que é que ela significa para ti, como é que tu a vês?

Como uma amiga.

29. O que é que tu achas da palavra “madrasta”?

Ai, eu acho uma palavra muito má, nunca a trato por madrasta...eu sei que ela é minha madrasta, mas eu não acho que seja assim má, é assim eu conheço a história da branca de neve e essas em que a madrasta é sempre má, eu não acho, quando a apresento aos meus amigos eu digo que é a minha madrasta mas digo logo: “não a tratem por madrasta” que ela não é má (risos) e a L.

FIM

Entrevista L

1. Como te chamas? E que idade tens?

Sou a B. e tenho onze anos.

2. Vives com quem?

Com a mãe, com o meu padrasto e a minha irmã.

3. Que idades têm eles ?

A minha mãe tem 40 anos.

4. Tens irmãos? Com que idade?

Sim, tem onze.

5. Então os teus pais estão separados, tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?

Tinha cinco, acho eu.

6. E quantos anos tinhas quando o teu pai se juntou novamente?

Devia ter oito, nove anos.

7. Então, tens uma “madrasta”, como é que tu lhe chamas?

Só que a madrasta é só namorada do pai, o padrasto é que é mesmo padrasto..casou.

Então para ti madrasta é só quando se casa?

Sim, mas é como se fosse madrasta.

Chamo-lhe L.

8. E quando falas dela para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes?

Digo que é a minha madrasta.

9. Costumas passar muito tempo com o teu pai e a tua “madrasta”?

De quinze em quinze dias, fim de semana sim, fim de semana não.

10. Então e o Fim-de-semana que passam juntos, ou o dia, ou as férias que passam juntos como é que costuma correr?

Às vezes ficamos em casa, vemos filmes, sei lá...aquelas coisas de fazer durante o fim de semana, às vezes ficamos a descansar.

11. Sabes eu não conheço a tua “madrasta”, por isso gostava que me disseses como ela é?

É simpática...

12. Ainda te lembras como a conheceste, mesmo da primeira vez?

Sim, ela estava a entrar no carro do nosso pai e ela disse que era a L. e depois o nosso pai disse-nos que namorava com ela, já não me lembro bem se ele disse ou não. Só sabemos que a gente viu que era...e uma vez fomos leva-la a casa e foi aí que a gente a conheceu.

O que é que achaste lembras-te?

Achei que era uma amiga divertida do pai.

Quando percebeste que era namorada?

Não sei tentei conhecê-la, gostei dela.

13. Então e como era a tua vida antes de conheceres a tua madrasta?

O pai estava sozinho, mas antes estava com outra que chegou a ser amiga da nossa mãe, mas agente essa não gostava.

14. Então e o que é que achas que mudou na tua vida depois de a teres conhecido?

Não mudou só que ao fim de semana...a gente começou a ir mais vezes a casa dela.

15. Há-de ter sido um pouco complicado para ti na altura, lembras-te?

Não...mas sempre quis que a nossa mãe mais o nosso pai voltassem a juntar...

Sempre quiseste?

Sim.

E ainda tens esperanças?

Não.

Mas continuas a querer?

Sim.

16. Então e agora, como é a tua relação com ela?

É como uma amiga nossa, a gente conta-lhe muitas coisas, a gente fala.

17. E desde que a conheceste até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?

Cada vez estamos mais amigas.

Achas que isso é porquê?

Não sei...

18. Já alguma vez te chateaste com ela?

Não...às vezes ela ficava chateada porque a gente lhe mexia nas coisas dela, às vezes, uma vez pintámo-nos com as pinturas dela e ela ficou chateada.

19. E como é que isso se resolveu?

Ela fica chateada connosco, ela diz ao nosso pai, e depois o nosso pai chateia-se connosco. **E depois como fazem as pazes?** Pronto ela continua zangada mas pronto...

20. Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

É bem como é.

21. Tu sentes que ela gosta de ti?

Sim

22. E tu gostas dela?

Sim

O que gostas mais gostas nela?

Ela às vezes faz-nos coisas especiais...sei lá...como o pequeno almoço, às vezes leva-nos a sítios que a gente nunca foi.

23. Costumam conversar?

Normalmente quando a gente conversa somos as três... mais a minha irmã.

Sobre quê?

Sobre a escola. Falo sobre tudo, quer dizer se calhar há coisas que não falo...

24. E há alguma coisa que tu não fales com ela, mesmo?

Namorados não, isso não.

25. Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contarias?

À minha mãe.

26. Há assim alguma coisa nela que te irrite/incomode muito? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?

Às vezes a gente está a falar e ela começa logo a falar e ela interrompe logo...

27. Então, e como costumavas lidar com isso?

Então digo-lhe: olha agora estava a falar por isso deixa-me.

28. Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?

O pai.

29. E tu o que achas dessas regras? Concordas? São muito diferentes da casa da mãe?

Concordo mas...são diferentes...às vezes chateio-me... porque prefiro fazer outras coisas como ver televisão...ir não sei onde.

30. Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com a tua “madrasta” que aches importante?

História?...durante as férias a gente costuma ir apanhar amoras com ela e é muito divertido...

Estamos quase a terminar...

31. O que é que ela significa para ti, como é que tu a vês?

Uma amiga.

32. O que é que tu achas da palavra “madrasta”?

Ai, acho muito má, não sei, porque é uma palavra que parece que significa que é uma pessoa má, que nos faz mal mas não ela não nos faz.

FIM

ANEXO G
ENTREVISTAS - GRUPO B

Entrevista 1

1. Como te chamas? E que idade tens?

Sou a M. e tenho 13.

2. Vives com quem?

Vivo com a minha mãe

3. Que idades têm os teus pais?

A minha mãe tem 46, o meu pai tem 43 ou 42, se não me engano a minha madrasta tem 50.

4. Tens irmãos?

Tenho dois, um tem 27 e o outro tem 25. O que tem 27 é da parte da mãe, e o outro é só da parte do pai.

5. Então os teus pais estão separados, tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?

Se não me engano tinha 2 anos.

6. E quantos anos tinhas quando o teu pai se juntou novamente?

Tinha para aí uns seis anos.

7. Então, tens uma “madrasta”, como é que tu lhe chamas?

Eu trato por Titi pois ela é como se fósse minha tia e trato-a bem.

8. E quando falas dela para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes?

A minha madrasta.

9. Costumas passar muito tempo com o teu pai e a tua “madrasta”?

Não, é assim o meu pai às vezes trabalha e tenho que ficar com a minha madrasta. Eu só vou de 15 em 15 dias para ele, mas agora ele tem tido fim de semana e passo mais tempo com o meu pai.

10. Então e o Fim-de-semana que passam juntos, ou o dia, ou as férias que passam juntos como é que costuma correr?

Corre bem...por acaso ele hoje vem-me buscar, eles agora também fazem colares não têm muito tempo estão muito no computador, mas às vezes vamos dar uma volta ao parque, passear, ou jantar fora também para variar. Mas ultimamente não temos feito nada de especial.

11. Sabes eu não conheço a tua “madrasta”, por isso gostava que me disseses como ela é?

É de estatura baixa, cabelo curtinho, olhos verdes.

Assim como pessoa?

É muito boa pessoa, mesmo, gosta de crianças, gosta de ajudar, preocupa-se primeiro com os outros e depois é que é ela, se houver algum problema ela tenta logo resolver, é assim, eu gosto dela.

12. Ainda te lembras como a conhecestes, mesmo da primeira vez?

Sim, epá, tipo eu olhei, não a conhecia muito bem, estranhei ...ao princípio não gostava muito dela, porque mas também não a conhecia, mas depois...

13. O que é que achaste lembraste? O teu pai apresentou-te?

Sim apresentou, fui lá a casa dela e ainda estavam lá os dois filhos dela, e **apresentou-me como namorada**. Eu às primeiras vezes não aceitei muito bem mas depois fui aceitando melhor a ideia e pronto.

14. Então e como era a tua vida antes de conheceres a tua madrasta?

Ah não, já não me lembro.

15. Então e o que é que achas que mudou na tua vida depois de a teres conhecido?

16. Há-de ter sido um pouco complicado para ti na altura.lembraste?

Sim, ao princípio tinha ciúmes, tinha medo de perder o meu pai, pronto que ele não desse atenção suficiente, mas pronto depois passou, depois percebi que não havia...

17. Então e agora, como é a tua relação com ela?

É boa, é tipo uma segunda mãe para mim.

18. E desde que a conhecestes até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?

Não acho que ficou sempre tudo igual.

19. Já alguma vez tiveram assim uma zanga as duas? Lembraste como foi?

Não, nunca nos zangámos.

22. Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

Não está que está mesmo bem.

23. Tu sentes que ela gosta de ti?

sim

24. Sentes que ela se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Sim

25. E tu gostas dela?

Gosto

O que mais gostas nela?

Eu gosto que ela se preocupe primeiro com os outros e depois é que está ela, gosto muito , pronto de todos os aspectos.

26. Costumam conversar? Sobre o quê?

Às vezes sobre a minha mãe, ou sobre a escola. Por exemplo se há alguns problemas, por exemplo se a minha mãe me vai levar à escola..se sei lá mas não tenho nenhum problema com a minha mãe.

27. Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contarias?

À minha mãe.

28. E há alguma coisa que tu não fales com ela, mesmo?

Não.

Falas de tudo?

Sim

29. Há assim alguma coisa nela que te irrite/incomode muito? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?

Às vezes ela tem assim um feitizinho mesmo, está muito bem e às vezes muda, mas às vezes passa, também deve ser da idade como eu costumo dizer, ela está bem às vezes pronto implica com o meu pai com alguma coisa que ele fez e eu às vezes fico chateada.

30. Então, e como costumavas lidar com isso?

Não ligo, é como se nada tivesse acontecido.

31. Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?

É a minha madrasta que toma conta, tipo para o meu pai às vezes nem dá pelas horas, nem comer, a minha madrasta é que é: “vamos comer”.

32. E tu o que achas dessas regras? Concordas?

Sim concordo, porque também são parecidas, o que ela faz eu também faço com a minha mãe.

33. Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com a tua “madrasta” que aches importante?

...De momento não me lembro de nada... só houve ...Ah! porque eu fazia patinagem artística e houve uns problemas com o meu pai porque ele não queria que eu fizesse pois eu estava muito pouco tempo com ele. E depois eu chatee-me com a minha madrasta porque acho que ela estava do lado do meu pai. Mas depois passou, falámos e ficou resolvido. Entretanto pronto já não patino, porque depois também houve lá uns problemas na sociedade que era um clube e pronto.

Acho que foi só esse...

Estamos quase a terminar...

34. O que é que ela significa para ti, como é que tu a vês?

Como uma mãe, também.

35. O que é que tu achas da palavra “madrasta”?

Ah...Madrasta parece uma palavra... agressiva, parece que é, quando a gente diz: “a minha madrasta” parece que é uma pessoa má, mas no fundo acho ma-drasta vem de mãe, por isso...

FIM

Entrevista 2

1. Como te chamas? E que idade tens?

2. e tenho 13 anos.

2. Vives com quem?

Com a minha mãe e com o meu irmão.

3. Que idades têm eles (o pai, mãe, madrasta)?

A minha mãe tem 46 o meu pai 45, a minha madrasta tem 36.

4. Tens irmãos? Com que idade?

O meu irmão tem 15.

5. Então os teus pais estão separados, tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?

Devia ter nove ou oito anos.

6. E quantos anos tinhas quando o teu pai se juntou novamente?

Devia ter 10, 11.

7. Então, tens uma “madrasta”, como é que tu lhe chamas?

Pelo nome.

8. E quando falas dela para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes?

Não costumo falar...digo a minha madrasta.

9. Costumas passar muito tempo com o teu pai e a tua “madrasta”?

Só aos fim de semana, fico lá a dormir.

10. Então e o Fim-de-semana que passam juntos, ou o dia, ou as férias que passam juntos como é que costuma correr?

Vamos ao parque, passeamos.

11. Sabes eu não conheço a tua “madrasta”, por isso gostava que me disseses como ela é?

É alta.

Assim como pessoa?

Pessoa? Isso é mais difícil, também não passo muito tempo só aos sábados...não sei sim... é muito simpática.

12. Ainda te lembras como a conhecestes, mesmo da primeira vez?

Mais ou menos...não me lembro muito bem , já foi há algum tempo...estava em casa da minha avó e o meu pai levou lá ela e depois apresentou-me.

13. O que é que achaste lembraste?

Achei sempre que ela era simpática.

14. Então e como era a tua vida antes de conheceres a tua madrasta?

Não mudou muito.

15. Há-de ter sido um pouco complicado para ti na altura.lembraste?

...Não..., eu já sabia que alguma coisa não estava bem, ele também já tinha dito.

17. Tiveste um pouco de ciúmes, lembraste como te sentiste?

Não.

18. Então e agora, como é a tua relação com ela?

É boa, damo-nos bem.

19.E desde que a conheceste até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?

Não

20. Já alguma vez tiveram assim uma zanga as duas?

Não

22. Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

Não, acho que está tudo bem.

23. Tu sentes que ela gosta de ti?

Sim

25. Sentes que ela se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Sim

26. E tu gostas dela?

Gosto

O que mais gostas nela?

Ah não sei.

27. Costumam conversar? Sobre o quê?

Costumamos falar sobre a net, sobre jogos de computador.

28. Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contarias?

À minha mãe.

29. E há alguma coisa que tu não fales com ela, mesmo?

Muita coisa, agente fala é mais de brincadeiras, assim não é coisas importantes.

30. Há assim alguma coisa nela que te irrite/incomode muito? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?

Não...

Não acredito..

xxx...Ah! há uma coisinha só...está-me sempre o tempo todo a chamar...tipo estou num sítio e começa-me a chamar.

31. Então, e como costumás lidar com isso?

Digo que agora não posso, que estou a fazer uma coisa.

32. Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?

O meu pai.

33. E tu o que achas dessas regras? Concordas? Costumas cumpri-las?

Sim, mais ou menos, não gosto de fazer a cama.

34. Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com a tua “madrasta” que aches importante?

Não tenho, quando saio e assim é sempre com a minha madrasta e com o meu pai.

Estamos quase a terminar...**35. O que é que ela significa para ti, como é que tu a vês?**

Hum...como uma amiga.

36. O que é que tu achas da palavra “madrasta”?

Não sei...é-me indiferente.

FIM

Entrevista 3

1. Como te chamas? E que idade tens?

X. tenho 13.

2. Vives com quem?

Vivo com a minha mãe, o meu padrasto e a minha irmã.

3. Que idades têm eles (o pai, mãe, madrasta)?

O meu pai tem 40, a minha madrasta tem trinta e tal e a minha mãe tem 39.

4. Tens irmãos? Com que idade?

Tenho uma que tem 11.

5. Então os teus pais estão separados, tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?

Sete, seis anos.

6. E quantos anos tinhas quando o teu pai se juntou novamente?

Sei que foi muito perto, tinha uns sete.

7. Então, tens uma “madrasta”, como é que tu lhe chamas?

Rita

8. E quando falas dela para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes?

Depende, quando não conhecem digo a minha madrasta, ou a namorada do meu pai.

9. Costumas passar muito tempo com o teu pai e a tua “madrasta”?

Aos fins de semana de 15 em 15 dias.

10. Então e o Fim-de-semana que passam juntos, ou o dia, ou as férias que passam juntos como é que costuma correr?

Correm bem.

11. Sabes eu não conheço a tua “madrasta”, por isso gostava que me disseses como ela é?

É brincalhona, divertida e simpática.

12. Ainda te lembras como a conheceste, mesmo da primeira vez?

Ah...sim lembro-me, ela tinha uma casa no alentejo e fomos para lá e depois ele apresentou-nos, tivémos lá o fim de semana.

13. O que é que achaste lembras-te?

Não sei, não me lembro bem, era diferente porque ainda não tinha padrasto, e foi pouco tempo depois de se divorciarem, eu sei que foi muito perto.

Estranhaste?

Um bocado...

14. Então e como era a tua vida antes de conheceres a tua madrasta?

Não me lembro.

16. Há-de ter sido um pouco complicado para ti na altura, lembras-te?

Depois de a conhecer foi normal, só ao início é que foi um bocado estranho.

17. Então e agora, como é a tua relação com ela?

É boa.

18. E desde que a conheceste até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?

Acho que foi evoluindo, para melhor.

19. Já alguma vez tiveram assim uma zanga as duas? Lembras-te como foi?

Não.

20. Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

Não.

21. Tu sentes que ela gosta de ti?

Sim.

22. Sentes que ela se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Sim.

23. E tu gostas dela?

Sim.

O que mais gostas nela?

Foi o que disse à bocado, ser divertida.

24. Costumam conversar? Sobre o quê?

Algumas coisas...

25. Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contarias?

À minha mãe.

26. E há alguma coisa que tu não fales com ela, mesmo?

Não, acho que falo de quase tudo.

27. Há assim alguma coisa nela que te irrite/incomode muito? Qualquer coisa que tu não gastes ou gastes menos?

Não.

28. Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?

São os dois.

29. E tu o que achas dessas regras? Concordas? Costumas cumpri-las?

Acho bem.

30. Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com a tua “madrasta” que aches importante?

Passamos muitos, mas não me lembro assim de nenhum em especial.

Estamos quase a terminar...

31. O que é que ela significa para ti, como é que tu a vês?

É...não sei explicar(risos), amiga.

32. O que é que tu achas da palavra “madrasta”?

Não gosto, é feio é muito forte. Faz pensar que é má.

FIM

Entrevista 4

1. Como te chamas?

B.

2. E que idade tens?

Tenho 13.

3. Vives com quem?

Vivo com a minha mãe.

4. Que idades têm eles (o pai, mãe, padrasto)?

A minha mãe tem 45, o meu pai tem 47 e a minha madrasta (...) não sei, acho que 40

5. Tens irmãos? Sim.

E sabes que idade têm? Só tenho um, tem 6

6. Então os teus pais estão separados, tu lembraste que idade tinhas quando eles se separaram?

Hum (...) acho que uns 3 ou 4. Mas não tenho a certeza

7. E quantos anos tinhas quando o teu pai se juntou novamente?

Com esta ou com a que tinha antes? **Er... com esta.** foi... foi há uns dois anos, mais ou menos.

8. Então, tens um “madrasta”, como é que tu lhe chamas?

Pelo nome dela.. é para dizer? **Não é preciso.**

9. E quando falas dele para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes?

Se souberem quem é digo o nome dela, mas se não souberem digo que é a namorada do meu pai.

10. Costumas passar muito tempo com o teu pai e a tua “madrasta”?

Aos fins de semana, quando vou lá para casa.

11. E como é passar os fins de semana, as férias, o tempo que estás com ela?

É fixe. Eu gosto dela. Brincamos, ela ajuda-me no que eu quiser, e eu o mesmo com ela

12. Sabes, eu não conheço a tua “madrasta”, por isso gostava que me disseses como ela é?

Então... é simpática, ajuda os outros (...) hum (...) é boa.

13. Ainda te lembras como a conheceste, mesmo da primeira vez?

Sim. Num fim de semana que fiquei com o meu pai ele levou-me a jantar e depois disse-me que tinha uma namorada e se eu me importava de a conhecer ... eu disse-lhe que não. No dia a seguir ela foi ter connosco a um café, foi assim.

14. O que é que achaste lembraste?

Foi simpática.

15. Então e como era a tua vida antes de conheceres a tua madrasta?

Oh.. é que o meu pai teve outra mulher antes desta, e eu não gostava dela. Quando o meu irmão nasceu ela não me deixava fazer nada com ele. Ela era minha educadora.

Esta ou a anterior? A outra, foi por isso que o meu pai a conheceu. Com esta é muito melhor, ela está mais tempo comigo, ajuda-me mais (...)

16. Então e o que é que achas que mudou na tua vida depois de a teres conhecido?

(...) não sei... acho que estou mais tempo com o meu pai. **Do que estavas quando ele era casado com a outra mulher?** Sim. Acho que tem mais tempo para mim.

17. E foi difícil, complicado na altura em que a conheceste? Lembraste?

Um bocadinho. Eu tinha medo que ela fosse igual à outra. Mas depois correu bem, ela não é assim.

18. Tiveste um pouco de ciúmes, lembraste como te sentiste?

Sim (risos). Mas acho que é normal.

19. Então e agora, como é a tua relação com ela?

É... é boa, ela vai comigo às compras, ajuda-me a escolher as minhas coisas (risos)

E desde que o conheceste até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?

Não

20. Já alguma vez tiveram assim uma zanga as duas?

Não. Às vezes lá em casa há discussões mas nem é nada connosco, é mais porque a ex mulher do meu pai não o deixa ver o meu irmão. Eu também já não o vejo há três anos! Mas nós as duas nunca nos zangamos.

21. Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

(...) acho que não... está boa assim.

22. Tu sentes que ela gosta de ti?

Sim.

23. Sentes que ela se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Sim, sempre.

24. E tu gostas dela?

Gosto muito.

E o que é que mais gostas nela?

Sei lá... acho que é... é ela ser minha amiga

25. E vocês costumam conversar?

Sim. **Sobre o quê?** (...) sobre a escola, sobre a ex mulher do meu pai, por causa do meu irmão (...) não sei mais.

26. Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contarias?

À minha mãe.

27. E há alguma coisa que tu não fales com ela, mesmo?

Hum (...) acho que assim... as minhas coisas... rapazes (risos)

Porquê? Consegues explicar?

Não sei... acho que por a conhecer há pouco tempo... não sei...

28. Há assim alguma coisa nela que te irrite/incomode muito? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?

Não.

29. Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?

Isso depende... se for para sobre o jantar é a minha madrasta. Mas se for para decidir onde vamos passear sou mais eu (risos) (...) o meu pai também me diz para fazer os trabalhos de casa, mas como os faço logo depois posso fazer o que quiser.

E tu o que achas dessas regras? Acho bem, são parecidas às que tenho na casa da minha mãe. **E concordas com elas?** Sim **Costumas cumpri-las?** Às vezes (risos) **e quando é que não as cumpres?** Oh (...) quando por exemplo me apetece ficar mais tempo na rua com as minhas amigas... finjo que me esqueço das horas... **e acontece alguma coisa quando não cumpres o que o teu pai e a tua madrasta te dizem?** Eles refilam comigo, é que às vezes ficam preocupados... mas eu depois peço desculpa.

30. Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com a tua “madrasta” que aches importante?

(...) hum (...) não.

Estamos quase a terminar...

O que é que ela significa para ti, como é que tu a vês?

Acho que é uma amiga.

O que é que tu achas da palavra “madrasta”?

(...) agora já gosto mais... mas madrasta faz lembrar uma pessoa má.

FIM

Entrevista 6

1. Como te chamas? E que idade tens?

Chamo-me Nini e tenho 13 anos.

2. Vives com quem?

Vivo com a minha mãe, e vou passar os fim de semana com o meu pai, fim de semana sim fim de semana não.

3. Que idades têm eles (o pai, mãe, madrasta)?

O meu pai fez 50 anos agora, a minha mãe tem 41 e a minha madrasta tem 42, acho eu. O meu padrasto tem 39.

4. Tens irmãos? Com que idade?

Tenho só um irmão da parte do meu pai, tem quatro meses.

5. Então os teus pais estão separados, tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?

Seis anos.

6. E quantos anos tinhas quando o teu pai se juntou novamente?

Acho que tinha...estava no primeiro ano. Sete anos.

7. Então, tens uma “madrasta”, como é que tu lhe chamas?

Maria, é o nome dela.

8. E quando falas dela para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes?

Digo que é a minha madrasta ou a namorado do meu pai.

9. Costumas passar muito tempo com o teu pai e a tua “madrasta”?

Sim, passo os fim de semana e depois vou lá todas as semanas, vou lá fazer uma visita...

Moram perto?

Sim são 5 minutos.

10. Então e o Fim-de-semana que passam juntos que passam juntos como é que costuma correr?

Então...às vezes vamos jantar fora, passeamos, às vezes vamos a casa de amigos, saímos.

11. Sabes eu não conheço a maria, por isso gostava que me disseses como ela é?

É alta, tens os cabelos castanhos.

Assim mais como pessoa?

É simpática, é calminha, e também ah, ela também tem uma filha que anda cá na escola, ela tem 18 anos, e vive com ela e com o meu pai, é simpática, eu gosto dela.

12. Ainda te lembras como a conhecestes, mesmo da primeira vez?

Como é que a conheci?, por acaso lembro-me...

lembro-me que o meu pai tinha uma festa de um amigo, e eu fui à festa e entretanto estavam lá outras crianças, e eu fui para lá e apresentei-me e também estava lá a tina que é filha da minha madrasta, e depois eu fui.(XXX).isto já foi há 5 anos...e depois foi assim, depois o meu pai ía a casa dela e eu estava com o meu pai, mas eu nessa altura eu acho que não sabia que o meu pai tinha qualquer coisa com ela...não sei...foi mais tarde, depois acho que o meu pai me apresentou a ela e depois pronto. Depois ía lá jantar, ficava lá.

Mas na casa do pai?

Não, mas ele só começou a viver com ela agora, desde que nasceu o bebé, há cerca de 5 meses, seis.

13. O que é que achaste lembraste?

Acho que achei simpática, acho que gostei dela.

14. Então e como era a tua vida antes de conheceres a tua madrasta?

Ai era um caos, quando os meus estavam juntos?

Não...

Ah depois , ah depois de se separarem e antes de terem alguém?

Era normal, não me lembro.

15. Então e o que é que achas que mudou na tua vida depois de a teres conhecido?

16. Há-de ter sido um pouco complicado para ti na altura.lembras-te?

Tiveste um pouco de ciúmes, lembras-te como te sentiste?

Foi complicado mas...tipo: "pai não te vais embora" foi difícil, não me lembro muito bem. Naquela altura não sabia o que era os pais estarem separados. Eu vi o meu pai a arrumar as coisas e perguntei-lhe: o que estás a fazer?. E ele disse que ía passar uns dias fora, mas depois voltas: "ainda não sei". E depois explicaram-me, mas sim claro que foi difícil.

Não me lembro muito bem, foi há muito tempo.

E não tiveste assim ciúmes...quando percebeste que o pai tinha uma namorada?

Não... até preferi... ele assim está todo feliz. risos

17. Então e agora, como é a tua relação com a maria?

É boa, falo com ela. Não tenho problemas de ficar com ela. Se ela me pede para ir ao supermercado ou ficar com o mano eu fico lá.

18. E desde que a conheceste até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?

Não, acho que sempre foi assim

19. Já alguma vez tiveram assim uma zanga as duas?

Não.

21. Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

Não. Por mim está tudo bem.

22. Tu sentes que ela gosta de ti?

Acho que sim...senão tratava-me mal.

23. Sentes que ela se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Hum hum...

24. E tu? gostas dela?

Eu gosto.

O que mais gostas nela?

Não grita...odeio berros... sei lá gosto quando ela vem ter comigo e a tina e diz : meninas temos de ir convencer o pai a ir sair.

25. Costumam conversar? Sobre o quê?

Não sei...tipo conversa normal.

26. E há alguma coisa que tu não fales com ela, mesmo?

Porquê? Consegues explicar?

Sim sobre namorados não falo , não gosto nada disso, só falo com a minha mãe, ela é uma chata.

27. Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contarias?

Ao meu pai ou à minha mãe.

28. E há assim alguma coisa nela que te irrite/incomode muito? Qualquer coisa que tu não gastes ou gastes menos?

Não.

30. Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?

Então practicamente todos ajudamos, quando o mano está a dormir é normalmente, quando o mano não está a dormir ou vai o pai adormeçê-lo ou a maria a dar-lhe de comer.

Agora ainda anda tudo à volta do bebé?

Não, por acaso não, já foi mais.

31. E tu o que achas dessas regras? Não achas muito diferente da casa da tua mãe.

Não, não gosto que a minha mãe berre, a minha mãe muito stressada. Entra a 100 e sai a 200.

32. Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com a tua “madrasta” que aches importante?

Fomos para XXXX...de férias eu, a tina e a maria, depois o meu pai foi lá ter e pronto estávamos lá as três.

Estamos quase a terminar...

33. O que é que ela significa para ti, como é que tu a vês?

...Obrigada por nos terem dado um irmão...risos.

Querias muito um irmão?

Sim, eu e a Tina já estávamos paí há 2 anos a pedir um irmão, Vá lá! mas eles já tinham tentado o ano passado mas aos 3 meses de gravidez aconteceu qualquer coisa e o bebé deixou de respirar e depois no próximo ano nós pedimos outra vez e correu bem...

Mas além disso...

É namorada do meu pai.(dah)

34. O que é que tu achas da palavra “madrasta”?

Acho cómica...sim não sou nada como aquelas pessoas: ai madrasta é má e sei mais o quê, e padrastos e coisas horríveis e são maus.

Sentes que as pessoas pensam isso?

Sim muitas mesmo, e dizem Ah e não é madrasta, não está casada com o teu pai.

Normalmente digo sempre namorada do meu pai, mas às vezes digo madrasta é uma qualquer, não me faz diferença isso.

Pronto terminámos...

Até da parte da minha mãe eu com o namorado dela às vezes digo : Oh padrasto, e ele não gosta pois faz que se sinta um pessoa má e eu a gozar com ele digo: Oh padrasto anda cá.

Mas o teu padrasto também vive com vocês?

Vive, paí há um ano.

FIM

1. Como te chamas? E que idade tens?

A. tenho treze anos

2. Vives com quem?

Com a minha mãe e com a minha avó.

3. Que idades têm eles (o pai, mãe, madrasta)?

A minha mãe tem 36, o meu pai tem 48, a minha madrasta tem 40.

4. Tens irmãos? Com que idade?

Tenho 2, uma não sei e a outra tem cinco. A que não conheço é filha do meu pai com outra mulher antes da minha mãe. A que tem cinco anos é filha da madrasta com o meu pai.

5. Então os teus pais estão separados, tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?

Eles separaram-se quando eu tinha uns dois ou três meses.

6. E quantos anos tinhas quando o teu pai se juntou novamente?

Não sei porque ele nunca deu notícias...eu só conheci o meu pai há cinco anos, quando ele se casou com a minha madrasta, antes não o conhecia...

Mas ele procurou-te?

Sim e depois ao fim de dois anos conheci a minha madrasta e a minha irmã.

7. Então, tens uma “madrasta”, como é que tu lhe chamas?

É a F. Pelo nome.

8. E quando falas dela para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes?

Digo que é a F., Madrasta e depois digo logo “boa”drasta...sim por ela é boa.

9. Costumas passar muito tempo com o teu pai e a tua F.?

É um dia quando... dá, às vezes é seis meses outras vezes é três meses, ou às vezes é mesmo assim de semana a semana, mas é raro.

Mas combinam?

Sim, combinamos os dois.

10. Então e o Fim-de-semana que passam juntos, ou o dia, ou as férias que passam juntos como é que costuma correr?

Ah...tou sempre a brincar com A I. que é a minha irmã, falo com a F. sobre F.Q. pois ela é professora de F.Q. e farto-me de gozar com o meu pai pois ele faz-nos rir tanto.

11. Sabes eu não conheço a tua “madrasta”, por isso gostava que me disseses como ela é?

É muito protectora...é querida...

Protectora como?

Está sempre com medo que agente se constipe então manda-nos levar o kispo mesmo quando está sol e está sempre assim...lembro-me de uma vez ela estar a tirar a casca das uvas pois leu num sítio qualquer que fazia mal.

12. Ainda te lembras como a conhecestes, mesmo da primeira vez?

Não me lembro dela, lembro-me da minha irmã que era bebé e estava muita fofinha.

13. O que é que achaste lembraste?

Fiquei feliz por ter uma irmã e fiquei com medo da minha madrasta(risos)...primeiro estava nervosa porque normalmente fico nervosa ao conhecer uma pessoa e depois sim estava com medo de saber como ela era porque normalmente eu ouvia muito aquelas histórias das madrastas...sei lá!

14. Tiveste um pouco de ciúmes, lembras-te como te sentiste?

Não, a minha mãe preparou-me logo desde pequenina, tem uma mente muito aberta.

15. Então e agora, como é a tua relação com ela?

É boa, parece uma segunda mãe, às vezes.

19. E desde que a conhecestes até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?

Não.

20. Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

Não

21. Tu sentes que ela gosta de ti?

Sim

22. Sentes que ela se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Sim.

23. E tu gostas dela?

Gosto

O que mais gostas nela?

Os cozinhados, porque o pai dela é indiano é comida diferente e eu gosto muito.

24. Costumam conversar? Sobre o quê?

Sim, sobre notas da escola e sobre amigos...

25. E há alguma coisa que tu não fales com ela, mesmo?

Sobre rapazes?

Ah Isso não falo, isso é com a minha mãe.

26. Há assim alguma coisa nela que te irrite/incomode muito? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?

Ah...às vezes é difícil também lidar com ela, porque ela não está muito habituada aquilo que eu sou. Por exemplo eu estou habituada às vezes a mandar mensagens e ela está sempre a dizer: ai estás a mandar tantas mensagens, blá blá. Larga o telemóvel.

E a tua mãe?

Ela não diz nada porque está habituada a mandar mensagens.

Então a F. Não está habituada, não percebe?

Pois para ela o telemóvel é mesmo só para fazer chamadas.

27. Então, e como costumás lidar com isso?

Eu digo:ah não é nada estou só a dizer uma coisa da escola...às minhas colegas.

28. Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?

Não corre assim muito bem. As horas de comer são cedo, mas acabamos muito tarde por causa da I. que demora duas horas. Mas é a F.

29. E tu o que achas dessas regras? Concordas? Costumas cumpri-las?

(...) Acho fofinho...mas a mania dela estar sempre ali a varrer tudo faz-me um bocado de confusão. A arrumar e a varrer.

30. Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com a tua “madrasta” que aches importante?

Fomos passear com a I. não me lembro onde, foi giro fartamo-nos de andar e a minha irmã não queria sair do parque, foi giro.

Estamos quase a terminar...

31. O que é que ela significa para ti, como é que tu a vês?

(...) Eu nunca pensei nisso... significa a mãe da I.,sim a mulher do meu pai, mais nada.

32. O que é que tu achas da palavra “madrasta”?

Acho que... como é que eu hei-de dizer...porque parece que a palavra madrasta é má e nem todas as madrastas são más.

FIM

1. Como te chamas? E que idade tens?

D. tenho 13 anos

2. Vives com quem?

Com a minha mãe, com o meu padrasto e com o meu irmão.

3. Tens irmãos? Com que idade?

Tenho um da minha mãe com o meu padrasto que vai fazer dois anos

4. Então os teus pais estão separados, tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?

Acho que tinha 3 anos.

5. E quantos anos tinhas quando o teu pai se juntou novamente?

Não me lembro...era já mais velha...acho que tinha uns 10 anos.

6. Então, tens uma “madrasta”, como é que tu lhe chamas?

Chamo pelo nome dela.

7. E quando falas dela para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes?

Não costumo falar muito dela...mas digo que é a mulher do meu pai.

8. Costumas passar muito tempo com o teu pai e a tua “madrasta”?

Não, eu raramente tou com ele, ele raramente vem-me buscar, vejo nos anos do meu irmão, ou dos meus avós ou dele ou da S. ou nos meus, no natal, na páscoa.

Mas vive longe?

Não, ele vive também aqui perto.

E o teu pai e a tua madrasta tem filhos?

Sim, tem um, acho que tem para aí uns cinco.

Mas dão-se bem?

Sim, mas ele raramente vai lá, ele telefona-me para ir ter com ele...

E tu não ligas ?

Não, porque ele às vezes não está cá, vai trabalhar para fora.

9. Então mas quando estão juntos como é que costuma correr?

Vamos dar uma volta, vamos passear, às vezes fico lá em casa com o meu irmão e com eles também, outras vezes vamos aos meus avós da parte do meu pai.

10. Sabes eu não conheço a tua “madrasta”, por isso gostava que me disseses como ela é?

Ela é simpática, eu dou-me bem com ela.

11. Ainda te lembras como a conhecestes, mesmo da primeira vez?

Não....

Mas já tinhas10?

Sim, não sei, se secalhar eras mais nova...pois eu já a conhecia antes de eles terem o filho...Tinha 8? Não me lembro, não me lembro de ele ter apresentado e isso.

12. Então e agora, como é a tua relação com ela?

É boa.

13. E desde que a conhecestes até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?

Sim, eu no início não simpatizava muito com ela...agora já...porque pronto ao início achava que era o meu pai e a minha mãe e agora pronto estavam separados e eu tinha duas mães pronto e dois pais.

Achaste aquilo um bocado estranho?

Foi.

Não gostaste logo dela?

Não, mas depois comecei a partilhar mais com ela....

E já alguma vez se zangaram?

Não.

16. Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

Não.

17. Tu sentes que ela gosta de ti?

Sim.

18. Sentes que ela se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Sim.

19. E tu gostas dela?

Gosto.

O que mais gostas nela?

Gosto de tudo.

20. Costumam conversar? Sobre o quê?

Sim, sobre tudo.

Namorados também?

Sim

Que idade tem a S.?

Vinte e oito, o meu pai tem trinta e tal.

21. Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contarias?

À minha mãe.

22. E há alguma coisa que tu não fales com ela, mesmo?

Não.

23. Há assim alguma coisa nela que te irrite/incomode muito? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?

Não.

24. Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?

A gente nunca come lá em casa, vai sempre ao restaurante ou a casa dos avós.

25. Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com a tua “madrasta” que aches importante?

Não.

Estamos quase a terminar...

26. O que é que ela significa para ti, como é que tu a vês?

Como uma segunda mãe.

27. O que é que tu achas da palavra “madrasta”?

É um bocado feia, não sei essa palavra...madrasta agente... quando era pequenina ouvia madrastras são as más....não sei eu não gosto de chamar a madrasta.

FIM

1. Como te chamas? E que idade tens?

Sou a B. e tenho 13 anos

2. Vives com quem?

Com a minha mãe.

3. Que idades têm eles (o pai, mãe, madrasta)?

A minha mãe tem 40 anos, o meu pai tem 41 ou 42 não tenho a certeza.

4. Tens irmãos? Com que idade?

Sim tenho dois, um irmão de 16 não...que vai fazer 18 em Dezembro e outro que tem 3 anos, acho eu, mas não costumo ver muitas vezes.

Vivem com quem?

O de 18 vive com a avó o de 3 vive com o meu pai e com a minha madrasta. O pai é de todos só que cada um tem a sua mãe.

5. Então os teus pais estão separados, tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?

Tinha uns três anos.

6. E quantos anos tinhas quando o teu pai se juntou novamente?

Não me lembro, mas tinha uns 10 anos ou nove.

7. Então, tens uma “madrasta”, como é que tu lhe chamas?

A. pelo nome.

8. E quando falas dela para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes?

Digo que é a minha madrasta

9. Costumas passar muito tempo com o teu pai e a tua “madrasta”?

Não costumo estar muito tempo porque ele trabalha numa empresa e não tem muito tempo, ele agora foi para XXXX e como é bom porque lá pagam melhor, para nos sustentar aos três, agora vamos-nos ver menos vezes.

10. E quando estão juntos como é que corre?

Nada de especial, ficava lá a dormir quando o meu irmão era mais pequenino, havia mais espaço, agora já não.

11. Sabes eu não conheço a tua “madrasta”, por isso gostava que me disseses como ela é?

Eu já não vejo há algum tempo, mas ela é assim um bocadinho baixinha, loira, de cabelo curtinho aos caracóis...

Assim como pessoa?

Ah é simpática, é querida...

12. Ainda te lembras como a conhecestes, mesmo da primeira vez?

Não me lembro...era muito pequenina. Não sei.

13. O que é que achaste lembras-te?

Eu acho que simpatizei logo com ela, que eu nunca tive problemas com ela.

14. Então e o que é que achas que mudou na tua vida depois de a teres conhecido?

Era igual. Porque ele sempre que pode está comigo.

15. Não tiveste ciúmes?

Não.

16. Então e agora, como é a tua relação com ela?

É boa.

17. E desde que a conhecestes até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?

Não, acho que está tudo igual.

18. Já alguma vez tiveram assim uma zanga as duas?

Não.

19. Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

Não.

20. Tu sentes que ela gosta de ti?

Sim

21. Sentes que ela se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Sim

22. E tu gostas dela?

Sim

O que mais gostas nela?

Acho que ela é muito querida, gosto dela nessa parte que é muita querida para mim.

23. E Costumam conversar?

Às vezes.

24. Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contarias?

À minha mãe.

25. Há assim alguma coisa nela que te irrite? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?

Não.

26. Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?

Quando eu ía lá, eu almoçava lá, com o meu pai, a minha madrasta e o meu irmão, é tudo normal é como na minha casa.

27. Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com a tua “madrasta”?

Sim, às vezes o meu pai ficava em casa e eu ía com ela e com o meu irmão íamos lá a um parque ao pé buscar pinhas, porque o meu irmão gosta muito de pinhas. Ía lá quase todos os dias quando ía lá ter com eles.

Estamos quase a terminar...

28. O que é que ela significa para ti, como é que tu a vês?

Como uma amiga, madrasta também.

29. O que é que tu achas da palavra “madrasta”?

Toda a gente diz que é ser mau ou assim, eu acho que depende da pessoa, eu acho que toda a gente tem o seu feitio e só pelo nome não podemos...julgar as pessoas.

FIM

1. Como te chamas? E que idade tens?

M. e tenho 13 anos

2. Vives com quem?

Com a minha mãe.

3. Que idades têm eles, a tua mãe?

34, o meu pai 44 e a minha madraste tem 28.

4. Tens irmãos?

Não

5. Então os teus pais estão separados, tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?

Tinha 4 anos.

6. E quantos anos tinhas quando o teu pai se juntou novamente?

Tinha 10.

7. Então, tens uma “madrasta”, como é que tu lhe chamas?

Chamo-lhe Z. que é o nome dela.

8. E quando falas dela para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes?

É a madrasta.

9. Costumas passar muito tempo com o teu pai e a tua “madrasta”?

Não, o meu pai trabalha no XXXX e só vem para aí umas 4 vezes por mês.

Mas costumam estar com ele quando ele vem cá?

Sim, ultimamente não tenho ficado lá a dormir pois não me dá jeito.

10. E quando ele vem cá, vais sempre como é que combinam?

Quando ele vem, se eu tiver alguma coisa para fazer faço e depois é que vou ter com ele.

E como é que corre, o que costumam fazer?

Nada de especial...

11. Sabes eu não conheço a tua “madrasta”, por isso gostava que me disseses como ela é?

Como assim? Fisicamente?

Psicologicamente, como a descreves?

Não sei...não sei descrevê-la.

12. Ainda te lembras como a conhecestes, mesmo da primeira vez?

Sim, ela é sobrinha de uns amigos do meu pai que já se conhecem há anos e foi aí, foi num dia qualquer... sim estava na minha avó que mora lá perto e eles apareceram lá em casa da minha avó.

13. O que é que achaste lembras-te?

Não sei, já foi há tanto tempo...

Mas percebeste logo que era namorada dele?

Sim...porque ele ía levá-la e queria ir sempre sozinho com ela.

Achaste o quê?

Achei bem, achei que era simpática.

14. Então e o que é que achas que mudou na tua vida depois de a teres conhecido?

Mudou, o meu pai ficou um bocado mais....mais...arrogante.

Como?

Não sei, ela também no início era muito simpática mas depois eles casaram-se e ela também ficou um bocado...

Mas achas que estás menos tempo com o teu pai?

Estou...

Mas porquê?

Porque.. também vou para lá e não há muito convívio e pronto às vezes acho que não vale muito a pena ir para lá.

15. Há-de ter sido um pouco complicado para ti na altura e agora não tens ciúmes dela, raiva?

Sim tenho...

16. Então e agora, como é a tua relação com ela?

Epá... raramente...quer dizer nós cumprimentamo-nos e isso, mas também não trocamos assim muitas palavras.

17. E desde que a conhecestes até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?

Mas eles também só se casaram este verão...Sim, porque no início ela era assim muito simpática mas depois ficou mais arrogante.

18. Já alguma vez tiveram assim uma zanga as duas?

Sim, mais ou menos...foi que eu tinha uma cadela e ela não gosta de animais e quando ela foi lá para casa a cadela desapareceu, e o meu pai disse que ela tinha sido roubada no Algarve, só que depois ela estava a dizer tipo que a cadela tinha ido embora porque ela não gostava de cães. E eu fiquei um bocada chateado com o meu pai porque ele estava a dizer que ela tinha sido roubada e e ela a dizer que tinha desaparecido...não que ele é que tinha tirado a cadela de casa.

19. E como é que isso se resolveu?

Depois liguei para o meu pai, e o meu pai disse que ela tinha mesmo desaparecido e não percebia porque ela tinha dito isso

20. Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

Não sei...

Mas gostavas que fosse diferente?

Para mim está bem assim.

21. Tu sentes que ela gosta de ti?

Não sei...mais ou menos...ela implica muito comigo.

Mas o que é que tu sentes?

Que não gosta muito de mim.

22. E tu gostas dela?

Não.

23. Costumam conversar?

Não conversamos

24. Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contarias?

À minha mãe.

25. Há assim alguma coisa nela que te irrite/incomode muito? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?

Ela tem assim uma forma de falar um bocado fria.

26. Então, e como costumavas lidar com isso?

Pois não ligo, apetece-me responder da mesma forma.

E fazes isso?

Às vezes faço.

27. Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?

O meu pai.

28. E tu o que achas dessas regras? Concordas? Costumas cumpri-las?

Sim.

29. Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com a tua “madrasta” que aches importante?

Não

Estamos quase a terminar...

30. O que é que ela significa para ti, como é que tu a vês?

Não sei...

Quando pensas nela, qual a importância, qual assim o papel que tem na tua vida?

Papel? não tem nenhum papel na minha vida.

31. O que é que tu achas da palavra “madrasta”?

Madrasta parece uma pessoa má, é por conta dessas histórias e isso, essa palavra acho que não devia existir.

FIM

Entrevista 14

1. Como te chamas? E que idade tens?

F. e tenho treze anos

2. Vives com quem?

Com a minha mãe e com a minha irmã.

3. Que idades têm eles?

A minha mãe tem 41, o meu pai tem 53 e a minha madrasta tem 35.

4. Tens irmãos? Com que idade?

Tem sete, a minha irmã é filha de outro, mas que também se separou da minha mãe quando a minha irmã tinha um ano.

5. Então os teus pais estão separados, tu lembras-te que idade tinhas quando eles se separaram?

Tinha dois anos.

6. E quantos anos tinhas quando o teu pai se juntou novamente?

Acho que estava no 3ºano, oito anos sim oito.

7. Então, tens uma “madrasta”, como é que tu lhe chamas?

Chamo o nome dela.

8. E quando falas dela para outras pessoas, para os teus amigos como é que tu te referes?

Namorada do pai. Quer dizer agora faz-me um bocado de confusão... não digo a mulher do meu pai, digo namorada do meu pai à mesma.

Eles casaram?

Casaram. Às vezes engano-me...

9. Costumas passar muito tempo com o teu pai e a tua “madrasta”?

Não...O meu pai está sempre a mudar de país, agora está a viver em XXXX, no verão é sempre um mês seguido lá... o que irrita um bocado, também no natal, na páscoa estou sempre com ele, vou estar com ela agora em Dezembro. Normalmente é uma vez por mês, antes era uma vez por mês, agora é uma vez de dois em dois meses.

10. Então e o Fim-de-semana que passam juntos, ou o dia, ou as férias que passam juntos como é que costuma correr?

O meu pai gosta muito de andar, e então depois há sempre discussões porque eu nunca quero andar.

Mas gostas de estar lá com eles?

...Gosto...

11. Sabes eu não conheço a tua “madrasta”, por isso gostava que me disseses como ela é?

É simpática, resmungona...sei lá...tem os seus feitios e tem de ter tudo sempre organizado, e se eu tiver alguma coisa desarrumado: “Ai F. arruma isto”.

12. Ainda te lembras como a conhecestes, da primeira vez?

A primeira vez que a vi, estava com os meus tios e foi só um beijinho.

Mas soubeste logo que era namorada do pai?

Não... na altura ele tinha outra namorada, (risos) depois é que ficaram juntos... nem sei como...

Não sabes como?

Sei lá...nem tenho interesse em saber...

13. O que é que achaste dela lembras-te?

Mais uma...tinha que conhecer mais uma.

Mas gostaste logo dela?

Ah... quer dizer eu não, eu só achei muita piada a uma...mas pronto teve que ser.

14. Então e o que é que achas que mudou na tua vida depois de a teres conhecido?

Mudou bastante, antes eu todos os quinze dias eu ía ao meu pai, o meu pai era muito mais simpático, mais brincalhão, uma criança pronto, agora é muito mais...sempre ali a ver os trabalhos, se tenho os testes.

Achas que mudou em relação a ti?

Acho que mudou em relação a toda a gente.

Mas achas que isso tem a ver com a I.?

Sim.

15. Nunca te zangaste com ela, ciúmes?

Não, com ela não.

16. Então e agora, como é a tua relação com ela?

Se ela não me chatear eu também não a chateio.

Mas conversam?

Não.

17. E desde que a conheceste até agora achas que mudou alguma coisa na vossa relação?

Não

18. Gostavas de mudar alguma coisa na vossa relação?

...Sei lá, que viessem viver para cá.

19. Tu sentes que ela gosta de ti?

Sim, eu acho sim.

20. Sentes que ela se preocupa contigo, com as tuas coisas?

Sim

21. E tu gostas dela?

Sim, não é não gostar, é como a minha turma, gosto, são da minha turma, já os conheço.

O que mais gostas nela?

Quando o meu pai me manda andar, ela ajuda-me a não ir andar.

22. Se tivesses assim algum problema a quem é que tu contarias?

À minha mãe, às minhas tias, à minha madrinha.

23. Há assim alguma coisa nela que te irrite/incomode muito? Qualquer coisa que tu não gostes ou gostes menos?

Ah... quando se chateia com alguma coisa, está ali aos berros e que ela é que tem razão, e depois vai-se embora...sei lá!

24. Então, e como costumavas lidar com isso?

Eu vou-me embora...nem que vá lá para fora.

25. Como é que funcionam as coisas lá em casa, assim as regras, os horários quem é que toma conta disso?

É ela, ela é que tem de ter tudo organizadinho por exemplo se eles estão a trabalhar eu saio vou ter com os meus amigos à piscina...

26. Lembras-te assim de alguma história, um episódio que se tenha passado contigo e com a tua “madrasta” que aches importante?

Ah ouve uma vez que eu pensei que...quando eu fui com uma amiga minha para XXXX, eu pensei que ela estava contra mim e com a minha amiga e eu estava sozinha e o pai também já não gostava de mim.

Mas como?

Ah foi porque eu estava sempre a discutir com uma amiga minha, quer dizer não fui eu que a convidei foi o meu pai e ele pensava que eu gostava muito dela e disse sim está

bem e vamos e depois nesse dia discuti tanto com ela que a I ouviu foi lá, “ai F. não grites” e eu : “cala-te” e depois fui-me embora furiosa para o quarto.

Achaste que eles não gostavam de ti?

Exactamente, achei que ela estava a pôr o meu pai contra mim...

27. Então e depois como é que isso se resolveu?

Oh...tive que ir pedir desculpas e que era tudo mentira...

Estamos quase a terminar...

28. O que é que ela significa para ti?

...sei lá, ajuda-me nas discussões com o meu pai, é uma amiga.

29. O que é que tu achas da palavra “madrasta”?

Horrível, não sei, eu não considero como uma madrasta considero como uma pessoa que faz parte da vida do meu pai, não é uma madrasta, uma madrasta até parece que é uma pessoa má e que casa com o pai e depois faz a vida negra às filhas...por isso é que eu digo sempre tio ou tia.

FIM